

REVISTA DA SEMANA

N.º 18

Cr\$ 2,50 na Capital 3,00 nos Estados

5-5-945



**SUPLEMENTO COM
NOVOS MAPAS DA
GUERRA**





Eter TRIUNFO SUBLIME NA LUTA CONTRA A DOR

ANO após ano, milhões de pessoas procuram constantemente na cirurgia moderna alívio para suas dores e enfermidades.

Sua fé na habilidade do cirurgião é aumentada pelo conhecimento de que, graças à anestesia, seus sofrimentos serão eliminados. O éter, pela sua ação anestésica, não só fez desaparecer o terror que a cirurgia inspirava como também tornou possíveis operações que, sem anestesia, jamais poderiam ser realizadas. A pureza do éter anestésico é de vital importância, tanto para o cirurgião como para o paciente.

Há muito tempo que a Casa Squibb tem sido uma das primeiras na produção de éter anestésico. De fato, foi em

1850 que o Dr. Edward R. Squibb tornou o éter um elemento inócuo para as operações, criando o processo de "distilação contínua", que assegura pureza e uniformidade. Esse mesmo processo é o que se usa hoje em dia nos grandes laboratórios Squibb — melhorado e aperfeiçoado constantemente por métodos modernos.

Desde a data da sua fundação, a Casa Squibb se vem dedicando à causa de melhor saúde para toda a humanidade. Trabalhando em estreita cooperação com a classe médica, produz preparados farmacêuticos da mais alta qualidade, para hospitais e para o lar. Cada um deles, sem exceção, contém o Ingrediente de Valor Inestimável: a honra e a integridade do fabricante.



Dr. Edward R. Squibb, fundador da Casa Squibb e criador do processo de "distilação contínua", para assegurar a pureza e a uniformidade do éter anestésico.

OCUPAM LUGAR DESTACADO ENTRE OS PRODUTOS SQUIBB

Penicilina — Anestésicos — Antivenéreos — Sulfonamidas — Produtos Glandulares, Vitaminicos e outros, bem como Dentífríos e Preparados Medicinais para o lar.



PROCURE O SÊLO DA CASA SQUIBB

E·R·SQUIBB & SONS. NEW YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

SQUIBB

é um nome em que se pode confiar



Uma pôse especial de Luiz Carlos Prestes para a REVISTA DA SEMANA, feita na manhã de sua entrevista coletiva, ainda em ordem do dia, submetida a toda a sorte de comentários. O "leader" anti-fascista está ladeado pelo nosso redator-secretário Celestino Silveira, nosso colaborador Alvaro Moreyra e o nosso redator Celius Aulicus.

No salão da Associação Brasileira de Imprensa estavam reunidos os "rapazes". E as moças também, pois lá se encontravam elementos femininos do jornalismo. Estenógrafas. Locutores. Comentaristas dos jornais impresso e falado. Todos esperavam com ansiedade a palavra do homem que, semanas antes, continuava no cárcere, quando ninguém então podia admitir tão depressa pudesse, livre, comunicar-se conosco.

A notícia correria à última hora. O velho lutador anti-fascista ia falar à Imprensa às 8.30 da manhã. E cinquenta minutos antes da hora marcada todas as cadeiras estavam tomadas. Prestes não aparecia.

Finalmente chegava a notícia: ele receberia o pessoal na residência de seu antigo companheiro de lutas, o capitão Trifino Correia, nas Laranjeiras. Uma legião de taxis levou-nos a casa do revolucionário. Ali já se encontrava, sentado à cabeceira de uma longa mesa, o comandante da coluna invicta. Era a primeira vez que muitos jornalistas o viam de perto.

A fisionomia de Prestes é das que não se esquecem facilmente. Ele se mostrava sereno, mas em seus traços faciais via-se a longa espera pela liberdade, de par com a marca das vitórias e dos reveses de sua longa marcha pelos sertões brasileiros, depois o sofrimento de nove anos de cárcere.

E o "leader" falou à Nação, através de centenas de periódicos. Falou com firmeza e sinceridade. De sua cultura e de seus propósitos tínhamos conhecimento através de seus atos passados. Assim mesmo, sua dialética e seus conhecimentos profundos de política sur-

preenderam. E falou, pregando a pacificação da família brasileira, lembrando a luta da Fôrça Expedicionária, pedindo à Imprensa fôsse a mensageira de seus agradecimentos ao povo, pela campanha da anistia, culminando com a libertação dos presos políticos. Cumpre agora ao povo pedir ainda anistia. Anistia ampla e irrestrita. E — acrescentou — cumpre ao Governo ampliar a ação do decreto que abriu as portas da prisão aos condenados políticos, pois a verdadeira anistia não é representada por um "alvará de soltura". Essa palavra tem um sentido mais amplo, um significado universal. Ela quer dizer esquecimento, confraternização. Exprime a participação de todos os brasileiros na vida pública do país. Traduz o direito de todos os cidadãos participarem nos destinos da Pátria.

Nossos presos políticos foram libertados mas não obtiveram ainda a anistia desejada. Ela só será consumada quando puderem trabalhar e viver livremente ao lado dos outros brasileiros, em pé de igualdade com os demais cidadãos, irmanados pelo mesmo ideal patriótico, sem distinção de crenças ou ideologias.

Abertas as portas da prisão para os presos políticos, que se abram também agora para eles as portas da vida.

Foi por isso oportuna e surpreendente a palavra de Luiz Carlos Prestes, de larga repercussão em todos os setores políticos.

Semanas atrás, sem as medidas postas em prática desde a libertação da Imprensa, era absurdo presumir que tão depressa tal entrevista fôsse concedida.

PRIMEIRA ENTREVISTA DE PRESTES



Mrs. Roosevelt, mãe de Franklin Delano Roosevelt, por ocasião de seu 80.º aniversário natalício, em companhia dos filhos, netos e bisnetos. Ao fundo, em pé, Franklin Jr., Elliott, James e John. Sentados, Mrs. Franklin D. Roosevelt, Mrs. James Roosevelt e o ex-presidente. No primeiro plano, Mrs. Elliott, Mrs. James, a pequena Sarah, Ana Eleanor, Curtis e Ana.

O MENINO FRANKLIN

TOMBOU o grande lidador democrático, o destruidor de Estados fascistas, o restaurador de liberdades públicas, o amigo dos povos oprimidos. Sua ação benéfica e sua influência maravilhosa se estenderam por todo o orbe. Nós próprios sentimos, nas transformações da nossa estrutura política e do nosso panorama social, os efeitos desse dinamismo gigantesco, desse poderoso revolvedor de entulhos e pestilências. E' cedo ainda para se estudar a grandeza dessa personalidade excepcional. Mas pode-se dizer que, dentro da história norte-americana, já apareceu alguém capaz de superar George Washington e Abraham Lincoln. E que, no cenário mundial, já surgiu um homem capaz de operar maiores transformações do que Napoleão Bonaparte, com a circunstância de haver dado à sua ação um caráter eminentemente construtivo.

Mas não é propriamente do homem de Estado que desejo falar. Prefiro reportar-me à distante infância de Franklin Delano Roosevelt, há meio século atrás. Vejo-o aqui, numa velha fotografia, abraçado à mãe, que foi uma das mulheres mais lindas do seu tempo. Era um bonito menino o filho de Sarah Delano Roosevelt, nessa fotografia datada do ano de 1893, já vestido como um homenzinho, o cabelo repartido ao meio, colarinho largo, plastron e coletinho de xadrez. Já estava, então, fazendo estudos de línguas, com a governanta francesa Mlle. Jeanne E. Sandoz. Não era mais o pequeno garatujador de cartões postais, que em 1889, pelo Natal, escrevia à mãe uma mensagem toda em maiúsculas, com letra incerta, pedindo-lhe uma caixa de blocos para edificar pequenas casas,

*their gods. I'll tell you
about them: First, the
sun, the moon and a bird
called L'bis Second, the
ocean, their dogs, the cats
and by jingo! the very
vegetables in their garden!*

Ao alto, página de um caderno escolar de Roosevelt, no qual vemos um trecho de versão de "Sur l'Histoire Ancienne", vendo-se a caligrafia infantil do que devia ser, mais tarde, o grande estadista da sua época. Em baixo, cartão postal enviado por Franklin Delano Roosevelt à sua mãe, Sarah, no Natal de 1889, todo escrito a "letra de imprensa", pelo garoto que já então se revelava um grande e amoroso filho.



MY DEAR MAMA. I WILL TELL
YOU WHAT I WANT FOR CHRIST-
MAS. I WANT A BOX OF BLOCKS
AND A TRAIN OF CARS AND SOME
LITTLE BOATS BUT I THINK I
DON'T WANT ANY THING ELSE
GOOD BYE YOUR LOVING
FRANKLIN

ROOSEVELT

um trem de carros e alguns barquinhos, mesmo porque não desejava mais coisa alguma além disso...

Mas em 1893 tinha êle grandes dificuldades ortográficas. A língua inglesa tem grandes mistérios prosódicos e ortográficos. Não tem sido à toa que Bernard Shaw vive eternamente a propor uma reforma ortográfica à intransigente e conservadora Inglaterra. Roosevelt grafava, então, "suspishous" em lugar de "suspicious", procurando seguir mais de perto o som da palavra. Em vez de grafar povo como devia — p-e-o-p-l-e — grafava "poepel". Mas se não interpretava bem a palavra ortograficamente nessa época distante, havia de interpretá-la politicamente de maneira admirável, no futuro...

Uma das fases mais interessantes da vida escolar do futuro campeão do mundo livre foi a dos estudos de francês. Quando, no dia histórico da invasão do Norte da África, Roosevelt se dirigiu ao povo francês, em eloquente discurso, exclamando, no final, "Vive la France éternelle!", deve ter dado por bem gasto o tempo em que quebrara a cabeça, ao lado de Mlle. Sandoz, para se inteirar dos segredos da língua de Voltaire e de Jean-Jacques Rousseau.

Mlle. Sandoz se deliciava com os exercícios de francês do menino Franklin. Êle fazia traduções de "Sur l'Histoire Ancienne" para o inglês, mas enxertava na tradução comentários da sua própria lavra. Num desses exercícios êle próprio julgava o seu estilo, dizendo modestamente: "Très mal écrit". E em seguida: "Tournez 15 pages". No meio dos seus ditados, em francês, o menino Franklin também enxertava observações pessoais, reações suas, o resultado das suas próprias experiências. E já demonstrava, assim, a forte personalidade que possuía.

Neste ditado, por exemplo, o que é dêle está em letras capitais: "Buvez-vous du vin blanc ou du vin rouge? Je bois tous les deux, mais ma soeur ne boit ni l'un ni l'autre. Elle n'aime pas les vins **et elle a raison**".

Em outro desses enxertos foi mais longe, num rasgo de generosidade, pouco comum num menino da sua idade. Eis o que êle escreveu: "Ma bourse est la vôtre ou en d'autres mots, **ce qui est à moi est à vous**". Não era isso uma antecipação do grande espírito socializante de Roosevelt?

A curiosidade política do menino estudante era grande. Um dia, quando Mlle. Sandoz dêle se despediu e foi morar na Suíça,

O menino Franklin Roosevelt, abraçado à sua mãe, Sarah Delano Roosevelt, em um retrato feito no ano de 1893 e reproduzido no livro de Rita S. Halle Kleemann "Gracious Lady — The Life of Sarah Delano Roosevelt". Franklin era então um menino quieto e bem comportado, e companheiro inseparável da sra. James Roosevelt.

Roosevelt mandou-lhe esta carta singularíssima — revelação do homem de Estado embrião que nele já existia:

"Mlle Jeanne E. Sandoz.

Chère Mademoiselle, quelle sorte de voyage avez-vous eu? La mer était-elle très agitée? Combien et quelle sorte de personnes aviez-vous dans votre cabine? Et combien le voyage a-t-il coûté? Avez-vous eu le mal-de-mer? J'espère que vous avez trouvée vos amis bien en Suisse. Mlle. Inkinstand n'est pas de tout gentille. Elle vient de la Chine... J'aimerais bien savoir qui est le président de la Suisse. Est-ce qu'il y a un représentant de

chaque canton dans l'Assemblée Fédérale? Combien de Conseils y-a-t-il dans l'Assemblée Fédérale et combien de sénateurs pour chaque canton? El faut que je sorte maintenant. Espérant que vous répondrez à toutes mes questions, je suis vôtre fidèle — **Tlevesoor**" (Roosevelt às avessas).

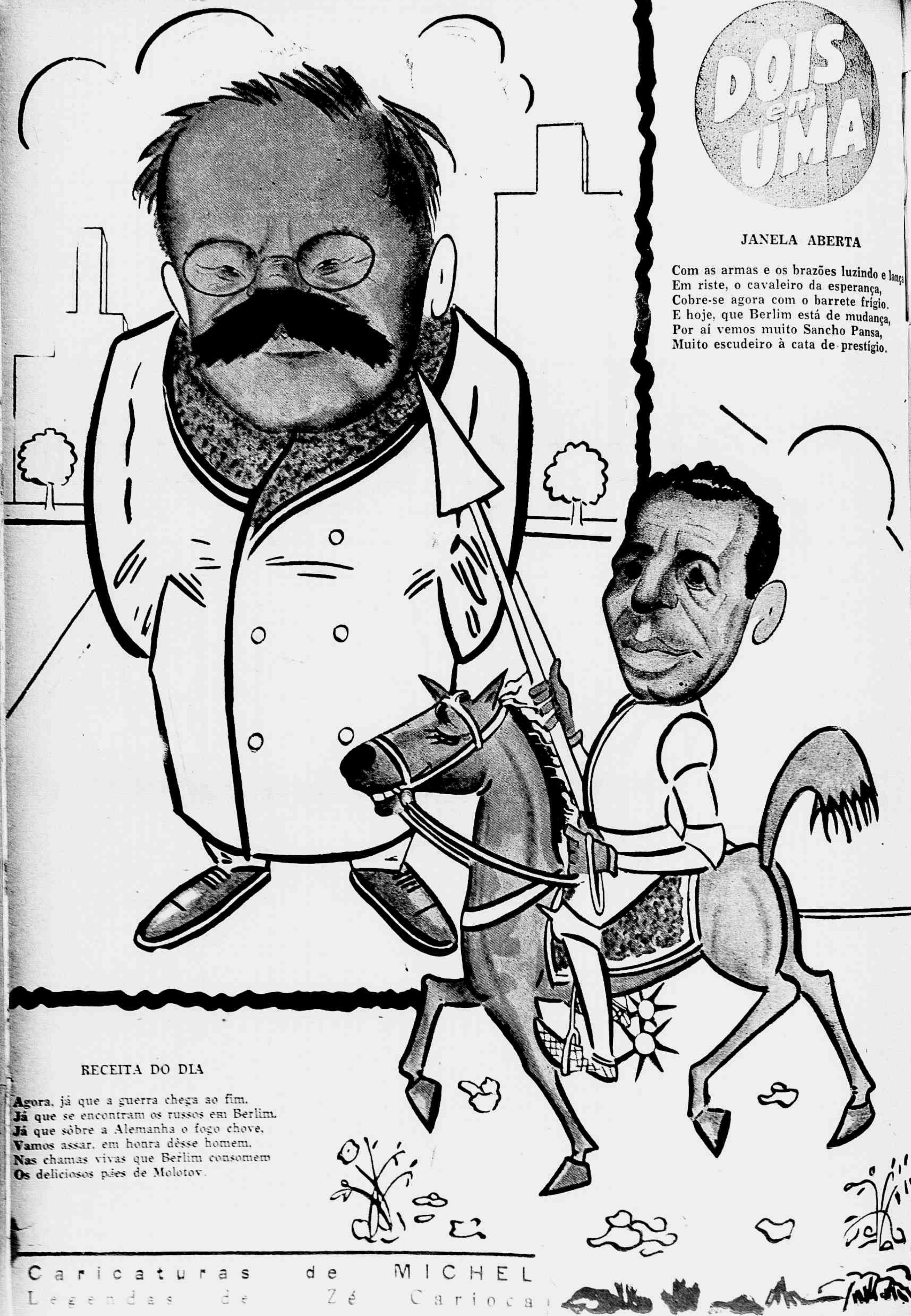
Creio que não vale a pena traduzir a carta. O que devemos é tirar a conclusão que esses singulares documentos da vida escolar de Franklin Roosevelt autorizam: desde a infância êsse grande cidadão do mundo trazia o sinal que distingue da turba multa os seres predestinados...





JANELA ABERTA

Com as armas e os braços luzindo e lança
Em riste, o cavaleiro da esperança,
Cobre-se agora com o barrete frigio.
E hoje, que Berlim está de mudança,
Por aí vemos muito Sancho Pansa,
Muito escudeiro à cata de prestígio.



RECEITA DO DIA

Agora, já que a guerra chega ao fim.
Já que se encontram os russos em Berlim.
Já que sobre a Alemanha o fogo chove,
Vamos assar, em honra desse homem,
Nas chamas vivas que Berlim consome
Os deliciosos pães de Molotov.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 18 --- 5-5-945

LITERATURA

O menino Franklin Roosevelt (R. Magalhães, Jr.)	4/5
O noivo de Anita (Raymonde Vincent)	19
Vaz de Caminha (Escragnolle Doria)	22
Desforra (Silveira Junior)	24/25
Quando o amor e a lei se encontram (Edgar Wallace)	39
Livros Novos (J. L.)	36/37

REPORTAGENS

A primeira entrevista de Prestes	3
Casar é bom, mas	9/14
Jockey Club	16
Os funerais de Roosevelt	20/21
Rio Branco, o Grande Chanceler	26/29
Figuras e Fatos	32

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	23
1900	39
Modelos avulsos	40 e 44
Modas de Cinemas	42/43

CURIOSIDADES

Berchtesgaden — o último refúgio de Hitler	18
Onde a cobra está fumando	34/35
Roosevelt e o Futuro (Violeta de A. Carreira)	47
A diversidade das línguas e a concórdia internacional	46

CARICATURAS

Dois em uma (Michel)	6
De Bom Humor	15
"Charge" de Raul	48

SECÇÕES

A Semana em Revista	8
Coisas do Brasil	17
De Rádio (Djalma Maciel)	31
A guerra em marcha	33
Artes Plásticas	38
De Música (Roberto Lyra Filho)	45

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	49/50
-------------------------------------	-------

ANEXO:

SUPLEMENTO DA GUERRA, COM OS NOVOS MAPAS DOS CAMPOS DE OPERAÇÕES

Fotografias da Guerra em Marcha e dos funerais de Roosevelt, do Serviço de Informações do Hemisfério.

Fotografias de "Onde a cobra está fumando", enviadas especialmente da Itália por Horacio Coelho.

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

NOSSA CAPA

Um novo e elegantíssimo tipo de chapéu, próprio para o fim de estação, é apresentado às nossas leitoras, por um modelo encantador de Nova York, na sobrecapa do presente número. No texto outras variadas páginas dedicadas a assuntos femininos, com modelos de Hollywood e de outras procedências, onde a elegância da Mulher é desveladamente tratada. Ainda para as leitoras, recomendamos a reportagem palpitante que se encontrará páginas à frente, sob o título "Casar é bom, mas..." e gentilmente posada pelos festejados "astros" radiofônicos Lolita França e Luiz Tito. Há ainda uma reportagem feita no Itamarati, por ocasião de ser inaugurada a exposição do centenário do Barão do Rio Branco, os funerais de Roosevelt, a primeira entrevista de Luiz Carlos Prestes, novos flagrantes dos expedicionários brasileiros na Itália, além das seções do costume — teatro, cinema, rádio, música, literatura, assuntos de atualidade, etc.

Em separado, o suplemento da guerra, com os mais recentes mapas, onde se observa detalhadamente o avanço dos exércitos aliados terras a dentro da Alemanha nazista.



Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A SEMANA EM REVISTA

AS "COBAIAS" DE MINEÁPOLIS



Trinta e seis cidadãos norte-americanos, inibidos por seus princípios de consciência de pegar em armas contra o inimigo, servem agora numa original experiência, destinada a proporcionar valiosas informações para a tarefa de restauração das populações subnutridas dos países libertados europeus. Por espaço de um ano, desde novembro último, estão submetidos a um período de nutrição precária. Nos primeiros três meses ingeriram alimentos normais, começando o período da "fome" em princípios de fevereiro, devendo estender-se até agosto. Haverá então um período de restauração por noventa dias, para se obterem os resultados finais. Durante estes seis meses as "cobaías" humanas recebem o alimento de que comumente dispõe uma pessoa na Europa em época de fome: pão preto, batatas, nabos e macarrão. Cada homem

recebe apenas duas ou três onças de carne, peixe ou ave por semana, não se fornecendo leite nem doces. Depois de um mês apenas de fome científica, alguns dos homens haviam perdido de dez a quinze libras, esperando-se que o peso dos pacientes decresça de vinte a trinta por cento, antes de terminado o período de fome.

Eis, senhores, o martírio por que estão passando, nos Estados Unidos, de resto espontaneamente, dúzia e meia de indivíduos que não quiseram pegar em armas, de acordo com seus credos religiosos. Eles não querem matar ninguém, mas prontificam-se a morrer, se necessário, para beneficiar a experiência da Universidade de Minnesota, na cidade de Mineápolis. E' prematuro julgar o resultado dessa experiência, mas, em que pesem esses benefícios, e por melhores que venham a ser, não deixa de constituir uma extravagância. Aparentemente, ao menos. Aguardemos, pois, os resultados dessa prova, e se der resultado, não tenham dúvida, muita gente vai aderir. Pior será, todavia, se a velha anedota do "cavalo do inglês" estiver sendo ressuscitada...

SEIS MIL PARA OS BRASILEIROS!



Nossos garbosos rapazes devem andar radiantes, na Itália, com a maravilhosa façanha de que os jornais nos deram notícias esta semana. Radiantes com justos motivos. O inimigo comum alemão reconheceu, de uma vez por todas, a eficiência das tropas brasileiras, respeitando-as como combatentes de primeira classe, quando toda a 148.ª divisão nazista não encontrou outro recurso senão o de render-se, incondicionalmente, às tropas do general Mascarenhas de Moraes. Seis mil prisioneiros nazistas foram recebidos, em pessoa, pelo ilustre militar pátrio; seis mil alemães desmoralizados, derrotados fragorosamente no campo da luta, envergonhados e cabisbaixos. Mais de mil veículos motorizados, "tanks", canhões e munições, e nada menos de quatro mil cavalos, tudo caiu em poder dos expedicionários brasileiros, no teatro da guerra do Mediterrâneo, justamente na região de Forno e Sala Baganza. E convem frisar, como foi reconhecido pelos oficiais superiores britânicos, que não

se tratava de elementos "tapa-buracos", de menor eficiência. Os seis mil nazistas constituíam-se das melhores tropas do Reich. E foram os nossos expedicionários, aqueles que estiveram durante meses treinando entre a neve, a lama e a chuva nos Apeninos, experimentando situações desconfortáveis — que se apoderaram desses misérsos germânicos e os isolaram da luta. Sabe-se que cada brasileiro, ao embarcar para o "front", faz consigo mesmo o juramento de matar ou aprisionar, pelo menos, um "fascista". Dessa vez os soldados do general Mascarenhas de Moraes repetiram a proeza por atacado, vingando as vítimas dos torpedamentos barbaramente praticados pelos compatriotas desses prisioneiros de hoje. Não temos por que ocultar o nosso entusiasmo face a essa proeza dos brasileiros, que já haviam dado mostras de seu poder de combatividade em Castelnuovo, em Gaggio Montano, em Vergato, nas imediações de Bolonha e agora em Forno e Sala Baganza. Algum dia, findas as hostilidades, poderemos conhecer em detalhes todos os pontos da Itália onde os brasileiros reafirmaram seu valor e sua bravura. Mas a gloriosa página agora escrita com sangue e coragem, na captura de uma divisão inteira, não pode ter protelada a sua divulgação. E outras hão de vir ainda...

A HORA DA JUSTIÇA



Estamos vivendo horas históricas, não de agora, mas desde o deflagrar da guerra. Com o rumo tão diferente que os acontecimentos seguiram nestes últimos tempos, também o histórico dessas horas adquire fisionomia nova e mais alentadora para o mundo livre. Devemos dar-nos por felizes e favorecidos pela sorte, que nos permitiu viver até este glorioso maio de 1945 e assistir à "debácle" de tudo que tresandava ao nauseabundo "fascismo". Quanto se esperou por este dia de júbilo em que Benito Mussolini recebeu a justiça de seu povo, fuzilando-o sem dó nem piedade, como se faz ao último dos miseráveis, e expondo-o, já morto, em praça pública, em Milão, para receber as cusparadas e os tiros de desespero dos italianos a quem ele arrastou à miséria irreparável de hoje! Quão confortável para nós, os inimigos dessa corja, vendo-a agora transida de pavor, escuraçada do mundo, sem encontrar asilo nem mesmo nos países neutros, pouco dispostos a meterem-se em funduras maiores que as geradas de sua própria neutralidade! Laval

querendo entregar-se, beirando à fronteira suíça para ser obrigado a recuar para território nazista, o mais desagradável para ele... Todos os colaboracionistas franceses tontos, apavorados, julgando mais acertado entregar os seus famigerados esqueletos aos compatriotas, na vaga esperança de lhes perdoarem o feio crime da traição à pátria! Quanto a Hitler, Goering, Himmler e os seus parceiros, esses, coitados, vivos ou mortos que se encontrem, estão liquidados. E em meio a tão esplêndido espetáculo, reponta de expressão simbólica a volta do decrepito Pétain, tão glorioso em 18 quanto desmoralizado em 45, entregando-se aos franceses, preso em uma cela comum, na qual manda pregar à parede o retrato de De Gaulle, a quem ele, Pétain, tanto condenara nos remotos tempos de Vichy... Essa do retrato na parede é uma "bola" muito divertida. Para nós principalmente, os brasileiros, que andamos tão cheios de retratos... Todavia, acreditem ou não, a esta hora mestre Plínio — que ainda não se atreveu a embarcar de regresso — já terá solicitado a qualquer parceiro de cor, pelas dúvidas... um bom retrato de Prestes. A confusão está cada vez mais generalizada, mestre Machado de Assis... E dela tudo se pode esperar.

A "CHARGE" POLITICA NO TEATRO



De início, a liberdade de apreciação dos temas políticos restringia-se à imprensa. Vem agora de estender-se ao teatro de revistas, tendo sido estreadas, esta semana, duas peças desse gênero, ambas focalizando amplamente os casos políticos, e dando ao público o prático saboroso do qual andava ele privado desde tão longo tempo. Estalmado dessa nutritiva e apetitosa guloseima, afluíu o público, numeroso, disposto a bater palmas à aparição de todos os tipos políticos desfilando pelo palco. Lá estavam, tanto os da situação atual como das passadas. Desde o ex-presidente Washington Luiz, passando por Oswaldo Aranha, João Alberto, José Américo, o conego Olimpio, Antonio Carlos, Flores da Cunha, o Brigadeiro, Agamenon Magalhães — e outros, até o atual Chefe da Nação. As "charges" multiplicavam-se, e de tal modo que em ambas as revistas surgem "sketches" análogos, com os mesmos desfechos, princi-

palmente aquele inspirado na anedota da pitonisa a quem o sr. Getúlio Vargas teria visitado, para saber qual seria o candidato eleito. Anedota por demais conhecida: a pitonisa vê, na bola de cristal, a silhueta de um militar, e tanto basta para que o visitante procure uma alfataria civil e militar. Em um dos "sketches" o herói aparece uniformizado... com o fardão da Academia. Mas parece que os críticos teatrais não gostaram muito da orientação dada às "charges" políticas dessas duas revistas, pôsto que, eles o dizem, o sentido de cada uma delas é sempre de sátira implícita a todos os homens, menos um — o Presidente. E daí surgirem insinuações malévolas, nada recomendáveis para os revisiteiros em apreço. De fato, seria lamentável que a liberdade de crítica no palco fosse concedida apenas para servir de propaganda a um único interessado. Abstraido essa falha, é caso para o público regosijar-se, porque também no palco entrou, afinal, o direito de crítica. De Gaulle e Stalin também aparecem nessas revistas. E até mesmo, em uma delas, o enfezado Plínio, que também iria visitar a pitonisa... Só não aparece Mussolini. Esse é um caso morto. Que a terra lhe seja leve — com o Vesúvio por cima...

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 60,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tela — Direção: 22-2622. Gerência: 22-2622. Redação: 22-4447.
Publicidade: 22-8771. Fotografia: 22-1115. Portaria: 22-5802.
Surtido em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 220. Tel. 4-7860.
Correspondentes: Bahia: 2-1111. Recife: 2-1111. Porto Alegre: 2-1111.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746. Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 285 — Tel. 33 Avenida 8109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 32 páginas e Suplemento da Guerra anexo

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela demora de



CASAR É BOM, MAS...

O PREÇO TOTAL DE UM ROMANCE DE AMOR, SEGUNDO UMA VÍTIMA DE CUPIDO — UMA NOIVA GASTA, EM MÉDIA, CR\$ 25.000,00 COM O SEU ENXOVAL — O CUSTO DO ATO CIVIL — A CERIMÔNIA RELIGIOSA — ESTATÍSTICA FINAL

Reportagem gentilmente posada pelos artistas Lolita França e Luiz Tito

"Casar é bom, mas não casar é melhor", diz o velho adágio. E diz bem. Senão vejamos: a história começou num dia em que descíamos a rua da Carioca em companhia de um amigo, cujo nome não importa. Entrando no largo da Carioca avistámos uma jovem conhecida, nem morena nem loura, nem alta nem baixa, nem magra nem gorda. Não podemos dizer, porém, que não era nem bonita nem feia. Era bonita. Bonita de mais. Esta a razão por que parámos imediatamente para

um ligeiro bate-papo. Começamos pelo meio do diálogo:

— ...E em casa?

— Todos bem, obrigado. A Mariazinha é que teve sarampo, mas já está boa...

Lembrámo-nos de apresentar a pequena ao amigo, que a devorava com olhares ardentes.

— Muito prazer, senhorita!

— E' todo meu, cavalheiro!

APRESENTAÇÃO

Muito boa é a vida de solteiro. Mas... um belo dia o rapaz desce a rua da Carioca em companhia de um amigo. No largo da Carioca encontram-se com uma "belezinha" conhecida do dito amigo. — Fulano, Fulana, muito prazer, etc., e o amigo se vai, deixando os dois no primeiro capítulo do romance.

PRIMEIRA DESPESA

"Como está quente hoje!" "E' verdade, que calor!" Os assuntos morrem nas bocas sorridentes, a felicidade banha os olhares cheios de ternura. Mas é preciso arranjar um assunto, para justificar a proximidade com a pequena. E' então que à mente lhe vem a idéia salvadora: "Que tal se tomássemos um drink?" "Ótimo", responde a moça. No bar ela pede uma laranjada, pois julga que não é prudente aproximar Cupido do álcool. Ele toma também um refresco, para bancar o "bom moço". E aí está a primeira despesa: Cr\$ 4,40 com gorjeta.



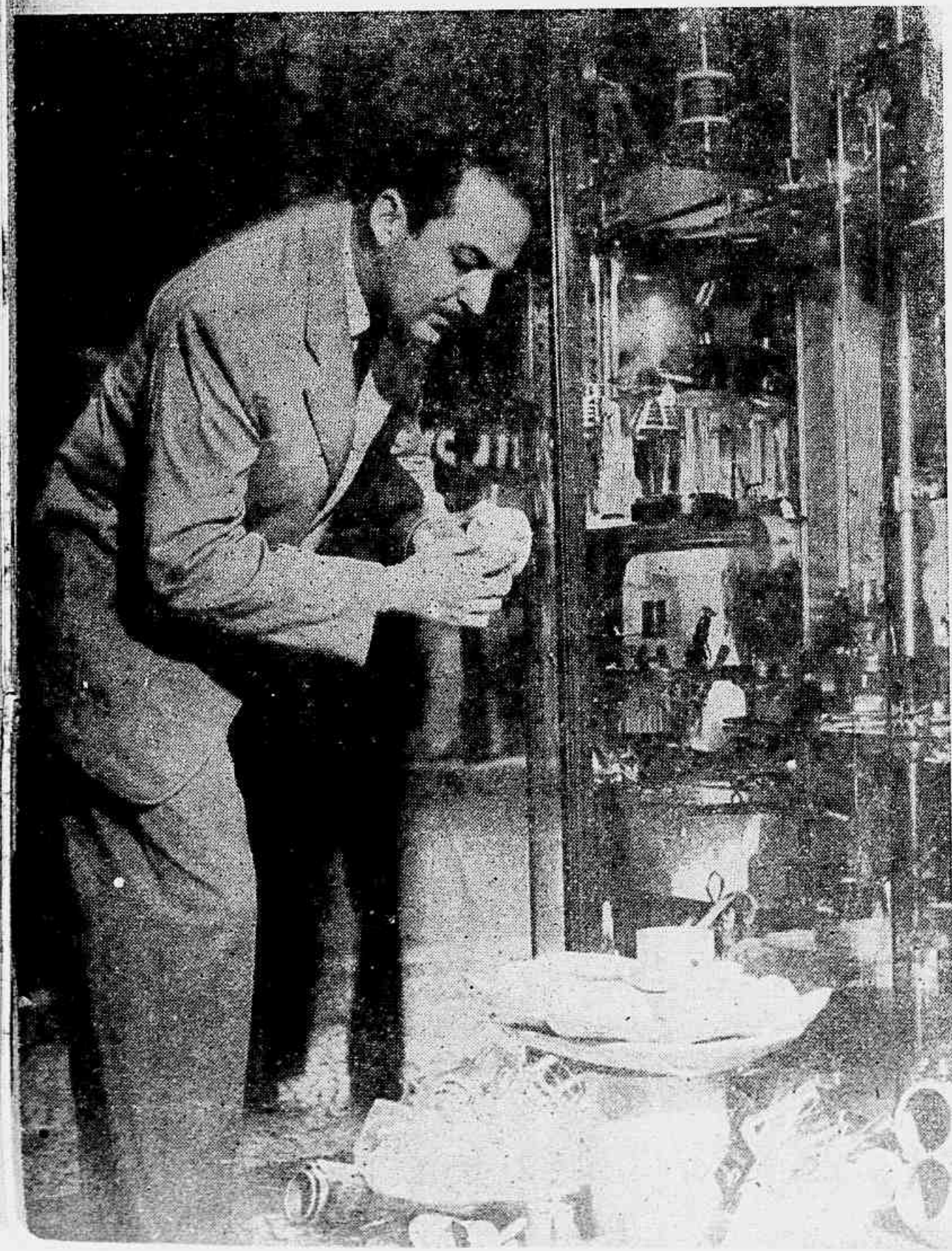


A GENTILEZA SAI CARO

Foram pela primeira vez sozinhos ao cinema. De dia, é claro, pois ainda havia um certo medo por parte da garota. Quando terminou o espetáculo, o rapaz pensou que não ficaria bem fazer o papel de "pão duro". E preparou logo um "farol" gentil: taxi. Chegados à porta do edifício onde mora a pequena, puxou a carteira. Mais Cr\$ 15,00 de despesa amorosa e mais uma careta.

LOUÇAS E CRISTAIS

Mas do outro lado há também muitas despesas a fazer. A verba mensal dos casinos foi cancelada, para fazer frente às aquisições necessárias ao arranjo do futuro lar. Mas para não enfrentar a realidade de pronto, o noivo prefere sempre começar pelo mais barato. Aqui vemos o nosso herói experimentando a consistência de uma xícara para uso diário.



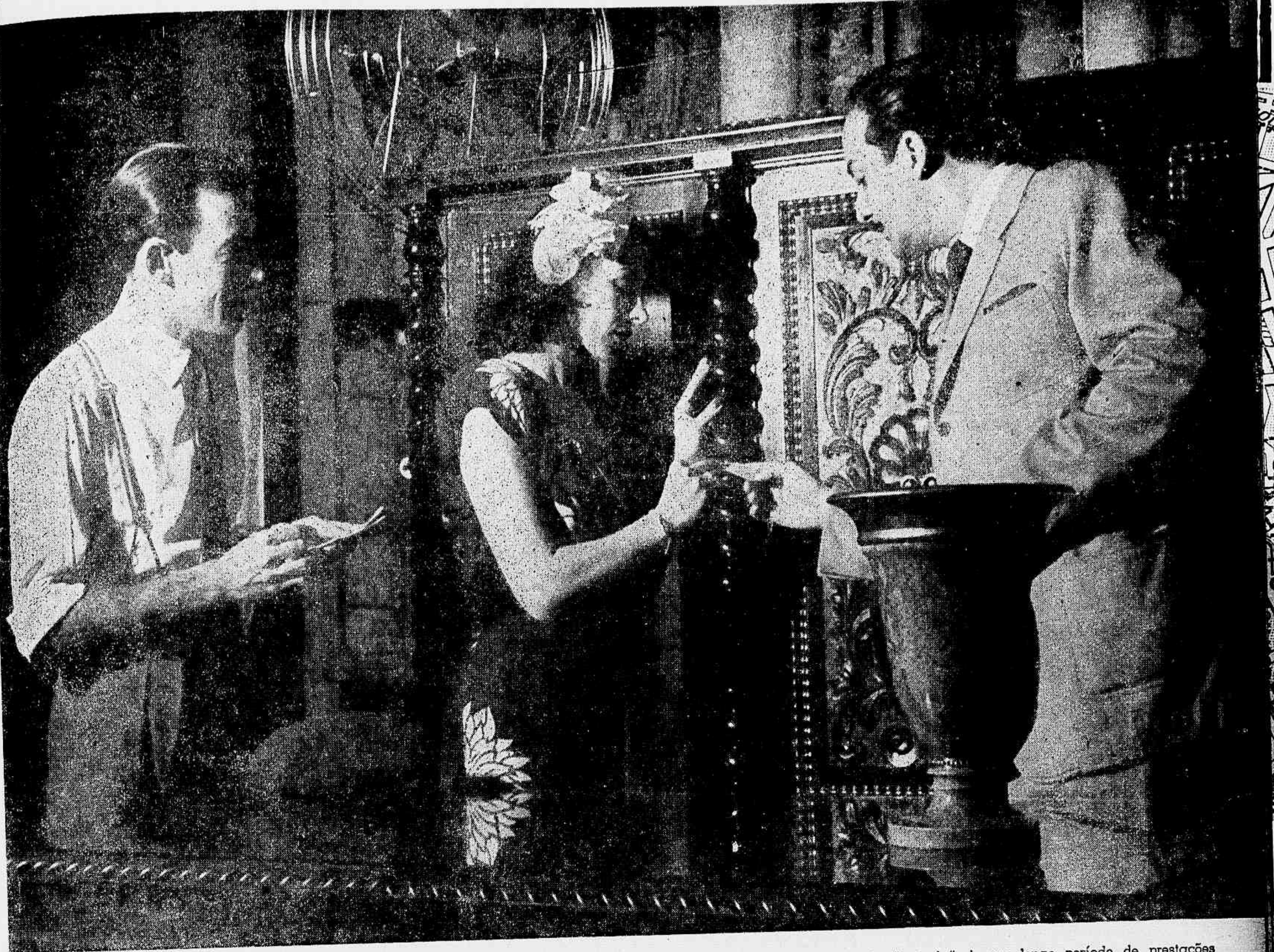
OS ANÉIS

Os dois pombinhos vão finalmente oficializar o romance. Mamã já conhece o moço (que é de boa família); os impressos das participações estão prontos (Cr\$ 350,00 mas papel farpado de primeira, letra dourada, uma gracinha); e agora, para que se cometa o noivado, só faltam os anéis. A menina vai escolhê-los com o noivo, numa joalheria granfina. Resultado final: Cr\$ 320,00 o par.

O ENXOVAL

"Muito bem, menina", disse a velha. "Você já está noiva. Agora é preciso cuidar do enxoval". Assim se fez. Foram mobilizados todos os recursos econômicos da família. A "gaita" para a noiva foi sendo sacada dos ordenados de todos, no fim de cada quinzena. Ela mesmo ia gastando tudo o que ganhava, nos preparativos. Aqui está ela escolhendo um par de luvas. Segundo apuramos, um enxoval de noiva da classe média carioca custa Cr\$ 25.000,00.





MÓVEIS PARA DOIS

"Vamos ver os móveis hoje, querida", disse o noivo feliz, apalpando no bolso o dinheiro da "entrada" de um longo período de prestações fabulosas. O "dia dos móveis" é sempre uma grande data em todos os noivados. Os móveis são sempre a parte mais importante na preparação de um casório em condições. Um apartamento moderno para um casal pequeno burguês deve ter, no mínimo, três dependências: quarto, sala de jantar e cozinha. Muito bem, vamos mobilá-lo. E os noivinhos correm tôdas as casas de móveis da cidade, para encontrar o que há de mais barato. Quarto de dormir: Cr\$ 10.000,00; sala: Cr\$ 12.000,00. Mas quando o pobre rapaz pensava que tudo estava acabado, a moça lembra carinhosamente: "Amorzinho, e o seu escritório?". Ai Deus meu! Lá se vão mais oito contos. E a "entrada" é paga: Cr\$ 5.000,00 para começar.

Dois sorrisos, um apêto de mão demorado. Notando uma ameaça de "flirt", resolvemos retirar-nos e deixá-los no início do romance.

E hoje os dois estão casados. A sua lua de mel começou outro dia.

O ROMANCE CUSTA DINHEIRO

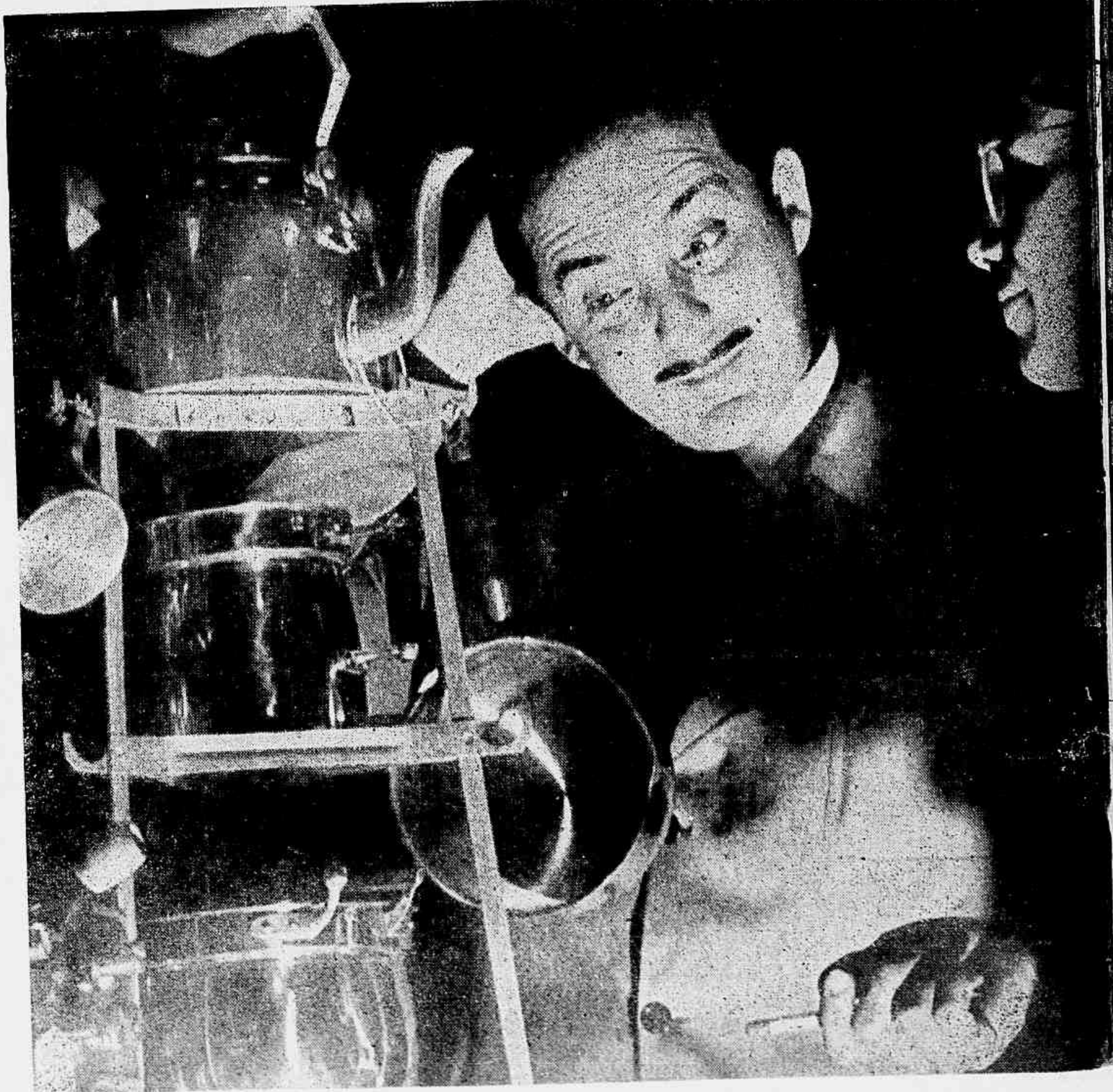
Encontrámos ontem o nosso amigo. E foi ele mesmo quem nos forneceu elementos para este trabalho. Falou-nos com nostalgia dos "áureos tempos de rapaz solteiro", quando podia destinar uma verba mensal aos chopps e ao casino, e quando podia olhar impunemente para qualquer mulher e cobiçar sem perigo a do próximo, principalmente se o próximo se encontrava distante.

E o homem queixou-se distante:

— Quanto custa um casamento! Estou quebrado, meu velho, quebradíssimo! Quebrei como fundo de garrafa! Já não sei onde buscar dinheiro para o aluguel; não sei como fazer frente às despesas da feira. Vou lhe dar um conselho: não se case!

ALUMÍNIO, QUANTO CUSTAS!

Um homem que trabalha vai em casa, em geral, para comer e dormir. Assim, a idéia do lar se associa sempre em sua mente a idéia da cama e das panelas. Ora, os móveis para o apartamento do feliz casal, cuja marcha do noivado viemos acompanhando, já foram comprados, como se vê na gravura anterior. Faltava porém o material de cozinha. O rapaz meteu-se pelas casas de ferragens a dentro, à cata de pechinchas. Mas o alumínio está caro, como tudo aliás. E o nosso herói correu tôda a cidade sem encontrar nada mais barato que esta bateria. O caixeiro fez a explanação das vantagens do artigo, mas o pobre moço tinha os olhos fitos na etiqueta do preço. E não precisa dizer o que ele sentiu. Basta ver a sua cara.





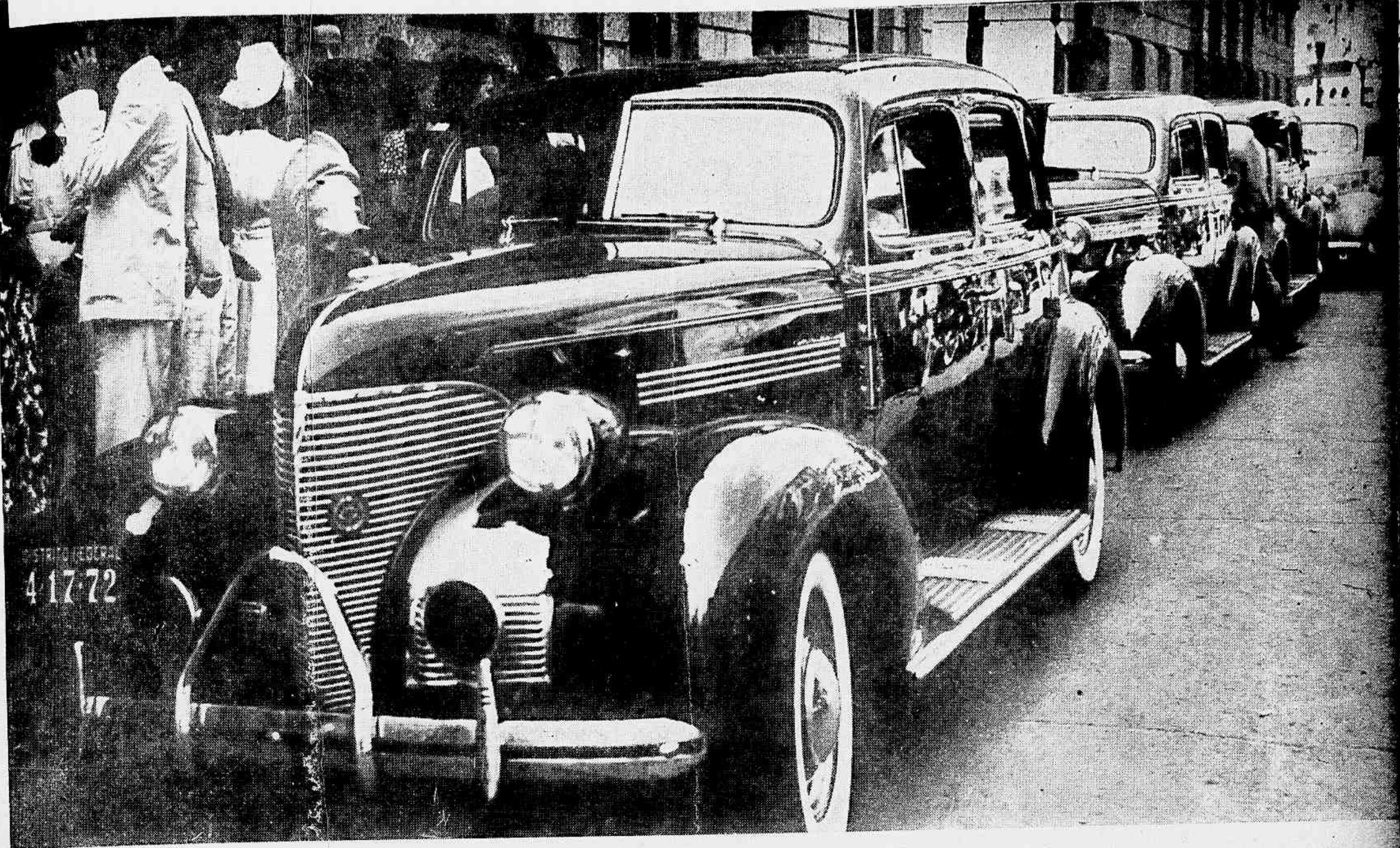
UM SÍMBOLO VALIOSO

Três camélias, alguns enfeites, fitinhas, um pedaço de filó para envolver o ramalhete, e eis confeccionado o "bouquet" simbólico da noiva. Aí está um objeto pequeno que representa muito valor. A moça vai à florista e encomenda o pequenino "bouquet". Tem porém que escolher antecipadamente o modelo, pois há "bouquets" para todos os gostos e para todas as bolsas que possam dispor de mais de Cr\$ 150,00.



LUVAS

O dia do casório está perto. "Quem casa quer casa", diz o velho adágio. E o noivo trata de arranjar um ninho. O filho do encarregado do edifício vai mostrar ao moço e à sua noivinha o maravilhoso apartamento que o jornal anunciou. E o rapazinho vai enumerando as vantagens. Que maravilha a residência! Até banheiro tem. E tudo pelo módico preço de Cr\$ 1.000,00 mensais. Mas os noivos têm que comprar a mobília: duas cadeiras e uma mesa, que se encontram na cozinha, pela insignificante de Cr\$ 22.500,00.



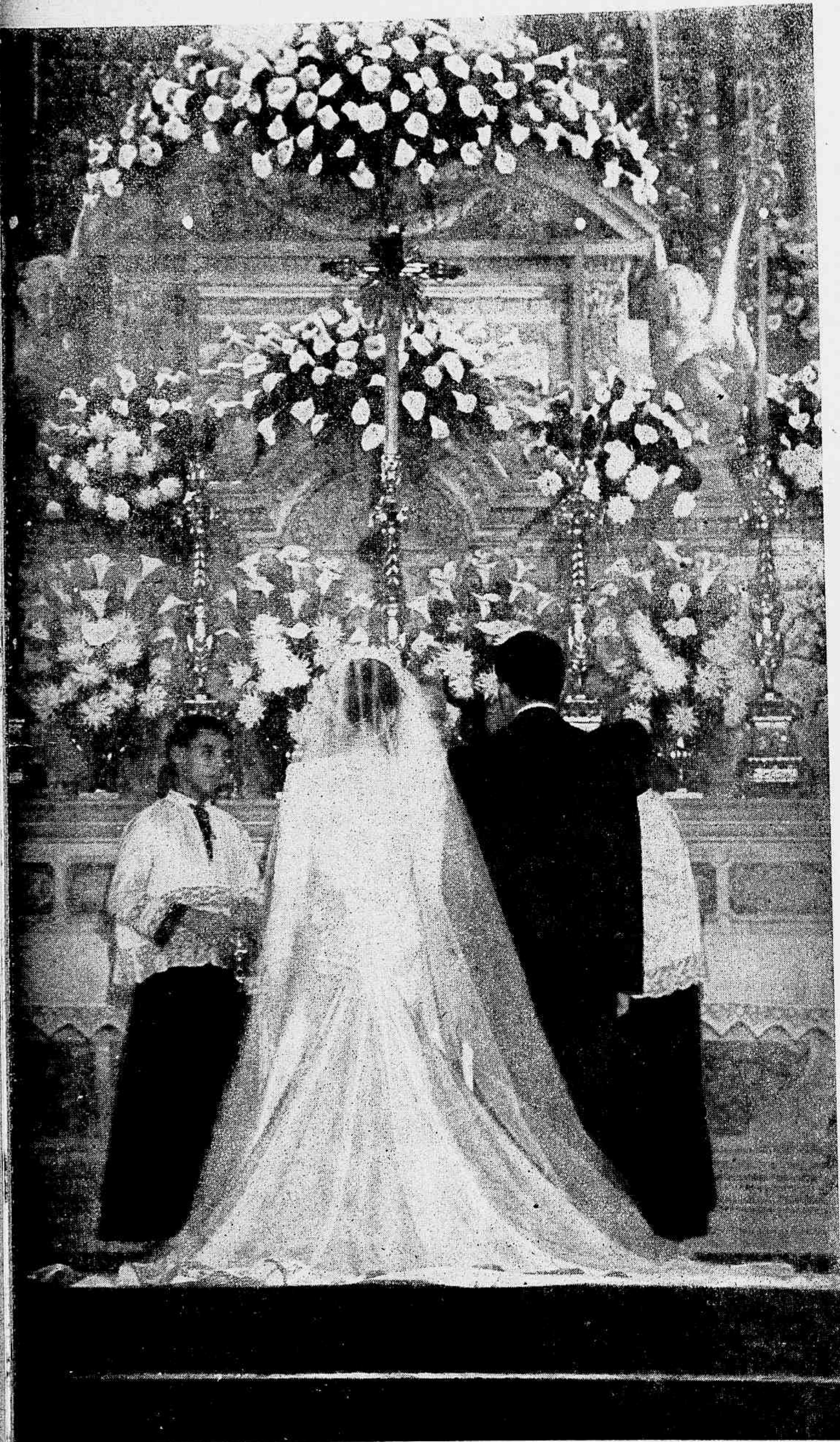
AUTOMÓVEIS PARA OS NOIVOS

Para um casamento são necessários os serviços de dois carros de luxo. Um para o noivo, outro para a noiva. Na volta da igreja eles podem já vir juntos para a casa. Em geral "recebem os cumprimentos na igreja", o que representa a economia total dos doces finos e do champagne do Rio Grande. Mas o prego dos automóveis é um só para ida ou para ida-e-volta. Na foto, a saída da igreja. Os noivos já estão definitivamente e inexoravelmente "amarrados" pelo senhor vigário, e Deus abençoou o romance que começou no largo da Carioca. Agora é só voltar de automóvel para a casa da noiva, despedir-se de mamãe e papai e dirigir-se a Poços de Caldas ou ao apartamento do Flamengo, segundo a situação financeira do jovem marido. E o automóvel leva-os ao paraíso. Preço da passagem da terra para o céu: Cr\$ 450,00.



UNIDOS PELO CÓDIGO CIVIL

Antes de ser abençoado por Deus, cumpre ao jovem casal dirigir-se ao pretório, afim de satisfazer as exigências do código civil e legalizar o romance de amor. O juiz de paz, devidamente togado e sério, faz as perguntas de praxe e explica a significação daquela ato. Depois, no livro tal, folhas tais e tais e versos, fica escrita em boa letra inglesa a ata do cartório. Está perpetrado o ato civil. Só resta agora procurar o padre e enfiar as alianças nos dedos das mãos esquerdas. O rapaz toma o braço de madame e dirige-se orgulhoso para casa, em companhia das testemunhas do casamento civil. Na gravura vê-se o juiz de paz, quando presidia ao ato, assistido pelas jovens cônjuges e por suas testemunhas. Os seus honorários são pagos pelo noivo à razão de Cr\$ 300,00 (preço total).



AO PÉ DO ALTAR

Uma cena tocante. Muito comovente, muito bonita mesmo. Mas embora muitos não saibam, o casório religioso custa um dinheirão. O noivo tem que providenciar os proclamas, que requerem por sua vez atestados de batismo e mais uma boa porção de papelada paroquial. Mas a cerimônia também é paga, embora o seu preço varie segundo a classe da paróquia e da freguesia em que o mesmo se realize. A ornamentação do templo, é claro, influi de maneira acentuada no preço da "amaração". Não há dúvida que um enlace, realizado com pompa e orquídeas em Copacabana, custe mais do dobro de um casamento de terceira, em Quintino, com rosas murchas e latim fraco. Mas o mais barato fica sempre em mais de Cr\$ 200,00.

E o nosso amigo, para reforçar o seu conselho, apresentou-nos por escrito o balanço das despesas feitas para o casório, por ele e pela noiva.

Lendo a terrível estatística, fizemos imediatamente um protesto íntimo de celibato.

E a quem ainda pensa em casar-se, oferecemos os dados que nos forneceu o nosso amigo:

Uma vez apresentado à graciosa pequena o rapaz, para ter pretêxo de permanecer a seu lado, entrou numa confeitaria. Ai fez a

primeira despesa de namorado: duas laranjadas, Cr\$ 4,40. Cinema no dia seguinte: Cr\$ 22,00. Automóvel: Cr\$ 15,00.

E o romance continuou. Mamãe queria muito conhecê-lo e o seu desejo se satisfez. Um mês depois, pedido, muita honra, etc., e o pobre moço estava irremediavelmente noivo. Agora era tratar de fazer os preparativos do casório. A menina contava com o auxílio pecuniário de toda a família. O seu enxoval somou, no final das contas, inclusive o vestido de noiva, Cr\$ 25.000,00.

Adicione-se a isso mais Cr\$ 4.550,00 pagos à confeitaria pelos doces da festa nupcial e pelo bolo ornamentada. Ela porém foi feliz, pois só fez frente a estas despesas.

Mas o rapaz? Esse, coitado, foi quem acarretou com o grosso dos preparativos: anéis, roupas de casemira para o civil e para o religioso, móveis, louça, utensílios de cozinha, um rádio, etc.

Mas felizmente casou-se afinal! Estava tudo consumado. Pagara tudo a tempo e sem regatear. Esgotara as suas economias, mas havia alugado os automóveis indispensáveis ao casamento, tinha feito o depósito e coberto as luvas do apartamento. O dinheiro, porém, desaparecera e ainda havia a feira no dia seguinte e a Light no fim do mês.

Reclinado na cama, ao lado da espôsa, fez então as contas, reduziu o noivado à estatística e verificou que haviam gasto, ele e ela, um total de Cr\$ 73.590,00.

E os dois pombinhos, muito tristes diante da realidade da vida conjugal, deixaram-se estar cabisbaixos sobre o tálamo nupcial.

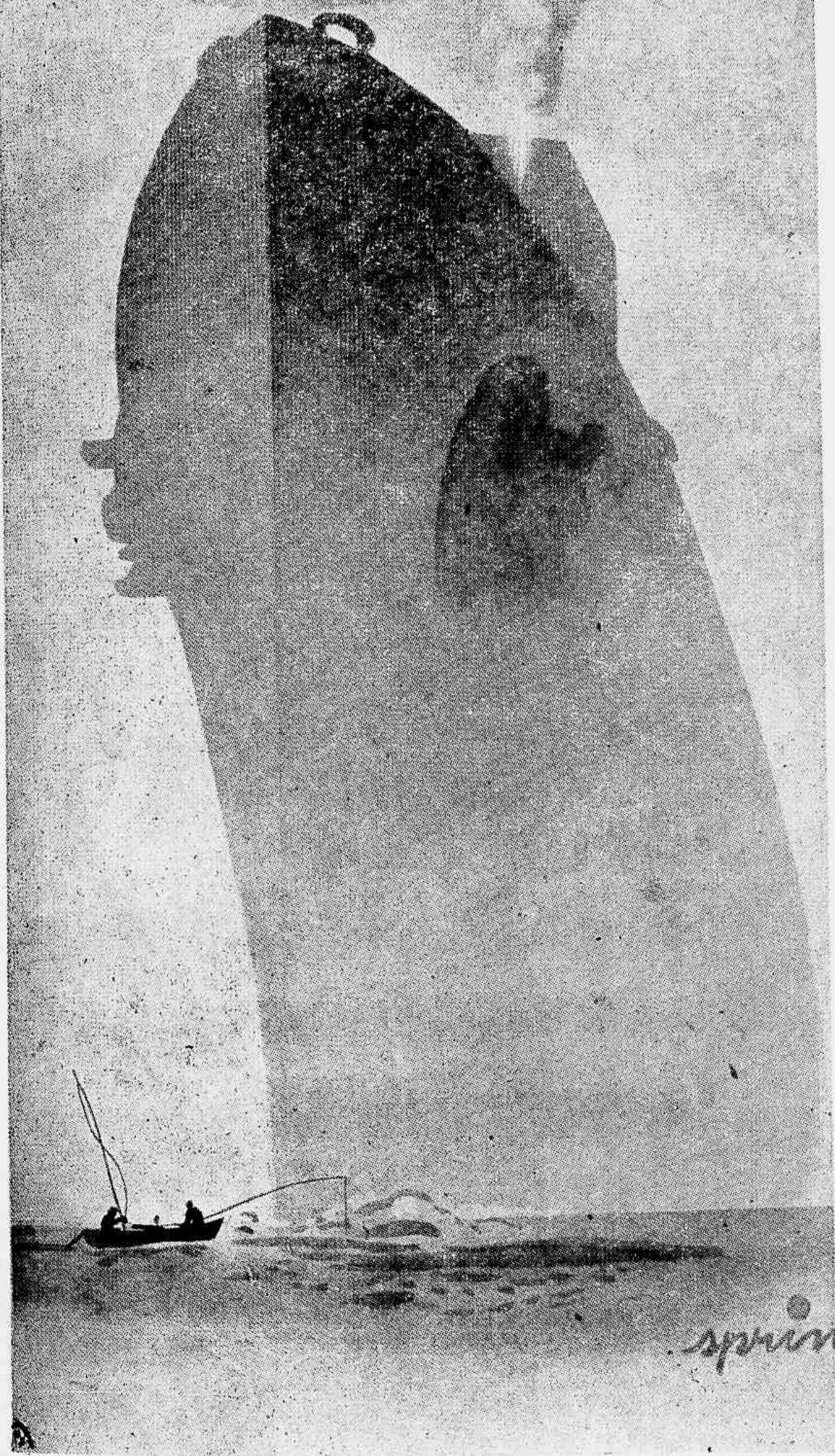
O fantasma da cegonha rondava o apartamento...

CONTAS A CONFERIR

Uma semana depois do casório, assentados no tálamo nupcial, já sem o romantismo da primeira noite, eles vão ver afinal, conferidas as contas e feitas as somas, em quanto montou o casório. Muita coisa ainda está por fazer. Todas as semanas há uma feira em frente ao edifício onde moram, e ela tem que fazer ali as compras. O aluguel do apartamento tem que ser pago sempre no fim de cada mês. O gaz custa dinheiro, a luz custa dinheiro. Dinheiro, dinheiro, dinheiro! E' de enlouquecer um cristão! Não há mais "gaita" para nada. Os pombinhos estão desanimados diante da vida conjugal. O fantasma da cegonha está olhando pelo buraco da fechadura.



DE BOM HUMOR



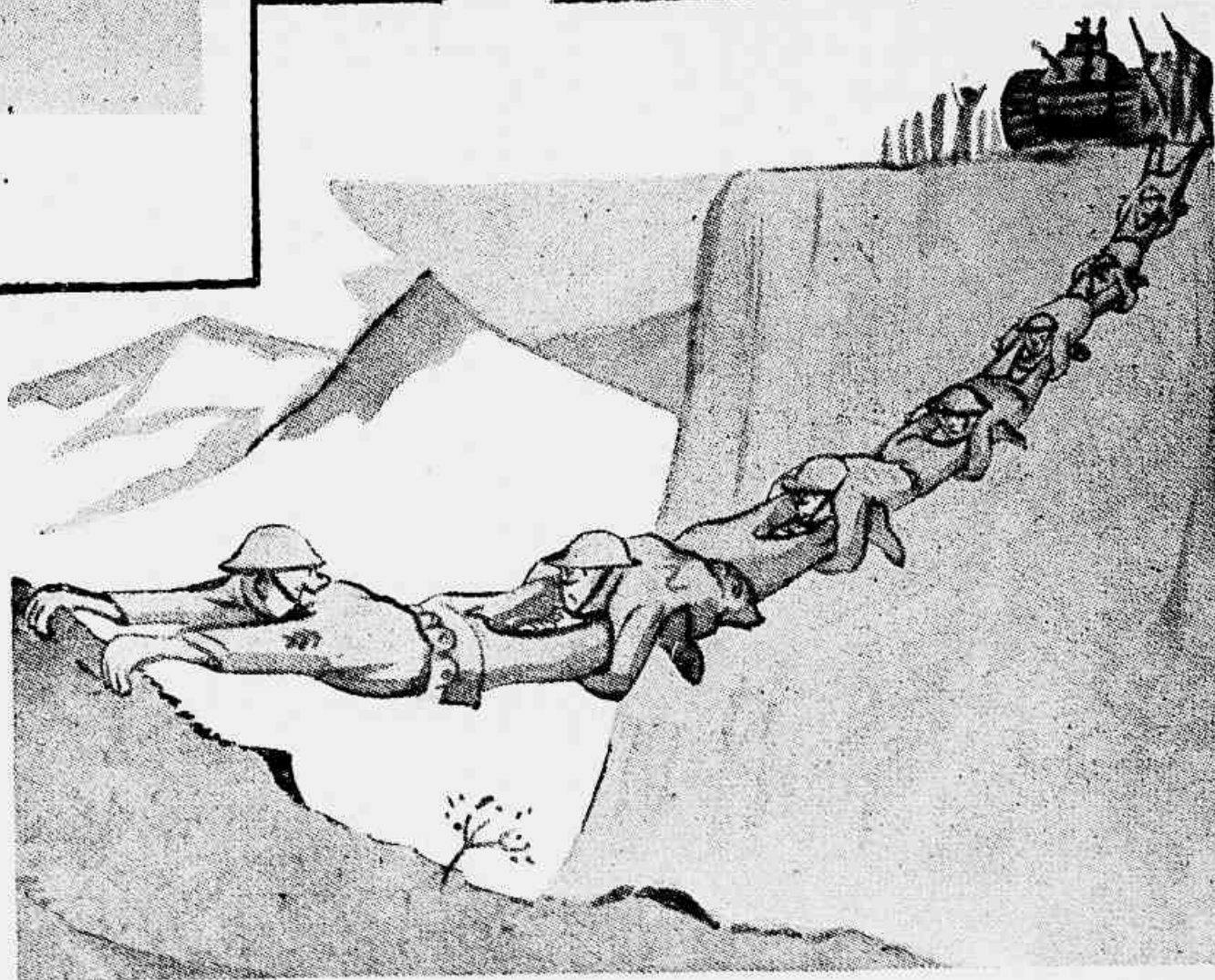
— Engraçado, ó Zé! Parece-me ouvir o mugido de uma vaca...



— Como é, "velhinho"? Também quero ser apresentado a essa "loura" do barulho...



— Está vendo, querida? Quando o garoto veste a roupinha de marinheiro americano fica impossível...



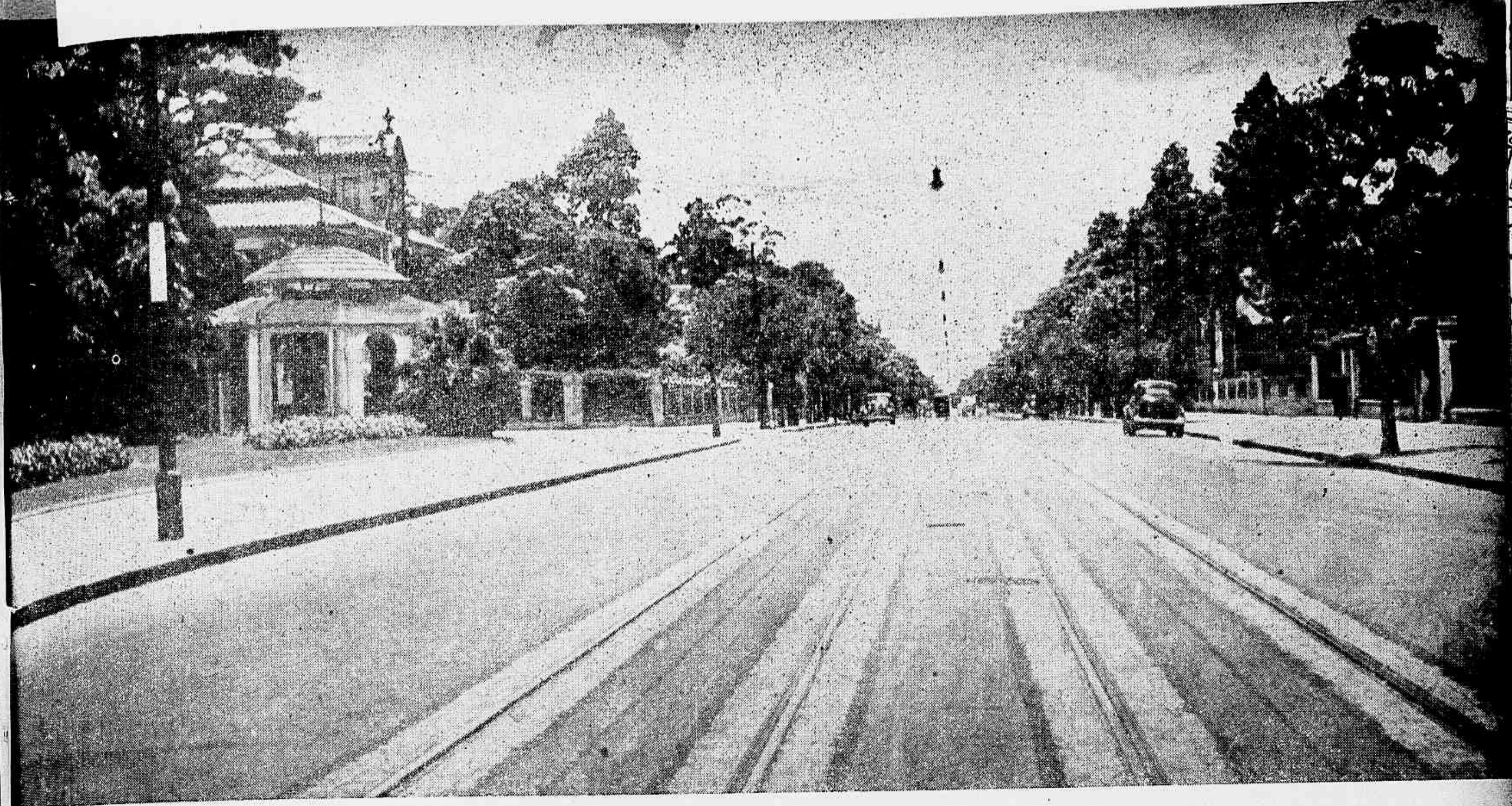
— Claro! Isto é uma ponte provisória...



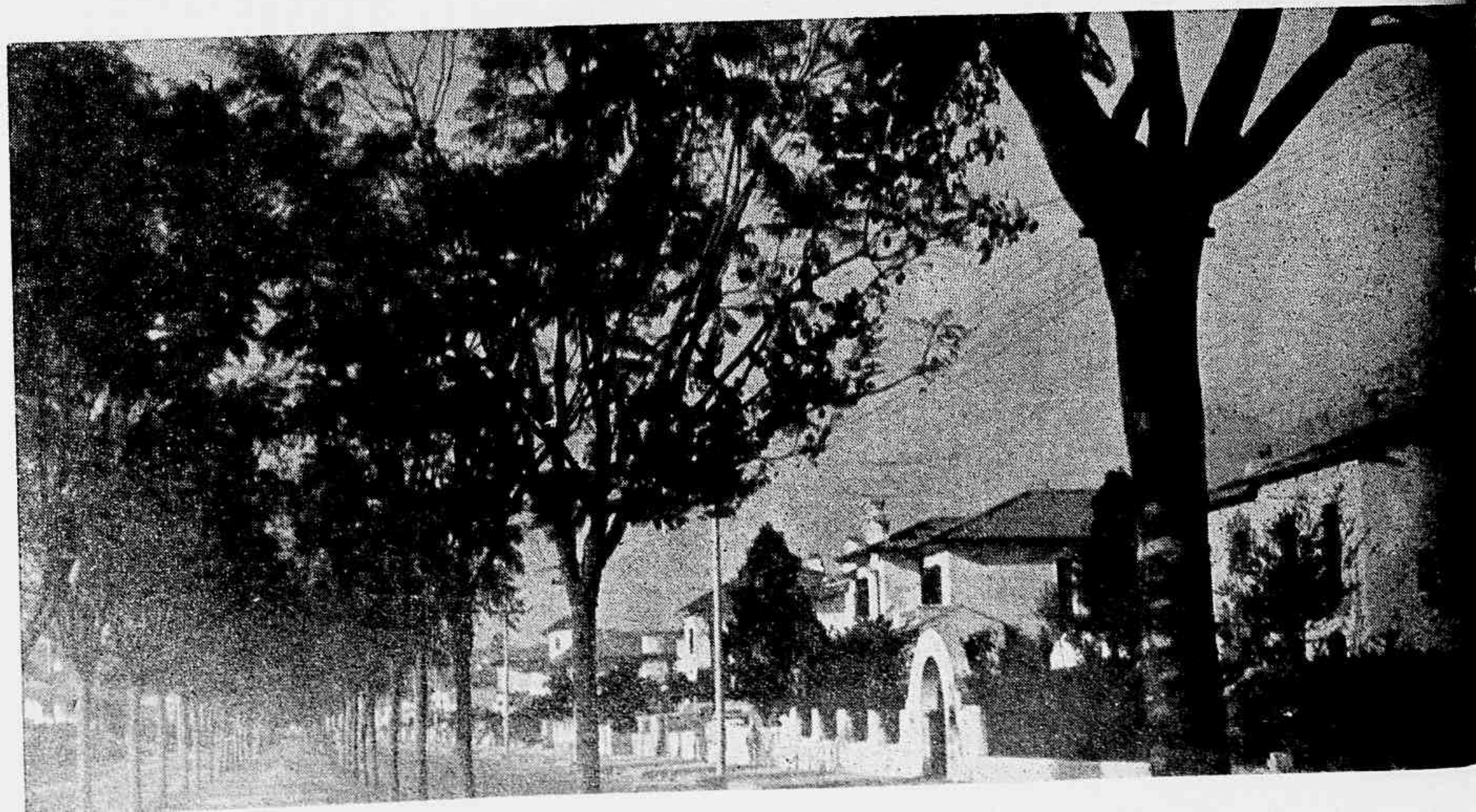
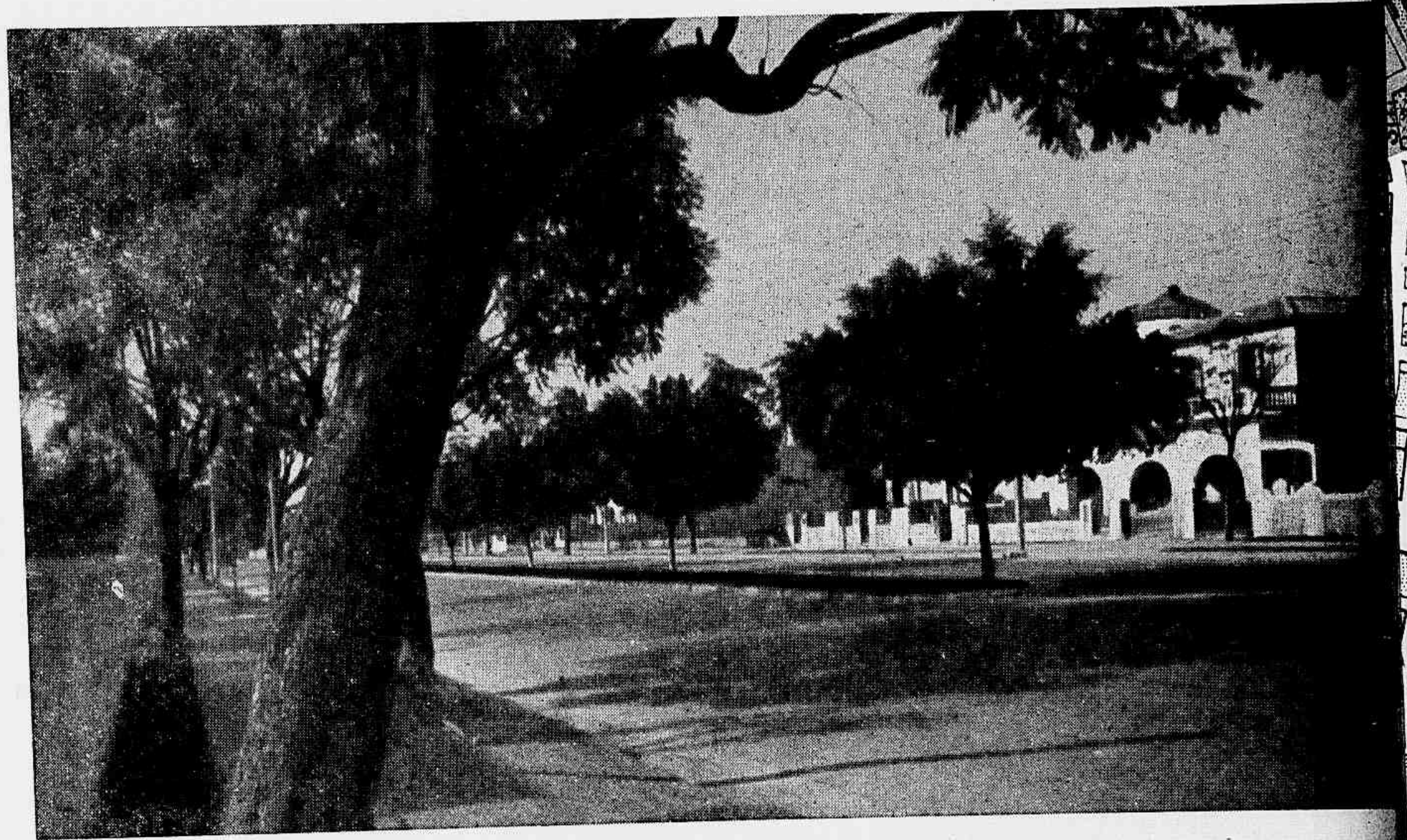
JOCKEY CLUB MUNDANO

No decorrer da reunião turfística de domingo último no Hipódromo da Gávea, a nossa reportagem fotográfica, enquanto as graciosas aficionadas do nobre esporte passeavam pela pelouse ou assistiam entusiasmadas aos lances emocionantes das carreiras, colheu os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.





TEMOS oferecido aos leitores, nestes últimos números, uma variada série de flagrantes paulistanos reproduzindo panoramas locais, na maioria dos quais se reflete o surto maravilhoso e surpreendente de progresso da vizinha capital. Aqui estão, hoje, detalhes de suas três grandes avenidas. Ao alto: a aristocrática e tradicional Avenida Paulista, de esplêndida perspectiva, reta e ampla, onde se encontram tantos dos mais imponentes palácios da metrópole e cujas tradições correm par com as da própria terra de Piratininga. Ao centro: a Avenida Pacaembú, já de fisionomia diferente, mais moça e moderna no estilo de suas edificações, na maioria gênero "bungalow". Em baixo: outra avenida moderna, a Rebouças, como a segunda, obedecendo ao traçado simples e gracioso de suas edificações, que rivalizam com as dos bairros de luxo de qualquer grande cidade. E' ali, em Pacaembú, Rebouças e na clássica Avenida Paulista que vive, muito mais para dentro de casa que para a vida exterior, o homem de ação, dinâmico por natureza e intensamente ativo, da capital bandeirante.



Coisas do BRASIL



VISTA GERAL DE BERCHTESGADEN. Situada nas belas montanhas da Baviera, Hitler pretende transformá-la no último baluarte da resistência nazista.

BERCHTESGADEN -- o ultimo refugio de Hitler

(Copyright do B. N. S., especial para a REVISTA DA SEMANA)

Escrevendo de Berchtesgaden em 1936, eu dizia o seguinte: "Berghof ou Montanha da Corte está sendo transformada no centro de uma verdadeira fortaleza e na sede

do governo nazista nos Alpes. Berchtesgaden talvez seja a segunda capital alemã em qualquer guerra futura". Atualmente, fala-se que Berchtesgaden será a primeira, ou a última capital da resistência nazista nos Alpes.

Devo lembrar, no entanto, que Berchtesgaden não é "uma aldeia encravada nas montanhas bávaras". Talvez

tenha sido assim durante o período de 700 anos em que foi um principado espiritual independente dos monges agostinhos; e talvez tenha continuado a ser depois de sua incorporação à Baviera, em 1803. Muito antes de Hitler chegar ali, porém, já em 1910, Berchtesgaden era um dos pontos mais visitados da Alemanha durante o verão e o inverno. Em 1925 contava 4.000 habitantes, e depois que os nazistas transformaram a estação de águas em santuário nacional socialista, a população aumentou consideravelmente. Berchtesgaden deve ter uma população de 10.000 habitantes, nos meses mais concorridos, e em 6.000 habitantes durante o resto do ano. Nos dias de peregrinação reúnem-se ali mais de 20.000 pessoas, fazendo lembrar Coney Island, Oberammergau e Lourdes combinadas.

Quando Hitler, Max Amann e Hess chegaram a Berchtesgaden em 1923, a aldeia era famosa por quatro motivos: como o centro da região mais bela da Baviera; pelo seu castelo, onde residia o príncipe Rupprecht; pelas suas fábricas de brinquedos, e pelas minas de sal. Ah, sim, e também pela presença famosa de Carlos Magno, sepultado em Untersberg, 1.900 pés acima do nível do mar.

Quando Hitler bateu às portas da modesta Hospedaria Platterhof, ainda no período da formação do nazismo, Berchtesgaden ainda era um verdadeiro paraíso. Eram dias românticos aqueles, principalmente para Amann, Hess e Henfstengle, que ouviam embevecidos as teorias de Hitler sobre a remodelação do mundo e a Nova Ordem; e foi para a Hospedaria Platterhof que Hitler voltou ao sair da prisão de Landsberg, afim de escrever o segundo e o mais importante volume de "Minha luta". Nem Hitler nem seus amigos tinham muito dinheiro nessa época, e para Adolf pelo menos era uma vida ascética num ambiente adequado. Não sei quando ele arrendou o modesto "chalet" de Wachenhof, mas ele já ali se encontrava em 1930, e não podia ter em casa mais de quatro hóspedes, além de sua irmã.

Depois Hitler concebeu a idéia de habitar em Berghof, ao qual ele recentemente se referiu, dizendo: "Soube que os jornais ingleses anunciaram que nossos inimigos pretendem bombardear o meu Berghof. Lamento muito que isso ainda não tenha acontecido, pois o que é meu não vale mais do que o que pertence ao meu povo". A nova residência de Hitler era um grande palácio, com acomodações para 50 hóspedes, secretários, motoristas, guardas e criadas.

Hitler ocupou e desapropriou três ou quatro vilas de "montanha", e desviou a estrada principal para Salzburgo, afim



O centro da aldeia de Berchtesgaden, perto do local onde Hitler estabeleceu seu Q. G., em Berghof, nos Alpes bávaros.

Há males que veem para o bem... O provérbio vem muito a propósito no caso de Anita...

HÁ males que vêm para bem... Assim diz o provérbio, e Anita não poderia contestá-lo. Acontece, porém, que, na realidade, não foi um mal: foi uma solução providencial, como ela mais tarde reconheceu, salvando-a do ridículo. Os leitores, com certeza, já ouviram falar na vida horrivelmente tediosa de uma cidade do interior. Pois bem: Anita levava uma vida dessas. E como era moça, naturalmente dotada de mocidade, vitalidade, enfim, só podia causar escândalo a um grupo de solteironas que murcharam antes de serem colhidas. E assim era. De certo modo, a exuberância da moça parecia pouco distinto a senhoras da cidadezinha; as suas maneiras francas e sem afetação pareciam o cúmulo do cinismo, da falta de educação. Revoltada contra isso, Anita fazia o possível para exagerar o seu temperamento, divertindo-se com o ar desaprovador das senhoras e ouvindo por isso muitas repreensões de sua mãe. Certo dia, inesperadamente, veio o convite.

Uma semana em Paris, com a tia! Anita não deu ouvidos aos conselhos: arrumou as malas e partiu, alegre por ir conhecer, afinal, aquela cidade que todos os habitantes da cidadezinha consideravam um antro de perdição.

De volta do seu passeio, Anita intrigou quantos a conheciam. Vinha pensativa, calada, quieta. As solteironas, imediatamente, deram trabalho aos queixos.

— D. Josefa, isso não é boa coisa!

— Há algum mistério!

E nos conciliabulos das más línguas surgia, de vez em quando, a palavra que fazia estremecer as solteironas de escândalo e de vontade de conhecer melhor o objeto que ela designa: homem!

— Um namorado sem consequências?

— Com certeza ela pensou que ele queria casar, quando ele pensava somente em divertir-se. Esses rapazes de Paris... Eu bem disse à mãe dela que não a deixasse ir... Mas Anita teimou, insistiu...

Corria assim a história que, de boca em boca, foi tomando corpo, ganhando minúcias e chegou aos ouvidos da moça sob esta forma: fôra a Paris, onde se apaixonara por um rapaz, que não lhe dera a menor importância. Por isso voltava para casa, assim, triste.

As conversas das velhas sem ocupação sempre a haviam divertido, e ela não se importava de servir de assunto às especulações indiscretas, mas uma coisa vinha modificar totalmente a situação. Era um fato: pela primeira vez as suposições tinham acertado. Sem querer, meramente para fazer escândalo, as más línguas tinham falado a verdade. Acontecera o que elas previam, se bem que não ti-

O NOIVO DE ANITA

Conto de RAYMONDE VINCENT

vesse ocorrido nenhum dos incidentes que elas acrescentavam, para dar cor local parisiense, notoriamente a cidade em que as coisas pouco honestas saltam aos olhos que não devem conhecê-las.

Ficaria o caso por aí, entretanto, se não houvesse acontecido o famoso incidente da loja. Anita, certa manhã, fôra fazer umas compras para a mãe, quando encontrou uma das velhas do grupo que, com um sorriso, disse:

— Então, Anita: quando chega o noivo de Paris?

— O noivo?

— Não se faça de ingênua! Pensa que me engana?

Anita mesma não poderia dizer que espírito mau lhe segredou a resposta:

— Ah! A senhora refere-se ao meu

primo Gilberto? Não estamos noivos oficialmente.

O psicólogo explicaria eruditamente o que podemos compreender sem seu auxílio. Era o desejo dela. Ela se apaixonara pelo primo: ao ter que dar uma resposta imediata, saíra-lhe dos lábios, diante de toda aquela gente ávida de escândalo, o segredo mais íntimo, o maior desejo. Mas o pior foi que as perguntas se multiplicaram. E ela, uma vez lançada na aventura, respondera que ele deveria chegar muito breve para fazer o pedido.

Naquela tarde houve assunto bastante para uma reunião da diretoria do Clube das Senhoras de Saint Remy.

A notícia viajou depressa, e não tardou

(Continua : 1.º pág. 41)



anos em que
monjes agos-
ois de sua in-
de Hitler che-
a um dos por-
verão e o in-
e depois que
s em santuário
consideravel-
ção de 10.000
em 6.000 habi-
e peregrinação
zendo lembrar
mbinadas.

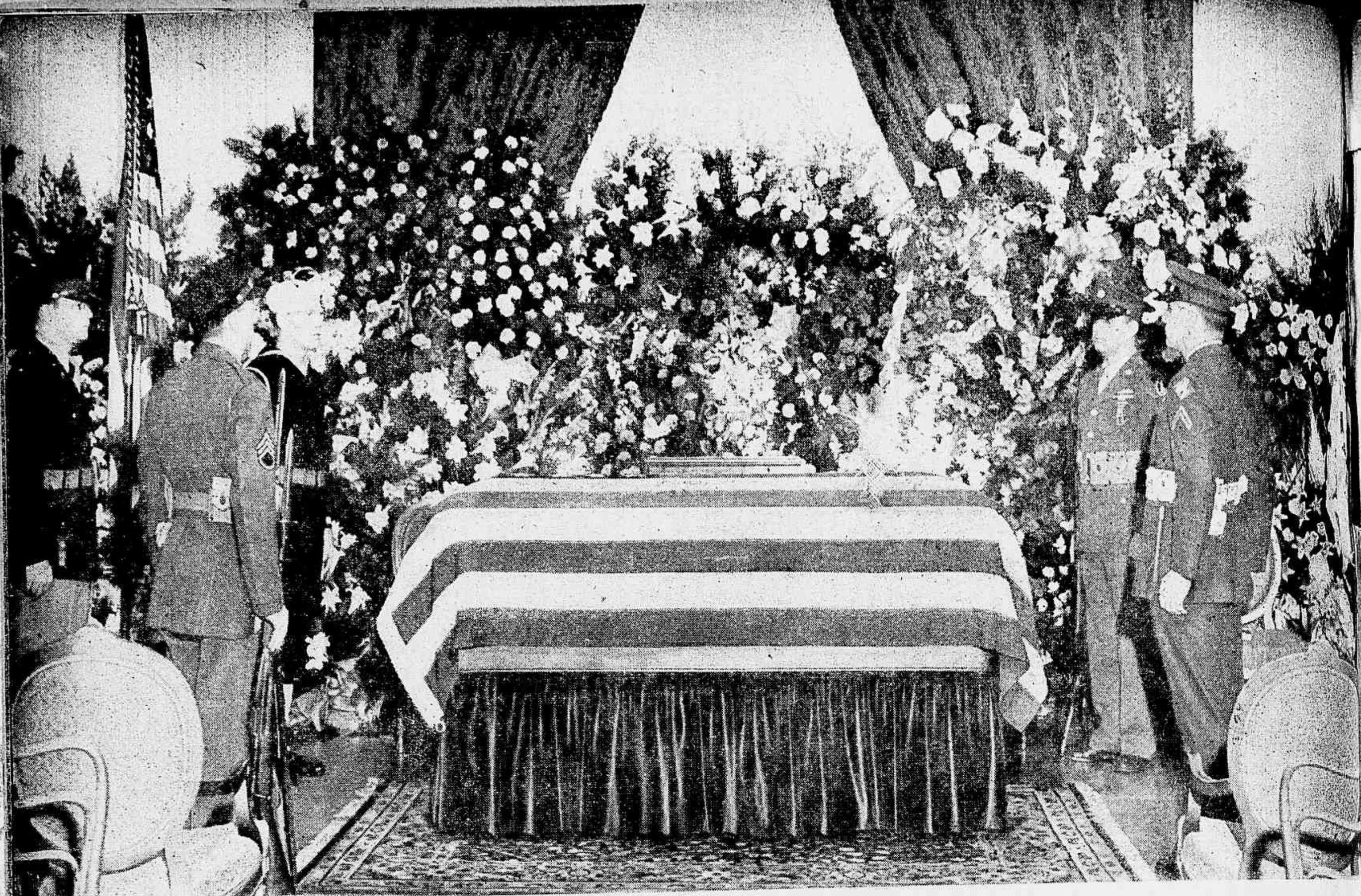
garam a Berch-
quatro motivos:
riera; pelo seu
pelas suas fá-
al. Ah, sim, e
agno, sepultado
o mar.

desta Hospeda-
do do nazismo,
riso. Eram dias
mmam, Hess e
teorias de Hitler
Ordem; e foi
ltou ao sair da
undo e o mais
Hitler nem seus
, e para Adolf
iente adequado.
chalet" de Wa-
30, e não podia
m de sua irmã.

itar em Berghol-
do: "Soube que
s inimigos pre-
ento muito que
que é meu não
povo". A nova
io, com acomo-
oristas, guardas

quatro vilas de
Salzburgo, afim

na pag. 46)

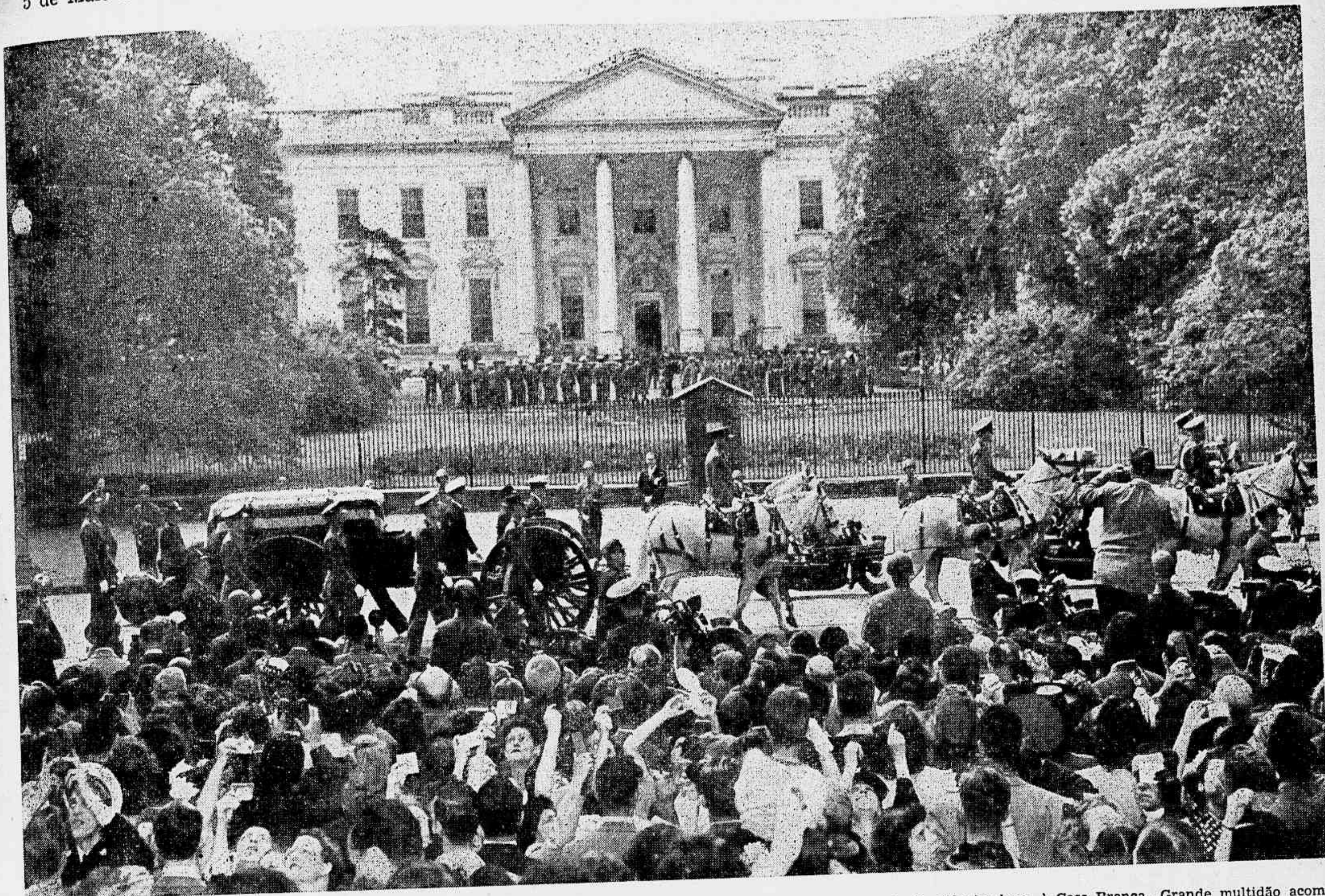


CÂMARA ARDENTE DE ROOSEVELT — Na Casa Branca ergeu-se a câmara ardente do Primeiro Magistrado da Nação Americana, por onde desfilaram milhares de americanos de todas as classes sociais, que levaram o último adeus ao grande amigo do povo. Sob uma guarda de honra, na qual figuravam soldados do Exército, da Aviação e marinheiros, o corpo do herói nacional esteve exposto durante quatro dias. Foram estes quatro dias de luto para todo o mundo livre, que chorava a morte de um grande "leader". Na foto, o féretro de Roosevelt, guardado por soldados dos Estados Unidos, vendo-se ao fundo as flores que enfeitavam sua singela câmara ardente.

OS FUNERAIS DE ROOSEVELT

EM FRENTE AO CAPITÓLIO — Durante sua gloriosa carreira política, foram inúmeras as vezes que Roosevelt compareceu ao Capitólio. Muitos atos hoje históricos foram firmados por ele perante os parlamentares ali reunidos. Foi diante da casa em frente à qual passa agora pela última vez, que o lutador democrático Franklin Delano Roosevelt pronunciou o histórico discurso de 8 de dezembro de 1942, no qual declarou guerra aos países do Eixo. Agora, morto em meio da luta em que empenhou todas as suas forças, Roosevelt passa pelo Capitólio entre a população consternada de Washington.





O CORPO DO PRESIDENTE CHEGA A CASA BRANCA — Vindo de Warm Springs, onde se deu o desenlace, o corpo do Presidente chega à Casa Branca. Grande multidão acompanhou o cortejo fúnebre pelas ruas da Capital Estadunidense até à residência presidencial, onde deveria ser erguida a câmara ardente do grande democrata. Em frente à "White House" ainda esperavam o cortejo milhares de pessoas. Na foto aparece a carreta fúnebre e sua guarda de honra, no momento em que passavam em frente às grades do jardim da Casa Branca. No gramado, a guarda do palácio presta a derradeira homenagem ao grande americano.

A ESPERA DO TREM FUNERARIO — O brigadeiro-general Elliott Roosevelt, que chegou da Inglaterra de avião para assistir aos funerais (à esquerda), sua senhora, Faye Emerson (no centro), e a filha do Presidente esperam, na Union Station, no dia 14 de abril, a chegada do trem funerário que conduziu à capital o corpo de Roosevelt.

AMIGOS PESSOAIS DO PRESIDENTE — Entre as pessoas presentes à Union Station, para acompanhar o corpo do Presidente à Casa Branca, contavam-se vários amigos pessoais de Franklin Roosevelt. À esquerda, da esquerda para a direita: James Byrnes, presidente da Mobilização de Guerra; Presidente Harry Truman; Henry Wallace, vice-presidente durante o último mandato de Roosevelt.



VAZ DE CAMINHA

ESCRAGNOLLE DORIA

Fins de Fevereiro de 1500. De partida marcada para muito além mar, um homem corre Lisboa. Está em adeuses para isto talvez á busca de parentes, em falta deles amigos os suprindo, bem ou mal, fieis ou fementidos.

Quem vai embora não é qualquer, sim pessoa de qualidade. Chama-se Pero Vaz de Caminha, filho de Vasco de Caminha, recebedor mór em Tanger sobre protegido do duque de Guimarães.

Pero Vaz exercera officio de mestre de balança da mceda no Porto, honrado com mercê de cavaleiro de D. Afonso V. o Africano.

Africa! India! Campos de batalha imensos, enxameados de inimigos sempre á espera de armas luras habituadas ás acerbidades do perigo.

Africa! India! Teatros exóticos onde reclamavam papel português ousados ao ambicionar gloria e louros, estes vezes e vezes colhidos só para juncarem sepulturas.

Seguia Caminha para um campo de batalha, para um teatro exótico, a India, supposto que na Africa metesse lanças, as consagradas por um proverbio, suposto que a guerreasse no continente negro pisando areais, arrancando á mourisma estandartes quarteados em côres vivas, golpeando carne de inficis, ensanguentando-lhes albornozes de tinta forte.

Em Fevereiro de 1500 não se trata de Africa; mas de India. Para esta vai Pero Vaz de Caminha, despachado escrivão de feitoria asiatica ainda por crear, longe, em Calecut, nos remotos do Malabar.

Quinquagenario, e pois na quadra mais de emenda de pecados que de aventuras, pretende Caminha abrir vida nova em outra parte do mundo. Sente contudo o espinho de quem parte, a duvida de tornar, no secreto receio de adeuses que bem podem ser ultimos, o destino impenetravel e caprichoso. Sabe Caminha que deixar patria cidade natal é jamais esquecer-lhes os menores encantos e recantos.

Não ignorava Pero Vaz que desde o Infante D. Henrique, em alteza de sangue e

PEDRO ALVARES CABRAL, O COMPANHEIRO SUPERNO DE
PERO VAZ DE CAMINHA EM 1500



pensamento na penha de Sagres, Portugal avantajára-se na era dos descobrimentos marítimos de vára oceanos, toda a audacia de nautas afrontando o Mar Tenebroso.

Em Fevereiro de 1500 tóca vez de perigo a Pedro Alvares Cabral, mandado á India a completar empresas de Vasco da Gama.

Cabral segue para a Asia numa segunda feira de Março de 1500, aos primeiros brilhos da manhã, ao repentar da vasante, caravélas prontas ao córte de ondas, numa das náos Pero Vaz, de semblante sereno ou triste.

Soam-lhe aos ouvidos vozes de maruja, alando armada inteira, amarras roçando pelos escovens, o apitar agudo dos mestres ordenando largar vélas.

Na praia de Belem apinham-se espectadores, uns em derradeiro avistar de proximos, outros levados apenas pela curiosidade áquela cena historica presidida por um rei.

Navio a navio, seme-se a armada em busca de rota pelo corredor do Tejo, prestes a sentir o alto oceano aficção a dar mau fim a bons comços.

Esfumadas no horizonte a ultima linha, a ultima sombra de Portugal, principia navegação ao favor de vento, ao sabor de ondas. Seguem as caravelas, mar de longo Caminha a conhecer dias das grandes solidões marítimas nas quais o salto de um peixe voador, o pairar de ave marinha constituia distração.

A saída do Tejo fôra adiada por um dia, assim mandara vento adverso. Tida vista das Canarias, na altura de Cabo Verde se desgarrou uma ná, sem haver tempo forte, nem contrario para poder ser, no testemunho de Caminha.

Navegando cautelosa, a armada cabralina, em fins de Abril de 1500, eram topados sinais de terra em muita quantidade por ervas compridas conhecidas pelos mareantes pelos singulares de botelhos e rabos de asno.

Aos olhos de Caminha avultou depois montanha de altura e redondeza e como fosse terça-feira depois da Pascoa, o nome para a elevação que primeiro acudio á memoria, foi o de Monte Pascoal como a terra seria de Vera Cruz, e afinal de Santa Cruz. Os sucessos da escala da armada, Caminha ia-os anotando no presenciar cenas, no tratar com selvicolas, na visão de paisagens, na sucessão de manobras das náos, no conhecer recifes e ilhéos, no ver aguada ou transporte de lenha, no presenciar escambo de bugiarias, mormente espelhos, por tudo quanto os selvagens ofereciam aos desconhecidos brancos, uns trocando guizos por arcos e flechas, outros cobiçando papagaios e araras.

Sem prevêr quanto por isto lhe valeria immortalidade, o escrivão Pero Vaz de Caminha dispoz-se a redigir carta, de sêlo na História lançando o missivista mão da pena para dizer sobre papel florete.

Tinha de dirigir-se a soberano, dando noticia do achado de uma terra e dava novas ao quinto rei da dinastia de Aviz, a D. Manoel que, após o descobrimento da India, tantos titulos ajuntára á corôa portugüesa no aquem e alem mar da Africa e da Asia.

Escrevendo Caminha a Sua Alteza, datava a carta de Porto Seguro na ilha de Vera Cruz no 1.º de Maio de 1500. Tudo quanto a carta extensa relatava teria saído de notas tomadas pelo missivista e o explicavam as minucias do escrito, elas somente possiveis se fruto de seguido apontamento.

Largando das paragens descobertas, tomadas por ilha, a armada de Cabral retoma destino, a prôa para onde mandada. Deixava atrás de si a selvagens a ideia confusa de duas missas e a quatro portugueses ficados em terra o sentimento da saudade. Dois eram degredados, dois outros grumetes fujões, preferindo não seguir os seus, para que sobre o destino dos degredados e dos fujões nada mais dissesse a História sobre todos aqueles cerrando completo olvido.

Eis Caminha na India, remetida a Portugal a sua carta da ilha de Vera Cruz, a carta de longo relato ao muito alto e poderoso príncipe filho de D. Fernando, duque de Vizeu, por sua vez filho de D. Duarte.

Cabral, capitão-mór, e outros capitães escreviam também a D. Mancel, "dando-lhe nova do achamento da terra nova", mas o que havia de subsistir seria uma carta só, a do escrivão Pero Vaz de Caminha.

Encontrou ele na India milenaria onde estabelecer feitoria, a de Calecut, na qual o recém vindo vinha servir, pondo este pé em terra de ancianidade e misterio. Nela deuses embarda e figuras de espantar, habitavam templos ao redor dos quais dormiam aguas paradas num clima emoliente.

Do Portugal dos choupos passava Caminha á India das arvores centenarias, do Ganges sagrado e fétido pelo boiar de mortos ao sol e á chuva em desmanches de putrefacção, junto do rio multidões a ondeiarem atirando-lhe cerças de jasmim.

Tres anos viveu o escrivão da feitoria de Calecut na India Portugüesa, parte da India das junglas em cujo seio selvatico dormiam enormes serpentes dobradiças. Também na solidão se estirava em sono o tigre de garras cruéis e pelugem amarelada zebreada de negro, para ás vezes o felino despertar pelos roncões da trovoadas, de nuvens levadas ao cimo de motanhas inacessiveis, natureza sem profanação humana.

De saber, senão de ver, tudo isto e mais, na India existio Pero Vaz de Caminha, pela morte privado de retorno á patria sempre suspirada.

Em dia que se conjectura de 1501, eis cadaver o escrivão de Calecut. Vidrados são os olhos que contemplaram a ilha de Vera Cruz, enclavinados os dedos que sustiveram a pena na carta de 1.º de Maio, livido o semblante do adormecido em leito mortuario.

Chega hora de saimento. Borborinha gente, forma-se prestito, preces cristãs sobem ao céu arqueado sobre templos onde de reverencia e de imperio idolos multiformes e disformes alimentam fanatismo no terror.

Segue Caminha a sepultura, possível imaginar-lhe o enterro encontrando curiosos no seu triste caminho, talvez entre aqueles curiosos mulheres indo de cantaros á fonte detido o passo na curiosidade pronunciada de sexo, a herdar a da desobediencia conespiciavel no Paraíso.

E as inlús de todos os tempos ostentam carnes bronzeas aquecidas pela vida, magras de ancas, repletas de cóle, braços serpeados de anceis.

As mulheres indús de 1501, de grandes olhos pensativos e pestanudos, seguiriam com lançar de vistas o morto que se ia talvez sem lagrima de ninguém, assim posto em terra da India o cavaleiro de D. Afonso V, o mestre de balança do Porto, Pero Vaz de Caminha, autor da ementária carta de 1500 que, paleograficamente decifrada, daria primeiras paginas á história do Brasil.

mentos
toso.
Índia
ros bri-
ma das
oçando
oximos,
rei.
prestes
rincipia
longo
m peixe
da vista
o forte,
eram
as pelos
e como
io à me-
ta Cruz.
no tra-
o conhe-
escan.b)
desconhe-
cagnios e
z de Ca-
da pena
ava novas
da Índia,
da Ásia.
a de Vera
de notas
possíveis
al retoma
a confusa
ade. Dois
para que
obre todos
a Cruz, a
duque de
"dand-
a carta só,
alecut, na
e misterio.
quais dor-
narias, do
de putre-
a, parte da
ças. Tem-
ela zebra da
ns levadas
Caminha,
drados são
sustiveram
mortuario.
istãs schem
ltiformes e
do curiosos
ros à fonte
ncia consus-
vida, ma-
seguiriam
im posto em
Pero Vaz de
frada, daria



MARIA MONTEZ, da "Universal".

23 **T**ERMINADAS as restrições da guerra, poderão, novamente, as mulheres do mundo inteiro voltar à sua graça e feminilidade, principalmente no que se refere aos trajes de noite. Para poupar tempo, fazenda e dinheiro as mulheres da Europa e dos Estados Unidos vestiam-se com grande simplicidade, adotando o traje esportivo mesmo para ocasiões de mais cerimônia. Aqui mesmo dificilmente encontramos uma mulher num cinema ou teatro que se vista de acordo com a hora.

O chapéu foi abolido, os vestidos "habillés" também, e o aspecto nada tem realmente de encantador. Felizmente tudo isso vai passar. Os primeiros passos já estão sendo dados por Hollywood e Paris. Os grandes costureiros das duas cidades da

Moda estão em grande atividade, e dentro de pouco tempo teremos novamente as nossas noites de gala nos cinemas e nos teatros. O espetáculo é sem dúvida muito mais agradável; mulheres que não saem à noite com o mesmo vestidinho que usa-

ram para o escritório ou para as compras, e que não usam chapéu, com receio de ficarem deslocadas ou então por medida de economia; enfim, tudo isso vai passar. É preferível que se tenha uma só "toilette" completa para a noite, a andar assim "à vontade" como andam agora as nossas patricias. É preciso, sem dúvida, que haja um movimento de reação, e esse movimento aí vem, iniciado pelas mulheres da França e de Hollywood.

Kitty

NOS BASTIDORES FEMININOS

A DESFORRA

LALAU Cunha enfiou o rifle na bainha, botou a enxada nas costas e abalou morro acima, em direção às suas roças. Na sua cabeça uma imensidade de números se juntam e vão aumentando de valor numa tentativa desesperada de soma. Quando o resultado passa dos sessenta, Lalau vê que não pode juntá-los assim de memória, e então procura escrever os algarismos com um graveto, no barro vermelho e liso do morro, um em

baixo do outro, para a soma, e começa: seis e seis doze, e seis dezoito, vai um.

Lalau, que aprendera há muito uns rudimentos de aritmética, não sabe o que fazer com aquele 1 que sobra. Tenta mais uma vez e desiste, por ignorar aquele detalhe. Fica aborrecido. Queria fazer as contas da sua roça de quatro morgos, com a farinha a vinte e seis cruzeiros o saco. Estava procurando saber se, com o produto, poderia comprar a pontinha de mato que há muito tempo vinha namorando. Ficava bem na extrema da sua terra, sombreando-a. O vizinho, seu compadre, queria dois mil cruzeiros. Trabalhou a tarde inteira com aquelas contas na cabeça. Se soubesse multiplicar teria sido mais fácil. Quanto ao cálculo da roça ele não tinha medo. Terra boa que era, podia bem calcular a trinta sacos o morgo folgado e, nos quatro morgos que eram a roça, conseguiu a muito custo chegar à conclusão de que seriam 120 sacos. Agora, saber o dinheiro que apurava vendendo a farinha, é que era o nó. Finalmente, porém, desistiu de tentar resolver o problema, e de volta da roça dirige-se para o filho e pergunta:

— Meu filho, o um que vai aonde é que a gente bota?

O guri não sabia. Nem sabia que em dezoito ia um.

Lalau ficou danado da vida e esbravejou uma crítica a essas escolas modernas, que ensinavam a ler e escrever sem que a criança aprendesse o ABC:

— No meu tempo a gente aprendia até por música...

Sinhá Doca não resistiu à tentação da "deixa" e interveio, menos em socorro do filho do que para arrelhar o marido:

— Era muito boa a escola do teu tempo, mas tu só aprendeste a música...

Intimamente Lalau achou que a mulher tinha razão e por pouco não riu na sua presença. Ficou sério e desconversou. Só lhe interessava mesmo a ponta de mato. Até esqueceu o pequeno incidente para, mais uma vez, associar a mulher aos seus planos. Plano de homem pobre que se contenta com pouco...

— Se Deus quiser, minha velha, no ano que vem eu meto o machado naquela chapada e faço daquele mato uma roça de cana. Ainda hoje o compadre Zeca me disse que eu aproveitasse a comprar enquanto ele está arresolvido a vender.

Dona Doca não quis concordar inteiramente com o plano:

— Ficas sem um trapo por causa daquele chãozinho de terra...

E, antes que Lalau falasse, concluiu, já conciliadora:

— Mas que a gente precisa da terra, lá isso é verdade.

Lalau riu. Ficava radiante com a cumplicidade da mulher nos seus planos. Nunca mais esquecera a estopada que levava com a compra da parelha de cavalos no inverno anterior. Quando enterrou o último animal, a mulher lhe dissera em tom de praga:

— E' pena a doença dos bichos não pegar em tu, bobalhão...

Cavando a terra para enterrar o ca-

vão, Lalau ouve as palavras de dona Doca e se lembra de quando teimou com ela a respeito da compra:

— Já tou c'os animal apalavrado e não torno atrás. Quem canta aqui é galo, mulher...

Felizmente, agora na compra da terra, dona Doca estava com ele.

Com o pleno consentimento da esposa, Lalau se desdobrava de sol a sol na sua plantação. Satisfeito por ver que a mandioca crescia parelha e taludinha, o pobre homem teve o seu primeiro aborrecimento no dia em que Juquinha, que tinha ido "dar uma volta", chegava com a informação de que "a vaca do dinho Zeca tava na roça do pai".

Lalau estava a essa hora matinal tomando o seu aparado, mas pulou como um boneco de mola, desmanchando-se em ordens para o filho:

— Corre lá e avisa o compadre Zeca. Diz que ele mande buscar o animal que depois eu vou lá falar com ele.

Juquinha, fingindo-se a cavalo, faz que estala os dedos num relhago que lhe roça a parte trazeira da calça, e sai numa marcha trotada "que nem o lação do tio Benzinho".

Lalau quis condenar o ar de brinquedo que o filho emprestara à sua missão, e grita já de longe:

— Toma assunto no mandado, bicho!

Nem por isso José Padilha — o compadre Zeca — dera grande importância ao recado que lhe dera o afilhado:

— Deus t'abençoe. Diz pro Lau que eu vou mandar buscar o animal.

Não era assim que o pai de Juquinha queria. Pensou que o compadre fizesse um barulho danado em casa, brigasse com a mulher e o cangueiro e saísse correndo a providenciar a retirada da vaca. Mas, afinal, pouco depois o alugado Lino saiu assobiando displicentemente de laço nas costas e pisoteou mais outro pedaço de roça para laçar a vaca, quando poderia ter tocado o animal para fora com jeito.

Aquilo envenenou Lalau, que se encheu de coragem e foi se entender com o vizinho:

— Si é pra mandar de novo o Lino, então o compadre deixa que eu vou buscar a vaca quando ela for lá outra vez.

Nem assim "seu" Zeca se encabulou. Parece até que fazia por desprezo:

— Depois tu me manda a conta do estrago...

Lalau então arrematou a conversa, já meio amolado:

— E' pra comprar o teu matinho aquela roça. Depois a gente desconta.

De tarde o roceiro foi ver o prejuízo da sua mandioca. Constatou, com grande aborrecimento, que os estragos eram avultados.

Depois daquilo houve pouco tempo de paz. Dias depois sinhá Doca volta alarantada do cafezeiro, dizendo para o marido:

— Olha, a vaca do Zeca tá na roça outra vez. Dá um jeito sinão aquela peste come a mandioca toda.

Lalau solenemente saiu de casa e avisou a "seu" Zeca:

— A tua vaca tá na minha roça. Tu sabes que eu não quero desavença com



Cont

vizinho e
mas hoje é
dentro da

Lalau C
toridade.

se referin
o inspetor
tico:

— Avis
ga-le fog

Compa
sorriso d

vizinho,

— Cal

Lalau

— Nã

mosa po

resto de

bicho. F

Nas p

uma am

porém,

Depoi

houve r

ilas. L

venda

para o

conheci

passav

recebia

fácil, e

preferi

Mas

mau c

A vo

a abo

carga

a vila

Antes

Na

O hor

de re

de ve

Lal

gume

deran

—

da...

E

ridic

clui

arm

além

com

poss

ver

E

bon

do

vizinho e muito menos com compadre, mas hoje é o último aviso que te dou. Tou dentro da lei...

Lalau Cunha confundia a lei com a autoridade. Quando ele falou em lei, estava se referindo ao que lhe dissera, certa vez, o inspetor do quartelão num caso idêntico:

— Avisa duas vez e, na terceira, pega-le fogo.

Compadre Zeca continuou com o seu sorriso de descrença, bateu no ombro do vizinho, quase a empurrá-lo.

— Calma, Lau. Tás nervoso, compadre. Lalau estourou:

— Não tou nervoso, não, mas si a Mimosa ponhá mais uma vez o pé no meu resto de roça, eu faço uma desfeita pro bicho. Ficas avisado...

Nas palavras finais do roceiro havia uma ameaça evidente. Não a entendeu, porém, o interlocutor.

Depois daquele desentendimento não houve mais amizade entre as duas famílias. Lalau passou a comprar na outra venda (Zeca era vendeiro) e negou a fala para o vizinho. Só Juquinha não tomou conhecimento das hostilidades, e todo dia passava pela casa do padrinho, de quem recebia a bênção, tão desvaliosa quanto fácil, e uma bala. E' lógico que Juquinha preferia esta àquela.

Mas estava escrito que o negócio ia por mau caminho.

A vaca foi a terceira vez à roça e Lalau a abate em plena plantação, com uma carga de chumbo. Fez isso e correu para a vila, onde pediu assistência da polícia. Antes d'ele, porém, fôra o vizinho.

Na delegacia o primeiro pouco falou. O homem da lei fundamentou-se na falta de registro da arma, indus-triado, é bem de ver, por José Padilha.

Lalau quis se defender, evocando o argumento dos dois avisos, mas não lhe deram ouvido:

— A espingarda não estava registrada... Paciência.

E em ares doutorais, cuja validade jurídica o tabaréu não punha dúvida, conclui o pernóstico esbirro:

— A lei é muito clara, "seu" Lau. A arma não estava registrada... O senhor, além de perder ela, perde a questão e come vinte e quatro horas de xadrez. Não posso fazer por menos. Tenho pena, é verdade.

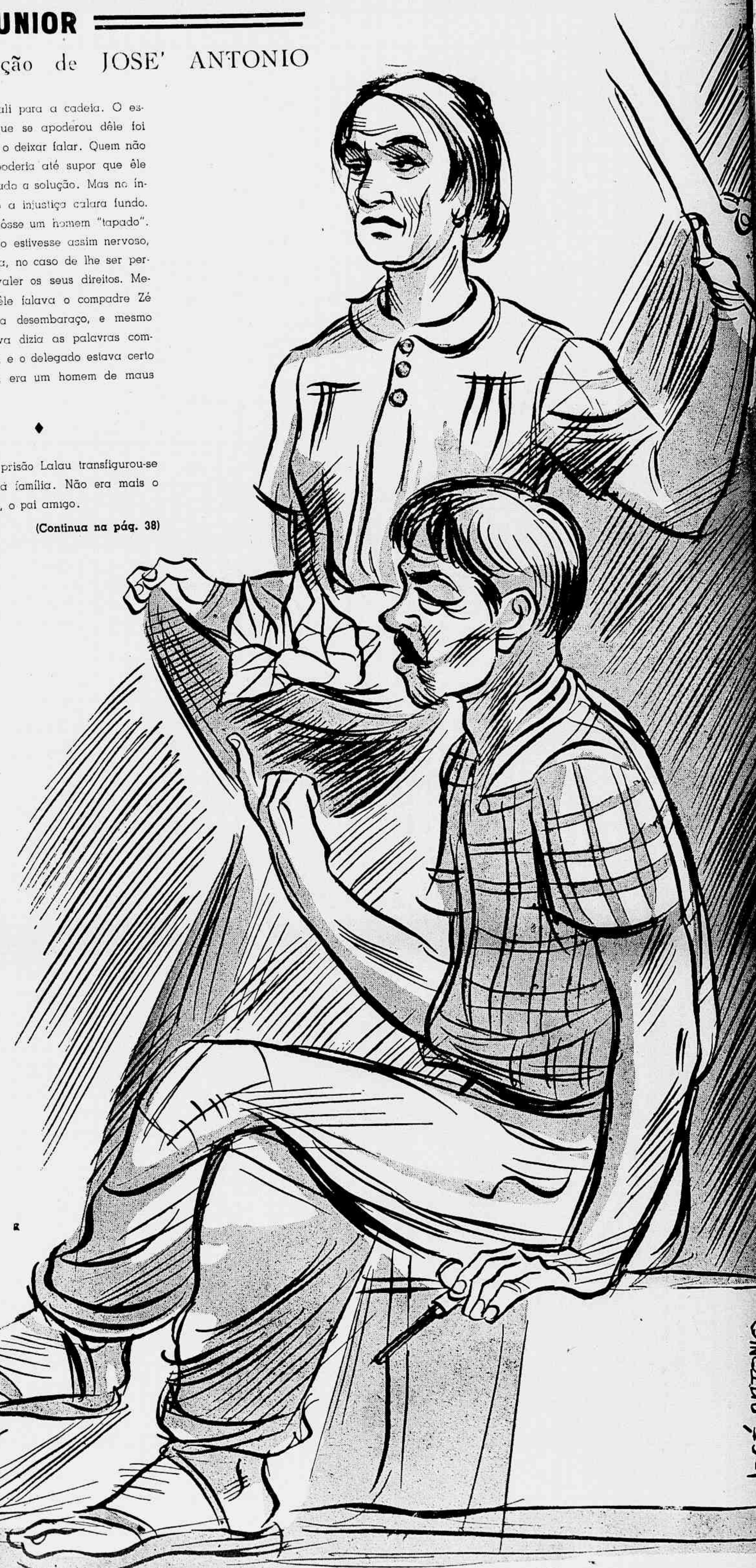
E virando-se para Zeca:

— Pode ir embora. Em todo o caso é bom evitar que os animais continuem saindo do pasto.

Lalau saiu dali para a cadeia. O estodo nervoso que se apoderou d'ele foi de modo a não o deixar falar. Quem não o conhecesse poderia até supor que ele aceitara resignado a solução. Mas no íntimo do roceiro a injustiça calara fundo. Pena que ele fôsse um homem "tapado". Mesmo que não estivesse assim nervoso, não conseguiria, no caso de lhe ser permitido, fazer valer os seus direitos. Melhor do que ele falava o compadre Zé Padilha. Tinha desembaraço, e mesmo quando brigava dizia as palavras compassadamente, e o delegado estava certo de que Lalau era um homem de maus instintos.

Depois da prisão Lalau transfigurou-se perante a sua família. Não era mais o roceiro calmo, o pai amigo.

(Continua na pág. 38)





A população do Rio de Janeiro, todo o Brasil está comemorando a passagem do primeiro aniversário do nascimento de um de seus homens públicos: José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, o qual, com a sua habilidade diplomática, estreitamente ligada a um amor de justiça e equidade, conseguiu, para nossa Pátria, sem esforços hercúleos e cruéis, territórios vastos, passando à história como o mais sábio dos chanceleres e ganhando a imorredoura de muitos povos.

Como cidadão e como político, patriota e como diplomata, o Barão do Rio Branco, em todos os atos, em sua vida particular e pública, um perfeito conhecedor dos problemas, um grande diplomata e, sobretudo, um pacifista sereno.

A sua vida, passou-a inteiramente sobre a mesa de trabalho, onde se reuniam as assembleias e as comissões de arbitramento de litígios em que estaria por envolvido o nosso país, quantas fronteiras que nos ameaçavam por guerras infrutíferas e destrutivas foram resolvidas satisfatoriamente.

RIO R

dos os povos americanos pelo diplomático do grande chanceler.

Hoje, mais que nunca, devemos-lo com carinho, apresentando o seu nome glorioso como um seguro a favor da superintendência sobre a força.

O que foi dado às potências fascistas pelo poderio de suas armas e pelas cremalheiras de seus tanques de alta tonelagem? Nada mais que a efêmera de alguns quilômetros de terras devastadas, à custa de um sacrifício inútil de milhões de vidas humanas as conquistas de Hitler na conquista de Rio Branco. Essas vastas regiões férteis e pacificamente anexadas aos Estados Unidos do Brasil, partes da grande Pátria, símbolos da justiça e da liberdade que dirige todas as atitudes dos povos livres da América.

Sem derramamento de sangue e só serviria para fazer baixar o mapa do Brasil no seio das nações civis, Rio Branco incorporou à União, por menos de 900.000 quilômetros quadrados de territórios contestados, planícies e cidades ricas que hoje integram o patrimônio da coletividade brasileira.

E as conquistas, que feitas por golpe de espada teriam nos levado à ruína e ao isolamento, levadas à efeito pela palavra e pela pena de Rio Branco vieram enriquecer o país e gloriar a nação.

Nada pois mais justo seria, a organização de uma mostra, que fosse revelada ao povo do Rio a vida e a obra desse grande cidadão carioca, ainda tão desconhecidos pelo público.

A EXPOSIÇÃO RIO BRANCO

Organizada pelo cônsul Mirandinha Basto, inaugurou-se, no Rio de Janeiro.

Estátua de Rio Branco, em sua qualidade de diplomata e espadachim... Gesso das figuras de seu monumento, na praça que tem o seu nome.

maratã, no dia 20 de abril último, a Exposição Rio Branco. E colhendo esclarecimentos, através uma vista passada aos painéis, quadros e objetos de uso pessoal do diplomata ali expostos, pudemos agora levar aos nossos leitores algumas palavras a respeito do grande brasileiro. Que elas sirvam de exemplo aos homens de boa vontade.

Começamos pelas galerias do palácio: arrumados em vitrines especiais, livros, cadernos de apontamentos, uma bengala com castão de ouro, caricaturas, enfim tudo o que diz respeito à vida de Rio Branco, desde a sua infância até as gloriosas missões, que o levaram ao lugar de "Patrono dos Chanceleres Brasileiros".

Alguns papéis e fotografias mostram passagens da vida do estudante José Maria da Silva Paranhos, quando ele brilhava nas salas de aula das Faculdades de Direito de São Paulo e Recife, e quando a sua figura impunha respeito e confiança entre os seus contemporâneos das academias.

Nascido nesta capital a 20 de abril de 1845, fez ele os seus estudos de humanidades no Colégio Pedro II, ingressando após na Faculdade de Direito de São

A PROVA CARTOGRÁFICA DO DIREITO DO BRASIL AO TERRITÓRIO DO AMAPÁ

CADA UM DESTES MAPAS CONSTITUIU UMA PROVA DO DIREITO DO NOSSO PAÍS AO TERRITÓRIO DISPUTADO PELO FRÂNÇA

Painel onde estão expostas tôdas as provas cartográficas do direito do Brasil ao Território do Amapá. Aquêlê pedaço da Amazônia, durante anos contestado, passou a pertencer à União unicamente em virtude da ação diplomática de Rio Branco. Todo êste material cartográfico, provas históricas de incontestável valor jurídico, foi organizado e colecionado pelo patrono de nossos chanceleres

RIO BRANCO, O GRANDE CHANCELER

Paulo, de onde transferiu-se para Recife, bacharelando-se ali.

Até então, o jovem recém-formado tinha se revelado em tudo um grande estudioso das ciências jurídicas e os seus conceitos eram acatados, mesmo pelos próprios mestres. Iniciara-se uma grande carreira de jurista e diplomata.

Mas ninguém poderia imaginar então que o jovem José Maria da Silva Paranhos viesse a exercer a influência que realmente exerceu na vida do Brasil e na marcha dos acontecimentos internacionais.

POLÍTICO E JORNALISTA

Uma das vitrines da exposição nos mostra aspectos da vida de Rio Branco antes de seu ingresso na diplomacia:

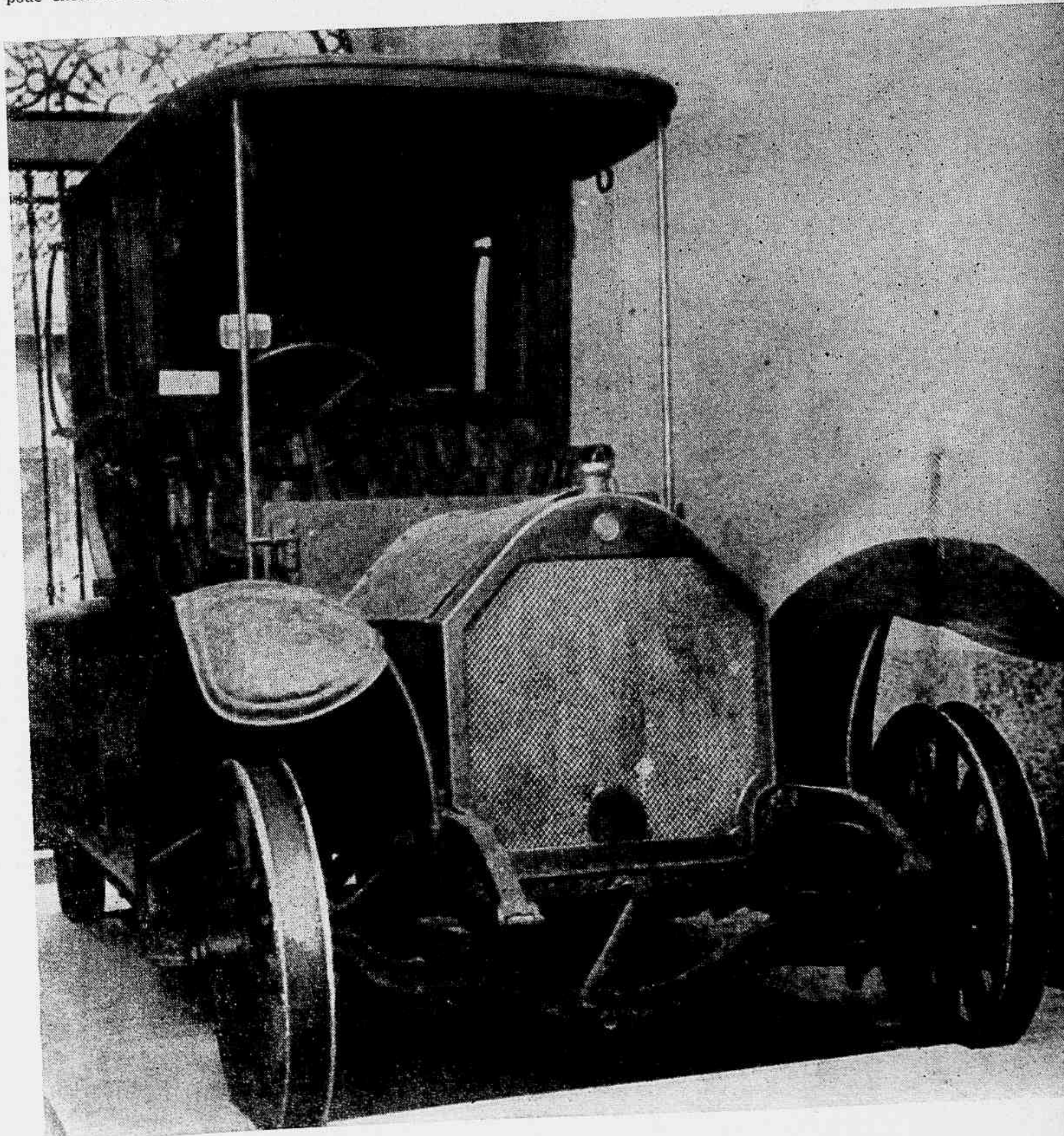
Terminados os seus estudos acadêmicos, fez ele a primeira viagem à Europa, em 1867. Voltando, fez com seu pai, o visconde do Rio Branco, viagens oficiais ao Rio da Prata e ao Paraguai, o que deve ter influido grandemente em sua futura carreira diplomática.

De 1869 a 1875, quando deu por finda sua atividade como promotor público de Nova Friburgo, exerceu Rio Branco o cargo de deputado geral pelo Estado de Mato Grosso, perante a Câmara Federal. Durante êsse período combateu pela palavra falada e escrita, pois que, além de parlamentar brilhante, revelara-se também um grande jornalista como redator da "Nação", defendendo com intransigência, mas sempre baseado em argumentos sólidos, a política do gabinete libertador chefiado por seu pai.

De suas qualidades raras de jornalista e político, não fôra o seu estilo conciso e simples e a sua habilidade parlamentar, falam bem alto as obras que o seu gênio construtivo deixou edificadas em todo o país.

O gênio condoreiro de Rio Branco não podia ficar porém preso às colunas de um diário e a uma cadeira no parlamento. A sua vocação inata era a diplomacia,

O automóvel do Barão do Rio Branco. Este carro, que também está exposto no Itamarati, serviu durante anos ao grande chanceler, conduzindo-o sempre aonde quer que ele fôsse. A carroserie dêste auto, construída nas oficinas Fiat, em Laranjeiras, é o que se pode encontrar de mais pitoresco. O carro é daqueles de alavanca de mudança e freio do lado de fora, tubo acústico, etc.





"Guichet" instalado no "hall" do Itamarati, para a venda de selos comemorativos do primeiro centenário do nascimento do Barão do Rio Branco. Na vitrine, a reprodução das estampas. Num, a efígie do grande diplomata. Noutro, o mapa do Brasil com os territórios que a diplomacia do Barão agregou ao país. No terceiro, o ex-libris do imortal brasileiro.

Crucifixo tóxico, trabalhado em madeira, que figurou na câmara ardente do Barão do Rio Branco. Ao fundo, no painel, aparece uma fotografia do diplomata, morto, em seu ataúde.



e ela estava a exigir a dedicação de sua inteligência às grandes causas da Pátria. Aliás, mesmo como jornalista e político já se revelara um grande diplomata, quer na linguagem serena mas inflexível de seus artigos e discursos, quer na argumentação precisa que sempre servia de alicerce às suas pretensões.

Mas o Brasil reclamava um grande diplomata. E foi encontrá-lo na figura de José Maria da Silva Paranhos.

PRIMEIRO CONSULADO

A carreira do grande chanceler começa com a sua nomeação para cônsul geral do Brasil em Liverpool, em 1876. Ali pôde Rio Branco dedicar-se, com mais entusiasmo e vagar, ao estudo das questões de ordem diplomática, que seriamente interessavam então ao Governo Imperial. Esses estudos, que o haviam sempre seduzido desde os seus tempos de estudante, levaram-no a aprofundar-se em pesquisas históricas e jurídicas em torno de tudo o que se relacionasse com os problemas de suma gravidade, surgidos por força das questões fronteiriças entre o Brasil e as repúblicas limítrofes. Em seu

gabinete de consul o grande diplomata rebuscava alforrãos, coligia dados, organizava planos e, após longos dias de trabalho, chegava a elaborar fórmulas de alto valor, que viriam mais tarde tornar incontestável o direito do Brasil à posse de vários territórios, que integram hoje o patrimônio nacional. Foi assim que Rio Branco acumulou, em seu gabinete de trabalho, desenhos, contornos e detalhes cartográficos, tratados, manuscritos, velhos documentos coloniais, que iam enchendo aos poucos os armários, as gavetas e, finalmente as mesas. Dotado de uma memória extraordinária, o diplomata, sem tempo a perder, na ânsia de ler e apreender rapidamente tudo o que se relacionasse com o Brasil, ia atirando para todos os lados os seus livros e papéis, pois nunca se esquecia onde havia pôsto cada um deles.

Simultaneamente com os seus estudos diplomáticos, Rio Branco preparava-se também para escrever a História Militar do Brasil, trabalho esse que, apesar de não haver sido concluído, bem revela as suas qualidades de escritor e historiógrafo. De seu valor como literato, é ainda um atestado eloquente a tradução da História

O Barão do Rio Branco, embora fôsse em tudo um grande organizador de provas jurídicas e um grande diplomata, em seus trabalhos revelava-se cem por cento dispersivo. O seu escritório era um amontoado de livros e papéis velhos. Ali vemos alguns de seus cadernos de apontamentos. Numa letra irregular e miúda, ele ia escrevendo as suas notas umas por cima das outras. Mas apresentando os seus argumentos aos árbitros nunca foi vencido, pois ao lado de sua inteligência estava sempre a justiça.





Da exposição organizada para comemorar a passagem do primeiro centenário do nascimento do Barão do Rio Branco fazem parte muitos utensílios de uso particular do grande diplomata. Estes estão dispostos na sala da qual é patrono o ilustre diplomata, e onde ele sempre trabalhou e que foi ainda o seu quarto de morte. Ai está um aparelho de chá em prata lavrada, do qual se serviu o Barão durante muitos anos, disposto sobre a sua velha escrivaninha.

da Tríplice Aliança do alemão, língua em que a escreveu Schneider.

O DIPLOMATA

Agora passemos a outros painéis da exposição. Ali se expõem livros, cadernos, papéis dispersos; todos rabiscados com uma letra miúda e quase ininteligível, estendem-se pelas vitrines da mostra. Nos painéis, fotografias do Barão nas diversas fases de sua gloriosa carreira.

Ali vemos-o quando cônsul em Liverpool, como plenipotenciário na Rússia, na Suíça, em Berlim.

Para se ter uma idéia do que foi o prestígio de Rio Branco no Brasil, basta que olhemos os painéis de sua exposição, dedicados às caricaturas da época. O Barão aparece grotesco, cabeça desproporcional, rabiscado maliciosamente pelos artistas de então. Mas nem uma legenda pejorativa, nem uma frase irreverente. Ele era, tanto para os elementos da política dominante quanto para a oposição, o homem que havia dado ao Brasil milhares de quilômetros quadrados de terras ricas, o diplomata que havia afastado da Pátria o fantasma da guerra, o gênio pacificador que evitara o sacrifício inútil de milhares de vidas.

Há ainda na exposição, vários desenhos feitos pelo Barão: bicos de pena reproduzindo batalhas, retratos de amigos rabiscados às pressas, a "crayon". O interessante é que o diplomata, se se mostrava um grande organizador nas questões em que se debatia a favor do direito do Brasil, na vida particular era um homem cem por cento dispersivo. Os seus próprios desenhos são uma prova cabal disso. Muitos papéis agora expostos no Itamarati, mostram uma caricatura planada sobre uma paisagem, uma marinha pintada à margem do papel onde inicialmente fora desenhada uma árvore. Os traços desses desenhos se confundem e, muitas vezes, apresentam um emaranhado de linhas enigmático.

Dai chegamos à conclusão de que os desenhos eram uma necessidade para o diplomata. Quando tratava dos interesses do Brasil, sentia necessidade de espatifar o espírito em alguma atividade alheia à diplomacia. E por isso desenhava.

O QUE O BRASIL DEVE AO GRANDE CHANCELER

Na Exposição do Itamarati estão catalogados documentos históricos de grande valor, relativos a tôdas as questões defendidas por Rio Branco e que resultaram no aumento progressivo da área territorial brasileira.

Proclamada a República, não puderam os novos dirigentes da Nação prescindir da grande capacidade diplomática do Barão. E foi durante a república que mais relevantes serviços o seu gênio prestou aos brasileiros e americanos.

Ainda no tempo do Império, em Washington, conquistara para a comunidade brasileira a parte contestada, que era motivo de uma questão de limites entre o Brasil e a Argentina. Foi assim que o Território das Missões passou a fazer parte do nosso país, por determinação do Presidente Cleveland, que atuou como árbitro na questão.

Pouco depois, no Amapá, em um encontro de patrulhas fronteiriças, são mortos um oficial francês e vários soldados. Surge uma delicada questão de fronteiras. Tudo foi resolvido de acordo com a arbitragem, e a posse do território limítrofe não nos foi mais contestada.

Em 1902, no governo Rodrigues Alves, foi Rio Branco nomeado chanceler. O Presidente tinha em mente induzi-lo a resolver os negócios relativos ao Território do Acre, que havia sido então declarado Estado Independente e criado um corpo de milícias, que entrara em combate com as forças dos litigantes, reclamando soberania. A Bolívia e o Peru, julgando-se com direito à parte contestada, iam ser levados a uma guerra de grande vulto, da qual não se podia prever o desenlace. O Acre era habitado por brasileiros, e este foi o motivo da Intervenção Armada do nosso Exército na região. A questão estava nesse pé, quando foi proposto o arbitramento.

E Rio Branco, após anos de trabalho intenso e a organização de farto documentação histórica, conseguiu a mais brilhante vitória de sua carreira! Finalmente, a 21 de novembro de 1903, foi firmado o célebre Tratado de Petrópolis, que deu o Acre como Território Federal do Brasil, mediante indenizações pagas à Bolívia.

O Tratado de Petrópolis foi largamente discutido nas duas assembléias do Congresso, e serviu de arma para as oposições políticas, que, afinal, não puderam negar a Rio Branco os seus francos aplausos.

Firmou Rio Branco ainda tratados com o Peru e Colômbia, resultando de todos eles o aumento de nosso território.

O seu nome estava, com o Tratado de Petrópolis, definitivamente firmado no conceito de todos os povos livres do mundo.

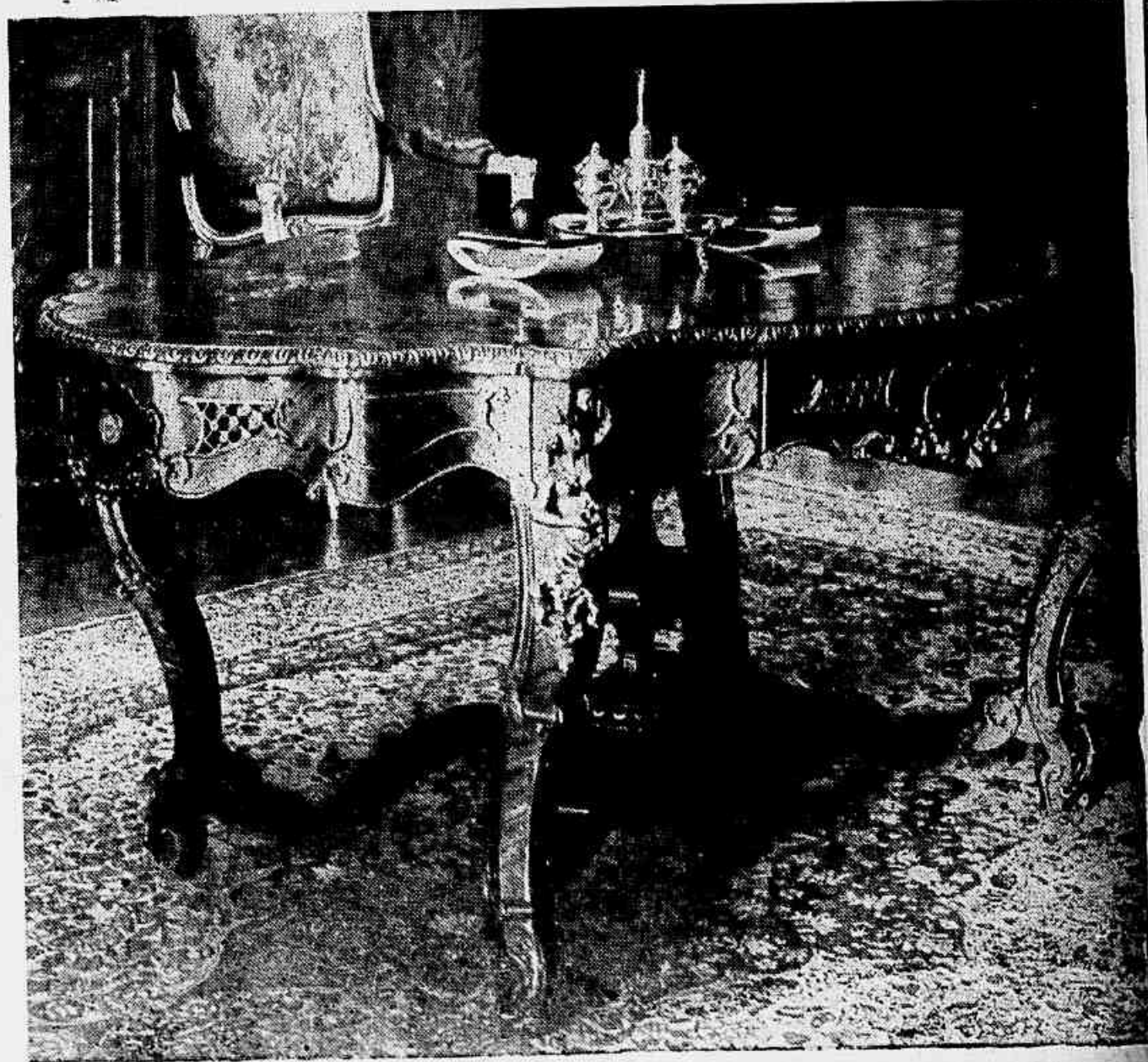
A sala Rio Branco está também repleta de objetos que lembram a vida do grande chanceler. Sobre a secretária de madeira negra, o aparelho de chá de que se servia o Barão. A um canto, um grupo estofado, por ele adquirido quando de sua nomeação para ministro.

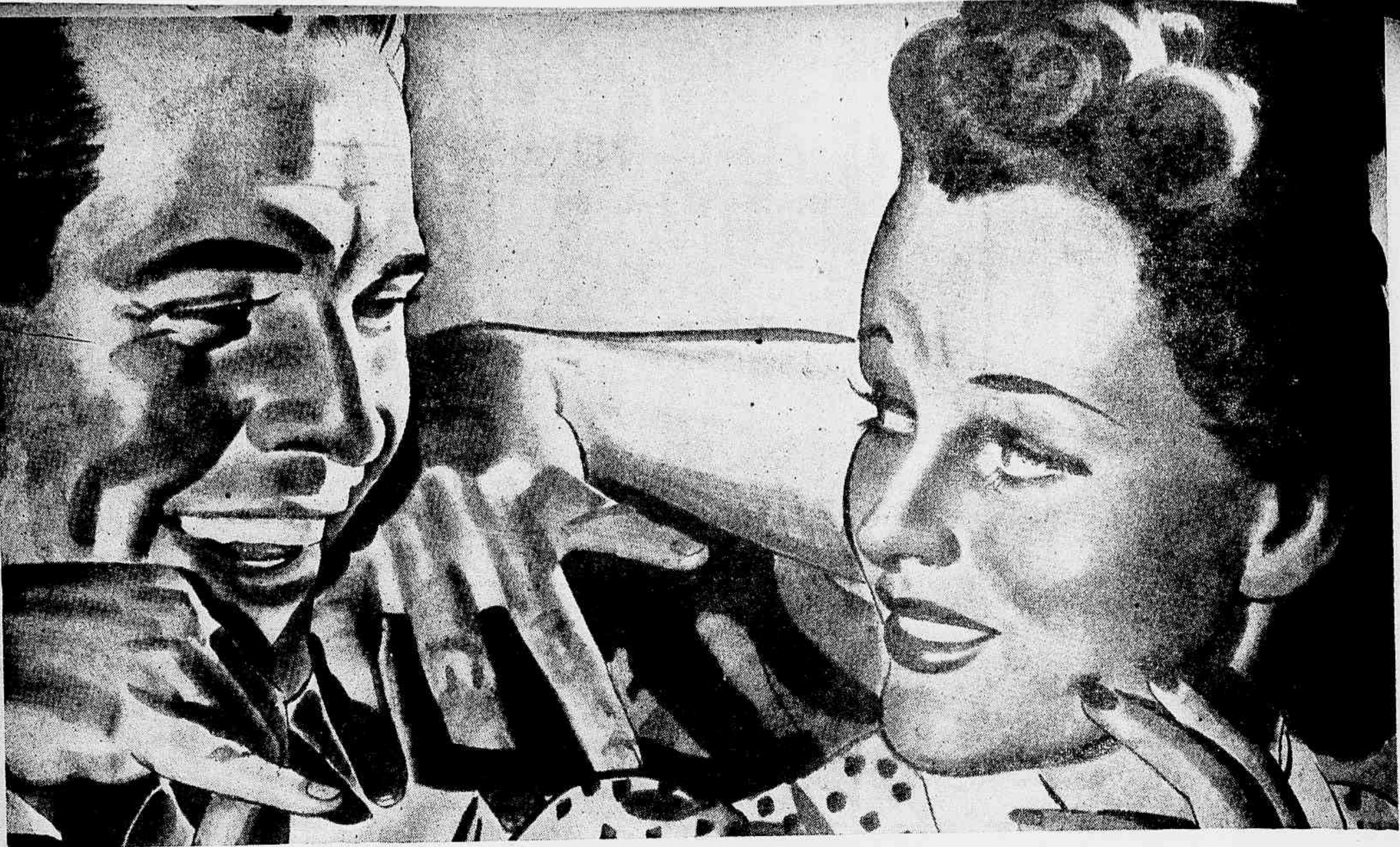
Ali, naquela dependência do Itamarati,

que hoje tem o seu nome, trabalhou e morou o imortal brasileiro, até que a morte veio encontrá-lo, no dia 10 de fevereiro de 1912.

Agora, cem anos após o seu nascimento, celebram os brasileiros os feitos do patrono de seus chanceleres. Na exposição organizada em sua honra encontramos coisas que foram vistas por nossos irmãos mais velhos, quando ainda serviam ao diplomata. Entre essas, figura com destaque o automóvel do chanceler, cedido pelo Museu Histórico para figurar na mostra. Lá está ele, inútil, com o motor inerte, na galeria do Itamarati, a lembrar os tempos em que o Barão era visto em seu interior, nas ruas do Rio de Janeiro. Não é um côche de luxo. É apenas um automóvel velho. Mas, servindo a quem serviu, tem hoje para nós um valor inestimável.

Mesa Luiz XV, trabalhada em laca e madeira nobre, mostrando perfeitos trabalhos de talha. Este móvel foi adquirido pelo Barão do Rio Branco, e sobre ele assinado o tratado de Petrópolis. Hoje ainda se encontra esta mesa na sala Joaquim Nabuco, no Palácio Itamarati.





Um arrufo de namorados que terminou na delegacia de uma maneira original...

CENSURAREMOS Whitey por que ele tinha o hábito de ameaçar e não cumprir as suas ameaças? Da próxima vez parto para sempre, assim concluía ele todas as discussões com a noiva. E nunca partia. Não podemos, de modo algum, atirar a primeira pedra. Tanto mais quanto na guerra e no amor tudo é permitido, inclusive os meios ilícitos. Por isso sou de opinião que o amor e a lei se repelem, encontrando-se agem como pólvora e fogo: explodem. Assim foi no caso que queria contar-lhes. E começou tudo com mais uma briga de namorados.

— Da próxima vez vou-me embora para sempre! — disse Whitey, como era de prever.

Mas ela não deixou passar a observação:

— Ora. Todas as vezes você diz isso!

E a reconciliação, que já se divisava, desapareceu, subitamente, numa nuvem tempestuosa de irritação, que era tanto mais forte porque ela dissera uma verdade. De certo modo, numa discussão, as verdades não são bem-vindas.

— Pois vou agora mesmo — disse ele.

— Ora, vá!

E ele não teve outro remédio senão ir. Não ia, portanto, muito contente. Mas, perfeitamente consciente da desmoralização completa que sofreria se desta vez não fizesse o que ameaçara tantas vezes, ele foi. Mas não passou do próprio apartamento, e as ameaças aludiam a uma viagem à África, para caçar leões. Ele usava esse argumento, pois lera numa novela que era procedimento correto do herói atraído por mulher leviana ir caçar leões na África, enquanto ela fica gozando a vida em Londres. Uma dessas contradições que fazem da mulher, senão o sexo forte, pelo menos o sexo privilegiado, e os heróis românticos têm que ir pagar pelos pecados que elas cometem.

Uma vez em casa, entretanto, o seu ressentimento amainou, e em proporção direta o orgulho foi desinchando, sendo que ao cabo de alguns minutos as belas resoluções estavam definitivamente afastadas. Se ela queria namorar com aquele patife, o John, poderia fazê-lo. Ele é que não iria impedi-la nem imitar o personagem de romance para moças. Ora essa! Ficaria em Londres e exibiria a sua dor em todos os cabarets onde, em gloriosa tradição britânica, afogaria o desgosto em litros e mais litros de "whisky", esquecendo o sofrimento a ponto de dizer umas graças para as "girls" do "show". Isso. Ele faria o mesmo: eis um método ao mesmo tempo prático e cômodo. Eficiente, também. Isso. Era namorar como ela fazia, até despertar-lhe o ciúme, como ela fazia com ele. Eis, porém, que uma barreira se opõe aos seus desejos: quem seria a vítima? A mulher destinada a representar o antipático papel da outra? Na verdade, há muito Joyce ocupava todo o seu tempo livre, e ele não tinha no momento nenhuma moça disponível para representar o papel. Donde volta à primeira sugestão, contemporizando porém com as exigências do

conforto. A África é longínqua e cheia de moléstias. Uma estação de águas bastaria, e para que a sua estadia na África passasse por fato verdadeiro ele leria as "Aventuras de um caçador do Sudão", para futuros relatos de embates horripilantes.

O aniversário dela era no dia seguinte. Mandaria portanto um presente. Um lindo presente e uma carta: "Adeus". Ela, com certeza, estaria chorando enquanto ele bebia água mineral.

Dito e feito. E lá vai à casa dela, pára junto ao portão e enfia na caixa do correio um estojo contendo um colar de pérolas e a carta romântica.

De novo em casa, ele pôs-se a refletir. Um colar de pérolas! Ora vejamos! Por que dar-lhe um colar de pérolas? Para ela usá-lo quando saísse com o outro, enquanto ele definhava na cura de águas? Não. E rumo à casa da moça para reaver o colar de pérolas e deixar somente a carta. O colar será reservado para o dia do casamento.

E' mais fácil dizer do que fazer. Como tirar de uma caixa de correio um estojo? A mão não cabia. Mas o nosso herói tem idéias luminosas (que em geral acarretam as mais desastrosas consequências, como a que verão) e portanto foi munido de uma pinça. Foi com a pinça que pescou o estojo. Ia saindo, sorrateiramente, quando sentiu pesar sobre si a mão férrea da lei:

— Está preso.

— Ladrão que procurávamos há muito tempo...

— Sim. Temos tido queixas de toda a rua. Ele tira todas as encomendas deixadas nas caixas de correio com uma pinça, e muitas vezes há coisas de valor. Vejam o que ele tirou no N.º 27... Uma cigareta de ouro com a inscrição "Os melhores votos de feliz aniversário, de John".

Whitey quase riu. Com que então fora preso por tirar o próprio presente, e na verdade tirara outro, o presente que John ia oferecer a Joyce no dia do seu aniversário!... Que boa piada!

— Seu nome? — perguntou o inspetor.

Não daria seu nome verdadeiro, pois senão todos saberiam que ele fora preso.

— Meu nome? Mameluco Trepanosoma.

O inspetor sorriu:

— São todos iguais... Dão nomes supostos. Dois meses para ele, guarda.

Dois meses de prisão!

Joyce soube que um ladrão tentara roubar um estojo da caixa do correio, mas estava preocupada de mais com a partida de Whitey para falar. Afinal de contas, nunca pensara que ele cumprisse a promessa... E ele fora mes-

mo... Onde estaria? E aquele lindo colar! E a carta, que a fizera chorar... onde estaria?...

John rodeava-a de todas as atenções inutilmente. Nem mesmo a cigareta, que ele conseguira reaver na delegacia, a interessava. Ela agradecera com ar distraído...

— Dois meses, John... Dois meses!

— Que tem isso?

— Ele pode ter morrido! Ele pode estar em perigo!

E você fica a me olhar com essa cara de idiota e diz "que tem isso?"!

— Escute. Vou provar a você que ele está mentindo. Para mim, escondeu-se dentro do seu apartamento e não aparece para ninguém. Depois de muito tempo aparecerá aqui dizendo que veio da África. Hoje mesmo eu vou ao apartamento dele e descubro-o lá. Garanto.

— Mentira! Ele foi mesmo...

Não adianta discutir com uma moça. E' preciso trazer a prova provada, e ainda assim... Mas John iria lá. E traria arrastado o miserável Whitey, que fazia Joyce sofrer. Conhecía bem aquele tratante e sabia do que ele era capaz.

O apartamento de Whitey estava fechado, mas John conhecia a fundo as manhas do rapaz, e não se deixou enganar pelas aparências. Desceu ao andar térreo e subiu pela escada de incêndio... Abriu a janela pelo lado de fora e ia penetrar no apartamento, quando sentiu no ombro uma mão pesada:

— Está preso.

Whitey ia saindo da prisão, quando viu parar um carro à porta. John saltou acompanhado de um guarda. Whitey mal conteve a risada quando notou que o rival estava algemado. Não esperou para saber a razão: correu à casa de Joyce. Não é preciso descrever a recepção que teve. John, por outro lado, sofreu longo interrogatório, e a história que contou foi dada como inverossímil.

— Seu nome — perguntou o mesmo inspetor que aprisionara Whitey.

John, pelas mesmas razões do outro, resolveu dar nome falso:

— Alex Hilengerger Ipolhof — disse ele, e que era admirador da música de compositor alemão.

Mas desta vez o inspetor não sorriu:

— Alemão, hein? Com certeza é nazista! Agitador... Hum... Dez anos para ele!

Depois, lembrando-se que afinal de contas havia a lei:

— Bem, dez anos, não; mas quatro meses ele fica!

QUANDO O AMOR E A LEI SE ENCONTRAM...

(Conto de Edgar Wallace)

DE RADIO

DJALMA MACIEL

CARTA ABERTA DE CATULO A JOÃO PERNAMBUCO

ILUSTRANDO, antecipadamente, a resposta que darei no próximo número a Almirante e a um confrade que levianamente ratificou as suas alegações ao microfone da Rádio Nacional em resposta ao tópico de recente crônica desta página, abro espaço à carta aberta que Catulo da Paixão Cearense dirige ao seu velho companheiro João Pernambuco, sobre a controvertida autoria da música de "Luar do Sertão". Essa missiva, entregue ao vespertino "A Nôite", que possivelmente a publicará antes da saída do presente número da REVISTA DA SEMANA, me foi fornecida pelo próprio Catulo em prova da composição gráfica daquele jornal. Seus termos permitem ao leitor verificar, desde logo, a "solidez" das provas em poder do sr. Henrique Forais... Eis a carta em questão:

"CARTA ABERTA A JOÃO PERNAMBUCO"

Escrevo-te, porque tenho pena de ver um velho camarada exposto ao baixo ridículo por um indivíduo que, num programa radiofônico, caluniou torpemente a minha pessoa, dizendo que tu eras o inspirador dos meus poemas, admirados pelo Brasil e pelo estrangeiro. Não fosses tu o alvo dessa levandade, e eu riria a bandeiras despregadas do seu autor. Tenho quinze livros de vários poemas. Esses livros contêm milhares de termos e frases do linguajar da gente do sertão. Além disso, se me fôsse preciso, consultaria os dicionários de termos sertanejos, que se acham à venda em todas as livrarias. O teu conselheiro diz que por tu me teres dado os nomes de duas cidades e de dois pássaros de Pernambuco, ficaste sendo co-autor de toda a minha antologia de postal!! Ora bolas, meu ve-

lho companheiro! Mais ainda: nos meus onze livros de modinhas, edição Quaresma, escritos de 1887 a 1910, lê-se no fim de cada uma delas o nome do autor da melodia. Essas modinhas sobem a mais de mil. Nesses livros, que estão esgotados, encontram-se o "Luar do Sertão" e a "Cabocla do Caxangá", com esta nota em baixo: "Toada sertaneja". Tu deves possuir todos esses livros, que te ofertei. Num deles, a "Cabocla do Caxangá", está a ti dedicada. Por que não reclamaste nessa ocasião?!... E' porque a embolada sertaneja a tal "Meu engenho é de Humaitá" nunca foi tua: é do folclore pernambucano. Quando a trouxeste de Pernambuco, com os versos banais com que a cantavas, eu, estilizando-a, transformei-a na melodia para a qual escrevi os versos do meu "Luar do Sertão". Quando tu cantavas mais frequentemente essa minha canção, já a cantavas com a minha estilização. Apelo para o teu caráter e honestidade: — na nossa convivência de vinte e tantos anos, dia a dia estando juntos, e ouvindo os discos da famosa "Casa Edison", do Rio de Janeiro, falando em Catulo da Paixão Cearense e não falando no teu nome, nunca protestaste. Só o fizeste agora, depois que a tal embolada do "Meu engenho é de Humaitá" transformou-se nesse "Hino Nacional do Sentimento Brasileiro", como disse o ministro Pedro Lessa, espalhando-se pelo mundo inteiro. O teu "advogado" disse que eu estava recebendo os direitos dessa minha canção, sem repartir contigo. E' outra calúnia. O meu amigo sr. Fred. Figner, a quem vendi, no tempo da antiga "Casa Edison", os direitos de algumas das minhas modinhas, inclusive o "Luar do Ser-

(Continua na pág. 38)

FERNANDO BOREL, o notável intérprete de melodias latino-americanas, é um dos sucessos do cartaz da Rádio Globo.

MATILDE BRODERS, cantora de música de classe, é outro elemento de êxito assegurado ao microfone da PRE-3.

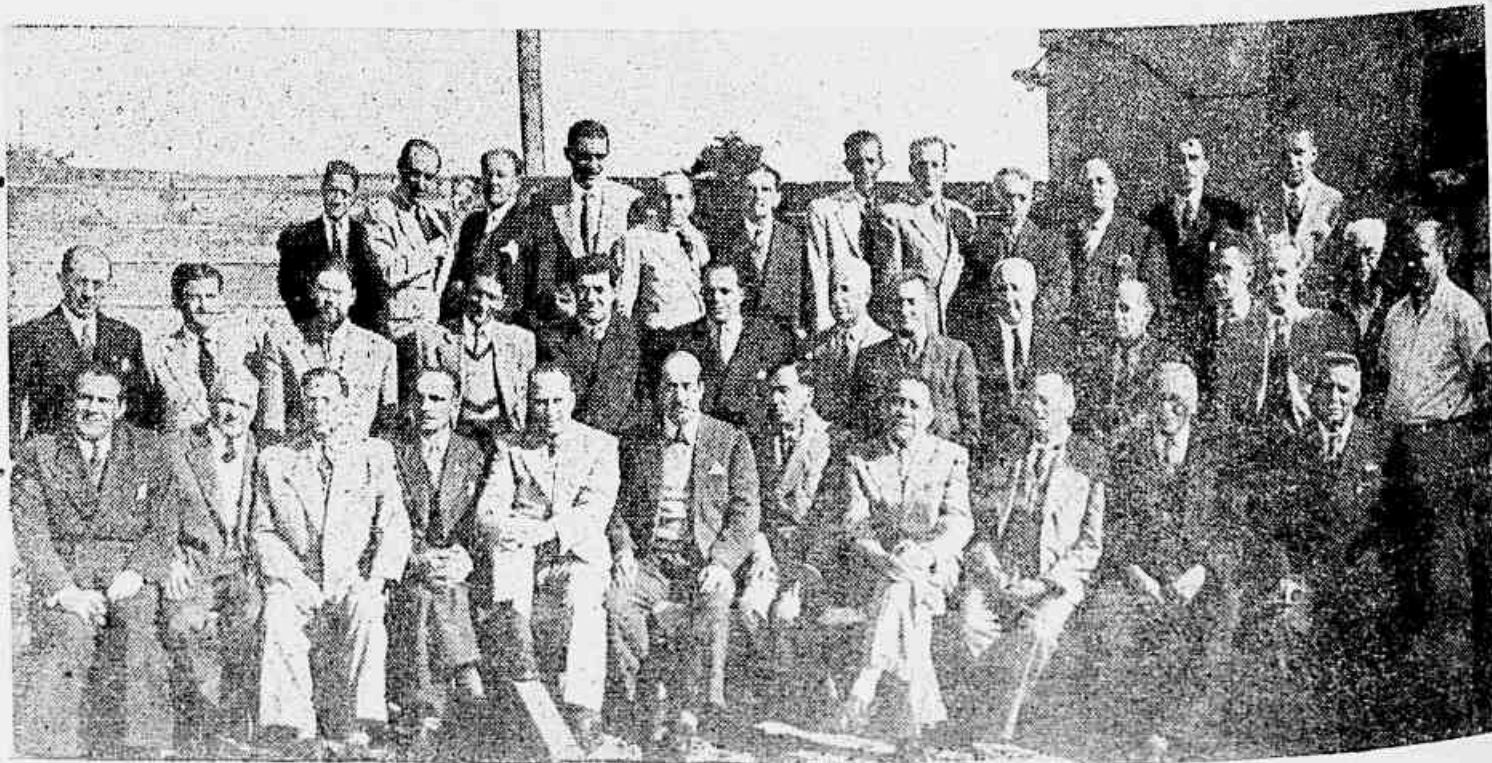




Realizou-se no dia 18 de abril último, na igreja São José, o casamento da srta. Concelção Ademar Tavares, filha do poeta Ademar Tavares, com o sr. Francisco de Paula Gusmão, filho da viúva Maria Augusta Bandeira. A foto acima nos mostra os noivos durante a cerimônia nupcial.

FIGURAS E FATOS

Foi homenageado em Curitiba, recentemente, o escritor paranaense Otavio Secundino, com um almoço que lhe foi oferecido por seus amigos e admiradores no restaurante "Vagão do Armistício". Na foto ao lado, que fixa um grupo formado por ocasião do almoço, aparece o homenageado entre elementos os mais representativos da sociedade de Curitiba.



Sr. Armando Waddington, figura de destaque nos círculos bancários desta capital, cujo aniversário natalício comemora-se a 16 do corrente.



Realizou-se recentemente o enlace matrimonial da srta. Maria de Lourdes Campos Tapajós com o dr. Adolfo Roberto Bleuler. No clichê vemos os noivos, fotografados quando da realização da cerimônia religiosa.

A GUERRA EM MARCHA

Itália, março de 1945 (Com a Força Aérea Expedicionária Brasileira numa base avançada no "front") — Temos entre as mãos uma edição de 1939 do "Il Primo Libro Del Fascista", que encontramos sob os escombros dum edifício público italiano. A página 5 dessa edição (cremos que foi essa a última edição de tal livro) encontramos, em tipos vermelhos sublinhados por uma linha negra, o seguinte, que traduzimos do italiano:

"24 de outubro de 1922 — Congresso do Partido Nacional Fascista em Nápoles — Il Duce afirma: "Eu vos anuncio o advento de um novo Estado. A Democracia — forma política do século XIX — é superada agora por um outro regime político que governará a sociedade do século XX"

O mundo todo teve notícia dessas palavras e ficou impassível pensando que o anarquista de Milão nada faria além dos seus altissonantes discursos. Mas todos nos enganamos. A 28 de outubro do mesmo ano, quatro dias depois de haver falado no Congresso dos fascistas em Nápoles, Mussolini e seus camisas negras realizavam a famosa "marcha sobre Roma", que é vitoriosa, formando pouco depois, a 31 de outubro de 1922, o Governo Nacional Fascista, com o apoio do tímido rei.

Iniciou Mussolini, naquela data, uma época de fatídica reconstrução política e social na Itália. E desde então a Península do Lácio começou a crescer em arrogância e poder, ficando tão cheia dos palavrões do Duce como ficava ele, quando das sacadas do Palácio Venezia, em Roma, espalhava as mãos em escandalosas saudações olímpicas ou exibia o seu físico adiposo nas colheitas de trigo.

Assim andavam as coisas, maravilhosamente para Mussolini, quando teve — Il Duce — a pouca sorte de, em Pesaro, a 18 de Agosto de 1926, declarar que o "Fascismo não era somente um regime novo mas uma nova religião, uma nova fé para o seu povo" (pág. 6 — Il Primo Libro Del Fascista).

Os italianos, ao contrário do que pensava Mussolini, profundamente católicos, não gostaram das declarações de Benito, que transformava assim tão bruscamente um partido em religião. O Duce começou, então, a perder o apoio e a simpatia da grande massa de trabalhadores tradicionalmente católica. Foi preciso, para salvar a situação, que o Estado Fascista entrosse em contacto com a Santa Sé, cujas relações com o Governo Italiano há longo tempo rompidas, foram reatadas, aparentemente, pelo solene e aparatoso Tratado de Latrão, em 11 de fevereiro de 1929.

E foi assim que o fascismo cresceu pela Itália toda, e por mais de vinte anos o povo italiano teve de viver sob o regime do Estado totalitário criado pela infeliz cabeça de Mussolini.

Mas o fascismo italiano e seu filho predileto — o nazismo alemão — evento da fraca idéia dum austríaco, não superariam jamais a Democracia, como era o pensamento de grande maioria. O erro de Mussolini e Hitler foi pensar que o Estado é o povo, quando o povo é que forma o Estado. O fascismo nasceu torto e portanto não poderia sobreviver. A Democracia — o governo do povo pelo povo — sobreviveu apesar da enfática senten-

ça de Mussolini, em Nápoles, a 24 de outubro de 1922, quando disse: "Eu vos anuncio o advento de um novo Estado". Sim, de fato novo, mas fracassado. Fracassado porque seus princípios não eram os princípios da verdadeira Democracia. Basta que numa rápida vista de olhos pelo livro do fascista, anulemos alguns dos princípios básicos da doutrina de Mussolini.

À página 16, parágrafo segundo, temos: — Que diferença há entre o Duce e o Presidente duma nação democrática?

— Num regime democrático o Presidente depende do interesse de terceiros e do povo, enquanto que o Duce não depende de ninguém. Ele representa a vontade suprema da nação, e à sua ordem todos obedecem dentro da disciplina fascista."

À página 18, parágrafo segundo, temos: — Que propõe o Fascismo?

— O Fascismo propõe criar um Estado Forte para impor a guerra.

— Qual será o resultado da guerra?

— A guerra liquidará o Século da falsa Democracia e dará ao mundo uma sorte melhor, onde o Duce, criador duma nova ordem política, não mais baseada na vontade arbitrária dos Parlamentos mas na vontade absoluta do Estado, que é o povo" (pág. 19 parágrafo primeiro).

E continuemos a leitura:

— Qual é a fórmula fascista de vida nacional?

— Tudo para o Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado (pág. 95, parágrafo segundo).

— Por que o Regime Fascista cria o Estado Totalitário?

— Porque o Estado é o povo, e somente dentro do espírito totalitário é possível manter-se a segurança interna e externa (pág. 95, parágrafo terceiro).

— Por que no Regime Fascista o Estado é autoritário?

— Porque o Estado é a autoridade suprema. Nele se concentra e harmoniza o indivíduo e o grupo; o passado e o futuro; o espírito e a matéria (pág. 96, parágrafo primeiro).

— Que outra coisa criou o Regime Fascista, além do Estado Forte, autoritário e totalitário?

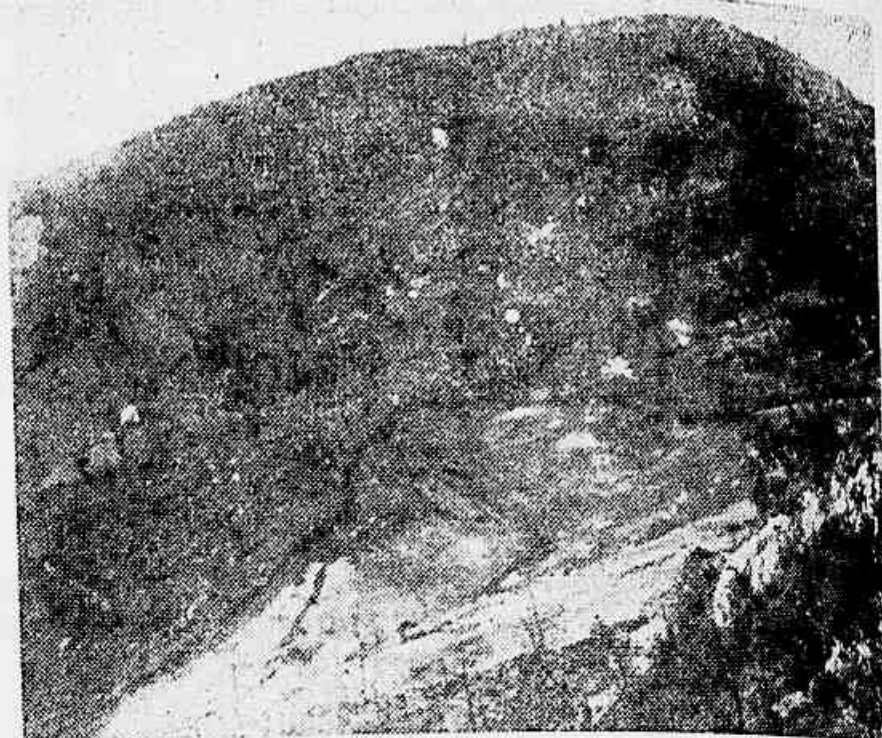
— O Regime criou um modo novo de vida (pág. 96, parágrafo quarto).

Aí estão transcritos alguns dos mais interessantes pontos colhidos do "Il Primo Libro Del Fascista". Não é preciso nenhum comentário, temos certeza. As fórmulas do Duce falam por si mesmas. Somente chamamos a atenção para a pergunta: "Qual será o resultado da Guerra?" Parece que a guerra, contrariando os desejos de Mussolini, ao invés de liquidar o Século da Democracia, está propugnando para o nascimento de uma nova era, para a Democracia. O Século Vinte passará à História como o Grande Século das Democracias! Tempos virão em que se usará, para lembrar fatos ocorridos nos tempos presentes, da seguinte maneira: "Foi no Século da Democracia! Foi no Ano da Vitória!" Então todos saberão que foi no Século Vinte e no ano, que todos cremos, de 1945! (Copyright of "The Pan-American Forum", especial para a REVISTA DA SEMANA).

N. Pithan e Silva



Nesta página aparecem: Ao alto, o tenente-general Lucian Truscott, comandante do Quinto Exército Norte-Americano, condecorando com a medalha de bronze o soldado da F. E. B. Manoel Prates, de Imarui, Santa Catarina; ao centro, o primeiro tenente Apolo Miguel Rezak, membro da Força Expedicionária Brasileira, condecorado com medalha de prata, pelo seu heroísmo; finalmente, em baixo, o comandante do Quinto Exército quando colocava a "estrela de bronze por heroísmo em combate" no peito do soldado brasileiro Sergio Pereira, de Napomuceno, Minas Gerais.



O Monte Castelo, onde os nossos pracinhas escreveram com o seu sangue nobre a epopeia sublime e gloriosa de uma vitória dura, conquistando com o sacrifício de vidas preciosas a encosta íngreme. Este pedaço do solo de Itália é mais um monumento de glória para as armas brasileiras, erguido dentro da Europa.

ONDE A COBRA ESTA' FUMANDO

Uma peça da artilharia pesada da Força Expedicionária Brasileira em ação contra as posições alemãs em Monte Castelo. A preparação do terreno e o fogo de barragem concentrado foram dois elementos que contribuíram para a vitória das armas brasileiras naquele setor.

Entre as unidades da infantaria brasileira que mais se têm distinguido no "front" italiano figura o Regimento Sampaio, uma glória do nosso Exército. Esse tradicional regimento de infantaria tomou parte ativa na tremenda batalha de Monte Castelo, que assinalou o mais elevado feito de nossas armas em solo europeu. Este grupo foi feito no alto do monte conquistado ao inimigo; pouco depois da grande vitória da Força Expedicionária Brasileira. Ai estão alguns dos heróicos soldados de Regimento Sampaio, que voltará ao Brasil com mais glórias a cobrir sua bandeira invicta.





Os soldados do Regimento Sampaio tomando posição no alto de Monte Castelo, logo depois da grande vitória brasileira, que assinalou o fim da sangrenta batalha. Alegres, sorridentes, os nossos valerosos pracinhas avançam entre as ruínas de casebres e troncos de árvores despidos de folhagens, afim de consolidarem a vitória de seus camaradas. Muitos tombaram na luta, mas o pendão auri-verde tremulou no topo do morro.

Ao lado: dois valerosos soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira, Orlando Madeira, do Distrito Federal, e Othon da Costa, do Estado do Rio, metidos numa toca de raposa, preparam-se para repousar, depois de um dia de atividade febril. O frio traz saudades das noites tropicais do Rio. Mas os dois heróis, apesar da incomodidade do buraco em que estão enfiados, estão sempre alertas e prontos para se lançarem novamente ao encontro do inimigo.

Ao avançar para o alto de Monte Castelo, as tropas brasileiras tiveram que conquistar o terreno palmo a palmo, limpando as faldas e a encosta de atiradores alemães. Foram feitos, após cruentas arremetidas, vários prisioneiros nazistas. Na foto abaixo aparecem alguns representantes da "raça superior", que os nossos pracinhas trouxeram para suas posições.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

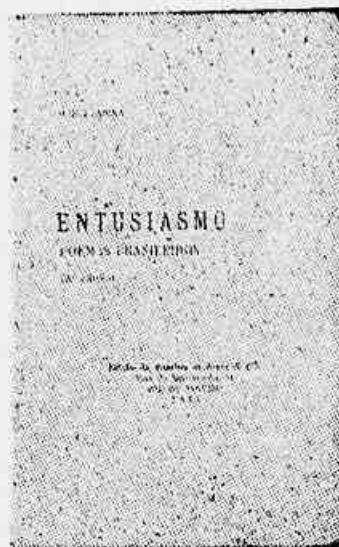
Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D.
Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000
pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos
Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil
(7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bica-
lho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação
feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publi-
cidade da Estrada de Ferro Central do Brasil —
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas
700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

Livros

ENTUSIASMO, versos de Maria Sabina, edição de Baptista de Sousa & Cia. — Rio de Janeiro, 1945.



A poetisa do *País sem caminhos*, de tão sugestiva melancolia e tão suave idealismo, oferece-nos agora uma obra ardorosa, arrebatada, na qual só de vez em quando transparece a antiga magia de sonhos desfeitos e incompreendidas aspirações. A Sra. Maria Sabina fala-nos do orgulho e do júbilo de ser brasileira. Em versos de metros vários na maior parte das páginas, mas sempre obedecendo à cadência clássica ou a um nobre princípio de harmonia, aqueles dois sentimentos, ora um ora outro ou simultaneamente, atingem uma expressão intensamente comunicativa. Não basta o talento inspirado nem a posse dos segredos da técnica para tal efeito de eloquência envolvente e penetradora. É indispensável o fundo de verdade gosada ou sofrida, a colaboração, entre todas preciosa, da sinceridade. Admirando a grandeza e formosura da terra; amando a sua gente; cultuando as suas tradições; vaticinando todo o seu futuro de esplendor, de glória, a Sra. Maria Sabina se dirige em primeiro lugar a si mesma. A si própria se apresenta e se define, como quem se confessa. E, neste ato religioso, a nossa sen-

sibilidade lhe confere não apenas todas as indulgências, mas um a gradecido e efusivo louvor.

Transcrevemos a Poesia *Carro de boi*, não porque melhor explique ou resuma o livro, mas porque outras, pelas suas dimensões e dado o espaço de que dispomos nestas colunas, se não prestam a semelhante homenagem:

*Carro de boi que vaes cantando,
carro de boi que vaes gemendo,
tu vaes gemendo ou vaes cantando?
Tu vaes cantando ou vaes gemendo?
Quem saberá?*

*Carro de boi que vaes gemendo, que vaes cantando
como é pesado, como é profundo aquêl sulco que vaes
deixando
pelos caminhos da Minha Terra...*

*Por mais que, pela luz transfigurado,
seja todo alegria o Céu, por mais dourado
o sol maravilhoso e quente do verão,
lá vaes gemendo o carro pela estrada
a sua cantilena eterna e amargurada
como se ele também tivesse coração...*

*Carro de boi que vaes gemendo, que vaes cantando,
como a tua cantiga é companheira
da saudade da Gente Brasileira!
Como é pesado, como é profundo aquêl sulco que vai
deixando
a Saudade nas almas desta Terra...*

*Por mais que tudo esplenda e por mais que a alegria
cante nos corações a eterna sinfonia
na sua vibração inquieta e alvoroçada,
a Saudade lá vai gemendo pela vida
a sua cantilena eterna e dolorida
sob o peso racial da Máguia Brasileira...*

FARRAPOS DE GLÓRIA, da autoria de Celso Brant — Gráfica Minas Ltda, editora — Belo Horizonte, 1945.



Estas páginas obedecem a uma inspiração de arrebatado, ardente idealismo. Incluem-se na obra dos que lutam pelo aperfeiçoamento do mundo, pela elevação moral e espiritual dos homens. Assim o Sr. Celso Brant se alista, ao som da "Marselheza da humanidade redimida" e forma entre "os soldados do inesterminal exército da grandeza humana".

"Esse exército — prossegue a nota liminar do volume — tem uma bandeira e tem um hino. Sua bandeira é a bandeira dos povos livres, é a flamula da dignidade humana, o sacrossanto pendão que se tingiu do sangue dos nobres heróis que morreram para que a humanidade vivesse. É uma bandeira mas é muito mais que uma bandeira. É a alma de nossa alma, carne de nossa carne, sangue de nosso sangue e não o signo infamante dos bandidos que exploram o povo".

Assim o Sr. Brant se exprime em prosa semelhante à de qualquer de nós. E o mesmo sentimento vai traduzido depois em prosa fracionada, disposta como se fossem versos brancos sem cadência e de variadas dimensões. Nem sempre, porém, a campanha dos seus irmãos em pensamento e arte se lhe afigura valiosa, preciosa, porque tudo por eles próprios será, no dia seguinte, esquecido. Eis o que os ros diz a página intitulada *Amanhã* e na qual, como em outras, em quasi todas as outras, há inegavelmente traços de beleza e de eloquência:

*Virão outros dias sobre os dias que se foram,
dias de felicidade depois das horas de amargura.
Sobre as cidades que os bombardeios destruíram,
os homens construirão outras cidades;
sobre os sonhos desfeitos
se erguerão outros sonhos...
O amor brotará nas mesmas almas em que o ódio floresceu.
Em breve, ninguém se lembrará dos instantes de incerteza,
entre a vida e a morte, que todos viveram...
As aflições passadas, os abalos terríveis,
os gritos de crianças, os clamores das mães,
tudo será esquecido quando voltar a paz...
E os homens serão eternamente o que eternamente foram...
Só uma coisa não voltará, só uma coisa será perenemente nada,
nunca mais regressando à liberdade e à vida:
o herói que morreu por esses princípios altos, sublimes, elevados,
que nós esqueceremos amanhã...*

Nova

NADA, peça em quatro atos, de Ernani Fornari — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1945.



Se propriamente se tratasse duma peça de tese à velha maneira de Brieux, isto é: feita para defender, sustentar ou demonstrar alguma coisa, a conclusão a tirar desta obra de Sr. Ernani Fornari seria que, na vida, quem menos se esforça e menos realiza é quem pode estar mais seguro de vencer. E assim a melhor maneira de conquistar a fortuna, o amor, a glória, a felicidade, positivamente consistiria em se não fazer coisa alguma. Não quis, porém, o Sr. Fornari levar tão longe a fabulação da sua história dialogada. Atribuiu a significação e a possível lição deste apólogo em quatro atos inteiramente ao acaso. Théophile Gautier entendia ser o acaso um pseudônimo de Deus; o nosso comediógrafo não lhe reconhece sublimidade nem superioridade de espécie alguma. Considera-o irrefletido, desorientado, nem bom nem mau — e todos os seus chamados caprichos os leva à conta de inconsciência. E assim os dois heróis da peça, Rogério e Alfredo, que conhecemos quando estudantes, são tratados pelo destino de maneira absolutamente contrária não somente à boa justiça mas até aquilo que, pela

ordem natural das coisas, se deveria esperar

Rogério é talentoso, sisudo, estudioso, sincero, capaz dum trabalho de vulto e modelar, como realmente o prova o livro que acaba de escrever; Alfredo é fútil, preguiçoso, ignorante, amoral, incapaz, como mentalidade, de ir além duns versos piegas cantados ao violão. Entram os dois na vida prática; e que se verifica? Ao homem de inteligência, caráter e sentimento superiores não sucedem senão desastres. Tomando por ideal — e bem modesto ideal para o seu merecimento — o preceito célebre de escrever um livro, criar um filho e plantar uma árvore, o livro o desmoraliza e arruína no conceito público, o filho morre antes de nascer e a única árvore que, depois de inúmeras tentativas malogradas, ele consegue fazer pegar é uma aroeira que, além de estéril, daninha, lhe inflige uma coceira desesperadora. A semelhante sina dá o povinho um nome que os supersticiosos acham imprudente pronunciar — ou escrever. Mas a desventura de Rogério tem um epílogo que já agora, pela lei dos contrastes, devemos prever e que leva ao extremo o sarcasmo da adversidade. Rogério tornou-se menos que um mendigo, menos que um vagabundo: anda por aí à toa, sem poder dizer para onde vai, vivendo sem ele próprio saber como... E, nisto, encontra-se com Alfredo. Que foi feito de Alfredo? Triunfou em toda a linha e nas máximas proporções. Tornou-se advogado célebre, poeta laureadíssimo; casou com a menina que adorava Rogério e a quem este, por escrúpulo, por ser ela filha de ricoço, não quis corresponder; tem um filho que é um encanto de criança; no parque da sua residência, árvores sem conta, todas plantadas por ele, se carregam de frutos maravilhosos... E o felizardo confessa não haver jamais derubado um obstáculo, travado uma luta, empregado um esforço, sério. Nem sequer um crime ou uma indignidade praticou. Pasmado então, tonto de todo, Rogério pergunta ao ex-companheiro:

— Mas que fizeste na vida para dela ganhares tudo? Fala! Que fizeste?

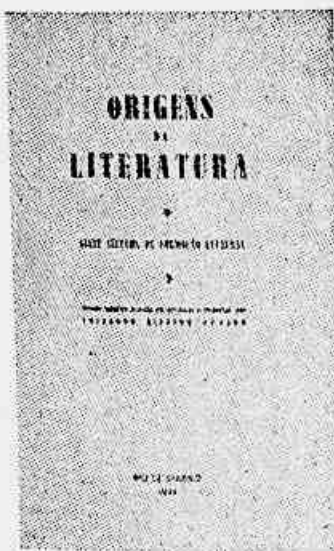
Alfredo, a quem aquele ar desvairado atemoriza, responde:

— Nada, Rogério! Por Deus que não fiz nada, nada!

O pobre diabo afasta-se, acabrunhado de dor e desespero, repetindo soturnamente: "Nada, nada". De repente, porém, volta-se, transformado, iluminado. Exclama: "Eu venci, Deus! Eu é que venci!" Chorando mas cheio de escárnio, aponta para Alfredo: "Nada, nada"... E parte agora definitivamente, entreteimindo os soluços e as gargalhadas, e repetindo sempre: "Nada, nada, nada..."

Tal a peça do Sr. Ernani Ferrari, em que há passagens de forte feição dramática e a que o Sr. Delorges Caminha, no papel de Rogério — bem nos lembramos — deu realce e intensidade deveras notáveis.

ORIGENS DA LITERATURA, "Vinte séculos de formação cultural", por Teodoro Ribeiro Júnior — Rio de Janeiro, 1944.



"Seja-nos lícito, de antemão, declarar que o presente trabalho desde vastos anos nos tem vivamente preocupado e que ele, tal como hoje aqui aparece, é menos a consequência de acurados estudos do que a condensação de abundantiísimas ementas colhidas, cá e lá, através dos bons autores e de infinidade de artigos insertos em um sem número de publicações, algumas das quais atualmente raras, outras por inteiro desaparecidas... Em *Origens da Literatura* quisemos tão somente transmitir aos estudiosos da matéria o que em verdade julgamos haver respirado de útil e interessante nesses paciente labor de vários lustros, apresentando-lhes, sob aspecto destrinchado e fluente, umas tantas idéias gerais — todas, a qualquer tempo, passíveis, sem dúvida, de extensão e de copiosas retificações".

Por aqui se vê a extensão e o nobre caráter da obra executada pelo Sr. Ribeiro Júnior nas trezentas e oitenta páginas em vasto formato, que a compõem. Diz ele também, na advertência que abre o volume, não ter "nenhuma pretensão de originalidade, intento doutrinal ou eiva de dogmatismo". E isto nos torna ainda mais simpático, mais atraente o seu trabalho. Por via de regra, hoje em dia, quem aprendeu alguma coisa logo se julga capaz de pontificar. E aí de quem não reconheça o ineditismo ou a indiscutível autoridade dos seus dictames! O Sr. Ribeiro Júnior apresenta discretamente os resultados da sua tarefa de pesquisador, como se não oferecessem outra condição se não a da coleta sistematizada. No entanto, nem tudo o que nos diz está nas enciclopédias ou em outros livros. Há uma parte consideravelmente de criação própria nas deduções e comentários distribuídos, com a melhor noção de propriedade e de propósito, sob a forma das sessenta rubricas organizadas. E toda a exposição, sujeita ao método das perguntas e respostas, oferece uma clareza, uma feição intuitiva que os estudiosos não poderão deixar de apreciar.

J. L.

ARQUIVOS

Recebemos o volume de "Arquivos", do Estado do Espírito Santo, referente ao Livro Tombo de Vila de Nova Almeida, edição da Imprensa Oficial do Estado em 1945.

HEMORRHOIDAS? tome

LIC 3518-14-3 925 DMS P
ENCONTRA-SE EM TODAS AS

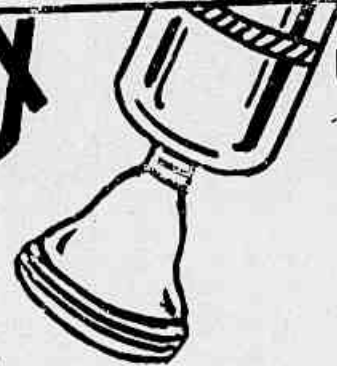
Pílulas de Herua de Bicho
GARANTIDAS! ÓPTIMAS!
INFALÍVEIS!

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRÍNCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

Hidrex



O CHUVEIRO ELÉTRICO QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático, econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas e perfeitas pela casa

PAN LUX
RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

ATENDEMOS COM PRAZER A QUALQUER CHAMADO OU PEDIDO TELEFÔNICO DE INFORMAÇÕES



QUE BANHO DELICIOSO!

VENDAS À VISTA E A LONGO PRAZO PELO SISTEMA S. E. R. V. E. LTDA.

Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - Sub. Mo

Nome

Rua

Cidade

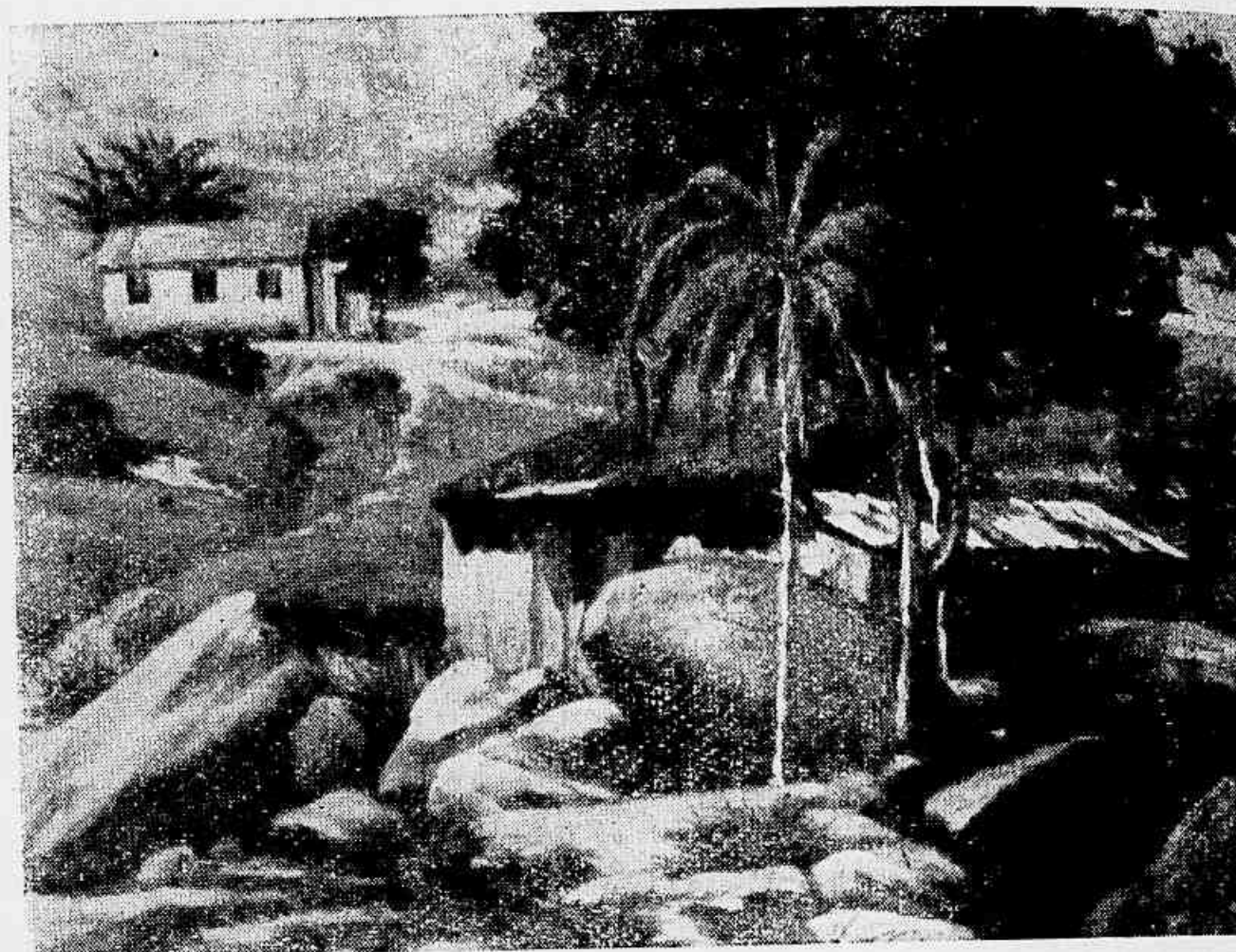




Ao alto: retrato da sta. Elza Sodré Leal, um dos óleos do pintor Edmond Roustan, que ora exhibe na Escola Nacional de Belas Artes as suas telas. A direita, em cima: "Marja Bonita", de Osvaldo Silva, que está apresentando seus trabalhos no Museu Nacional de Belas Artes — pintura e xilogravura, com vários temas brasileiros e estrangeiros, paisagens, marinhas e retratos. Em baixo: "Paisagem", de Malinverni Filho, cuja exposição se realiza agora no Salão do Palace Hotel sob o patrocínio do ministro Edmundo da Luz Pinto.



ARTES PLASTICAS



CARTA ABERTA DE CATULO A JOÃO PERNAMBUCO

(Continuação da pág. 31)

ão", é quem recebe os direitos das mesmas. O teu "advogado", já antes, vinha dando a outros a paternidade de outras canções minhas, como "Tu passaste por este jardim", etc.

Segundo as nossas leis, todo motivo folclórico que sofreu alterações, fica pertencendo a quem as fez. Esse teu conselheiro, injuriando-me, perpetrou um crime punível. Antes de ele acusar-me pelo microfone, devia ter-me procurado, para ouvir-me.

Grande parte de músicos célebres estilizou melodias do folclore. Aqui no Brasil, entre outros, o maestro Villa-Lobos.

Perguntando por carta a Gondin da Fonseca por que ele disse, uma vez, pelo matutino "Correio da Manhã", que a música da minha famosa canção era tua, recebi dêsse jornalista a seguinte carta, que está publicada no meu livro "Um caboclo brasileiro", edição "A Noite", página 198. Eis a dita carta:

"Rio, 23 de outubro de 1939.

Meu caro Catulo:

Recebi a tua carta sobre o "Luar do Sertão". A propósito, devo dizer-te que só por "blague" e misericórdia atribuí ao João Pernambuco a toada dessa belíssima canção, hoje popular no Brasil inteiro.

O João necessitava ser promovido, e eu não sabia o que fazer para lhe exaltar o mérito musical junto ao Villa-Lobos. Lembrei-me de afirmar, por brincadeira, que a música do "Luar do Sertão" lhe pertencia — e o Villa acreditou.

De fato, porém, ela pertence (como eu mesmo anteriormente declarara) ao folclore pernambucano. A letra era assim:

Côro:

Meu engenho é de Humaitá
de Humaitá
de Humaitá

Voz:

Eu vou no tope
do galope
galopado

Olelé tôu assentado
na cadeira do Iná.

Côro:

Meu engenho é de Humaitá
de Humaitá
de Humaitá

Voz:

Gêma no couro
que eu tômbem
gêmo na bola
Olelé tôu assentado
boa terra à beira-má.

Não me lembro para diante. Você é que immortalizou essa velha, velhíssima toada sertaneja, com o seu "Luar do Sertão".

Afinal de contas, o João Pernambuco já foi promovido, já gozou os seus cinco minutos de glória, e o Vila não pode mais despromover. Assim, pois, restabeleça-se a verdade. Ao povo o que é do povo. Dê-se a Pernambuco (refiro-me ao Estado de Pernambuco) o que é dêle, e a ti o que é teu.

Crê-me, sempre, amigo velho,

(a) Gondin da Fonseca.

P. S. — Excusado dizer que podes fazer desta carta o uso que te aprouver."

O meu grande amigo e admirador maestro Villa-Lobos, que tem o talento e o coração maiores que a rotundidade do mundo, acreditou na "blague".

No meu livro "Sertão em flor", edição Bedeschi, lê-se em baixo da minha poesia "Alvorada do sertão", página 41, esta nota: "A música dêsse verso é de João Pernambuco". Refiro-me, nela, à melodia que tu ficaste de escrever e não escreveste. Não me reíro ao "Luar do Sertão", tanto que, em edição posterior, vem apenas esta declaração: "Alguns compositores escreveram melodias para êstes versos. (Note-se bem: versos da "Alvorada do sertão"). Eu, porém, prefiro que eles sejam cantados com a mesma música do "Luar do Sertão". Não vem mais teu nome na nota da "Alvorada do sertão", porque não escreveste a melodia prometida, assim como não vêm os nomes dos compositores cujas músicas não me agradaram, preferindo eu cantá-los com a música do meu "Luar do Sertão".

Com a "Cabocla de Caxangá" deu-se o mesmo: modifiquei-a e escrevi versos para ela.

A "fortuna" que eu ganhei com o "Luar do Sertão" e a "Cabocla de Caxangá" foi 50\$000 por uma e 30\$000 por outra, vendidas, em 1913, ao sr. Fred. Figner, que as registrou na Biblioteca Nacional, em 1914.

Quando registrei, na Escola Nacional de Música, essa minha canção, fi-lo, como sempre declarei: "... Composição musical de minha autoria, intitulada "Luar do Sertão", gênero canção, cuja música é uma estilização do folclore brasileiro".

Sou tão pobre ou mais pobre do que tu. Mas se quiseses compartilhar dessa "fortuna", sem teres direito para isso, eu te darei a quinta parte dela. Com essa quinta parte poderás pagar os honorários do teu ilustre "advogado".

Entreguei ao meu adorado amigo e conterrâneo Guimarães Martins tudo o que se relacionar com a minha obra, porque estou velho e cansado, pois vou fazer 82 janeiros, já tendo dado ao Brasil tudo o que a minha inteligência e o meu coração lhe podiam dar. Todavia, vou fazer-lhe mais um presente: o poema a que dei o nome "O testamento da árvore". Esse poema, que é um sulto de Moral e de Patriotismo, é uma prova de que, mesmo velho e cansado como estou, ainda posso dizer que sou o mesmo Catulo da Paixão Cearense, como diz Agripino Grieco.

Há cinquenta anos que venho aclamando o Brasil, em todas as minhas modinhas e poemas. Até chamaram-me louco por eu não escrever um verso sem falar na minha Pátria.

O grande juriconsulto Pontes de Miranda diz no seu livro "Poemas bravios", que Rui Barbosa prefaciou, edição Bedeschi, página 275:

"Catulo é o precursor, a voz avançada do clarim genial, que nos convoca para querermos mais vivamente a nossa Pátria".

De certo tempo para cá é que apareceram os bardos nacionalistas, tão patrióticos que chegam até a comparar o Brasil com um pandeirol...

Quanto ao meu retrato que está na "Biblioteca Nacional", penso que o teu "advogado" deve solicitar permissão o toar

as pessoas ilustres que espontaneamente aplaudiram essa homenagem, para, em lugar dêle, colocar a sua efígie, por ser êle a maior patente e a máxima autoridade e glória do Brasil.

Quanto à minha herma, erigida com o tostão do povo brasileiro, sob o patrocínio do brilhante vespertino "A Noite", com o consentimento dêsse mesmo povo, por determinação do teu patrono, seja em seu lugar implantada a tua imagem, que me "deu" dois nomes de pássaros, e foi a inspiradora colossal, sesquipedal, de toda a minha antologia de poeta.

No dia da substituição da minha herma e do meu retrato, procurar-te-ei para, juntos, fazermos uma esplêndida serenata, sob a janela florida do teu notável "advogado", dêsse Esquino brasileiro, cantando o meu imortal "Luar do Sertão".

Catulo da Paixão Cearense.
Rio de Janeiro, abril, 15, 1945."

A DESFORRA

(Continuação da pág. 25)

Deixou de partilhar com dona Doca os seus planos, e por mais de uma vez foi à vila sem que a mulher soubesse a razão. Um dia, ante a insistência da esposa, respondeu secamente:

— Tou levando a questã pra diante...

Foi então na tarde dêsse dia que dona Doca soube de toda a tragédia.

Pela tardinha Lalau chegou em casa ofegante, assustado. Trazia nas costas uma espingarda nova em folha. Apesar de transfigurado, o roceiro tinha um ar vitorioso e deixava transparecer um leve indicio de alegria. Antes de dizer qualquer coisa, dona Doca, que previra instintivamente o que teria acontecido, é informada pelo marido, em frases entrecortadas pelo cansaço e pelo nervosismo:

— Liquidei o delegado e, na passagem, matei o compadre Zeca, aquê cachorro.

E, ante o terror estampado no rosto de dona Doca, Lalau explica, certo de que, com aquilo, ficava definitivamente resolvido o assunto:

— Mas desta vez tive o cuidado de re-zistir a espingarda primeiro. Agora quero ver o que é que eles vão dizê...

Ressurge a figura de 1900. A cintura justa, o busto bem marcado e os quadris... Bem. Os quadris do princípio do século. E aí está, em toda sua beleza esquisita, a "Bela do Yukon", o que vem a ser Gypsy Rose Lee... Cabe aqui um oportuno conselho para nossas leitoras: o regime da moda será, não para emagrecer, mas para ganhar mais alguns quilos. Será preciso que estas fiquem, todavia, muito bem distribuídos. À moda de miss Lee... Se é verdade que nada existe de novo à face da terra — existe, sim! O fuzilamento de Mussolini — as modas que estão em moda são as modas que nossas vovozinhas ainda usaram ao raiar do século. Dêste agitado século de fascismos, nazismos, e de eliminação dos próprios "ismos" (vide ocorrências de Milão...). Diante disso — que saudades de 1900!



**MODAS
1900**

PÍLULAS
DE
BRISTOL
Vegetais e
açucaradas

Combatem suavemente
a preguiça intestinal.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

DIABETE — OBESIDADE — MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade
e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cine-
lândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 24-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pímulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

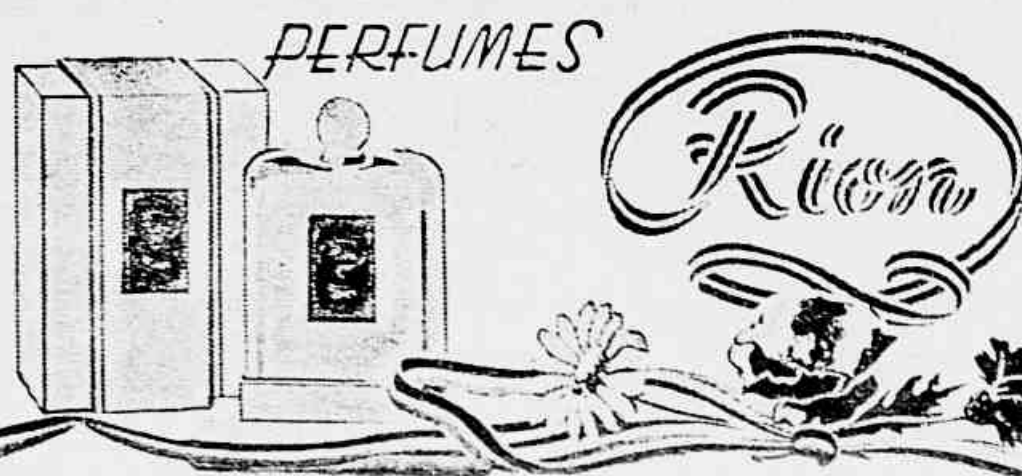
Outros Modelos

1 — Casaco de lã, com bolsos embutidos; dois laços e cinto imitando corda.

Casaco de lã, com bolsos e botões decorativos.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05

CUTIS CANSADA

e sem viço



As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, convém nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso, do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



O noivo de Anita

(Continuação da pág. 19)

a chegar em casa. A mãe de Anita ficou muito sentida.

— Mas minha filha, você não me disse nada, e foi contar tudo às vizinhas!

— Não foi, mamãe. Eu queria fazer uma surpresa. Mas elas me forçaram a falar...

Já não se importava com o resultado das suas afirmações. Um impulso levava-a até o fim das aventuras que começara sem querer.

Não esperava, porém, o desfecho sensacional que teve o caso.

Gilberto de fato veio à cidade. Vinha pagar a visita da prima à casa de sua mãe, e foi surpreendido à chegada pelas felicitações dos pais, satisfeitos, antes que Anita pudesse dizer qualquer coisa.

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras dragéias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias. Fórmula do Prof. Austregésilo Remetemos pelo Recibo Postal Cr\$ 20,00 o vidro

Produtos PANVITAL — Rua da Estrêla, 6
RIO DE JANEIRO

A sós com ele ela explicou o que acontecera, a seu modo. Disse que inventara aquilo por brincadeira e, como todos tinham levado o caso a sério, não tivera coragem de desmentir.

Ele riu e disse que não se importava, que teriam um "longo" noivado. O coração dela se apertou com o ar despreocupado com que ele aceitou a situação, como se fosse uma brincadeira divertida.

Os dias se passaram e ela tornou-se o centro de atenção da cidade inteira, que se esgueirava por trás das janelas para vê-la passar com Gilberto.

Tudo correu bem até o dia em que Jean Dubois chegou, subitamente. Dubois era o único policial da cidadezinha, e todos o conheciam: ninguém o respeitava como autoridade. Como respeitar um homem a quem davam roupas velhas, gorgeta? O crime na cidadezinha era mais que raro: furto nos armazéns, injúria verbal... Uma vez, havia muito tempo, o marido de madame Herquin matara o rival, mas

isso se passara havia quatro gerações. Desde então o xadrez só abrigara vagabundos, que davam tudo por dormir uma noite em cama com cobertor tendo boa comida pela manhã. Entretanto Dubois apresentou-se na casa de Anita com o ar majestoso de quem desempenha uma missão importante.

— Tenho uma ordem de prisão!

O pai de Anita levantou-se assustado.

— Prisão?

— Sim, senhor. Vim prender o conhecido chantagista Gilberto Denian.

A novidade correu a cidade como fogo em palha. Houve visitas constantes à casa de Anita.

— Pobrezinha! Tão confiante! E aquele patife...

Isso, na frente dos interessados. Mais tarde:

— Eu bem disse que ele não prestava. Rapaz de Paris...

Os tempos passaram. Anita esqueceu o seu primeiro amor; casou. Vive sua vida pacata, hoje. O filho do farmacêutico não é mau marido: não brilha pela inteligência mas é bom rapaz, paciente e trabalhador. Anita, presentemente, frequenta o Clube das Senhoras de Saint Remy. E' mesmo uma das diretoras e não se nega a uma conversinha maldosa sobre a vida alheia. E' verdade, entretanto, que, às vezes, ela tem uma expressão estranha no olhar quando lhe falam no "noivo de Anita", o famoso chantagista. Talvez, se ele não fosse um criminoso... Paris... Outra vida... A divagação, invariavelmente, termina com uma observação pouco poética: você já pôs o feijão no fogo, Josefina?

O Romance de um perfume suave...

num sabonete consistente,

puro e econômico!

Numa sinfonia de caríssimas essências, combinadas num "bouquet" suave e delicado, a abundante espuma de Gessy protege e embeleza sua cutis. Seus finíssimos óleos vegetais exercem sobre a epiderme uma ação rejuvenescedora, restaurando-lhe o viço, a mocidade, o frescor. Experimente esta fina criação da indústria brasileira: Gessy. Gessy tem massa uniforme e consistente e é mais econômico. Gessy vale por um tratamento de beleza.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!
J. W. T. 14.247

REVISTA DA SEMANA

1 Pat Parrish, da Columbia, apresenta às nossas gentis leitoras um elegante conjunto de inverno. É feito em lã cinza, composto de três peças. Notem que os ombros já não são tão armados, o que dá, sem dúvida, um "ar" mais feminino ao traje. O paletot não tem gola.



2

Agora é Leslie Brooks, também da Columbia, quem nos apresenta um modelo em seda estampada, fundo claro com flores em dois tons de verde. Mangas japonesas e em "godet". Na saia um babado "godet" formando quatro pontas.



MODAS e ESTILOS



3 Jane Wyman, da Warner Bros., mostra como se pode ser bonita na intimidade. Seu quimono é em seda pesada de duas vistas, uma fôca e outra com brilho. A gola e os bolsos são acolchoados. Mangas largas ajustadas aos punhos e com drapagens sobre os ombros.

4 Uma blusa é sempre bem recebida, e esta que nos apresenta Hillary Brooke, da Columbia, é sem dúvida bastante elegante. É feita em seda verde ou roxa. "Pincos" saindo da pala que há sobre os ombros. Bolso embutido, e botões de madrepérola.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquirir um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Isso é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso de Creme de Alface "Brilhante".

Emmentaler



UMA DOSE DE ALEGRIA

Não passe pela vida sem viver! Use as "Pílulas de Reuter" para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais puríssimos, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

PÓ DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
ULTIME
MODELAÇÃO

MEIA ESTACÃO

Casaco largo, com bolsos pespontados, em forma de coração.

inencarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

De Musica

ENCONTRO FELIZ

Raros são os artistas que tem temperamento suficientemente plástico para que possam exteriorizar com a mesma fidelidade a obra dos compositores mais diversos. Conheço muitos pianistas de fama internacional que não só a grangearam na interpretação de uma espécie de música, ou mesmo unicamente de um compositor, como também sentem-se deslocados ao terem que exprimir uma personalidade diferente. Daniel Ericourt, que inaugurou a temporada da Cultura Artística, com um excelente concerto, é assim. Tem sua especialidade e é forçoso confessar que, fora dela, não nos satisfaz. Não se tratando de música francesa, ele nos proporciona interpretações bem estudadas e meditadas, nunca incharacterísticas ou apressadas, mas que ficam aquém da expectativa e não revelam o que há de essencial na obra do compositor. Seu Bach é seco; seu Chopin insípido. E assim por diante.

Na música francesa, porém, ele atinge um nível muito elevado; Ravel, sobretudo, tem afinidades com ele, e o *Tombeau de Couperin* foi o encontro feliz dessas afinidades, o ponto alto do concerto.

As qualidades de Ericourt são qualidades essencialmente francesas e, mais restritamente, ravelianas. Nitidez e pre-

cisão no fraseado, sobriedade e bom gosto. Digo ravelianas para contrapô-las a debussianas, apesar de ter ouvido do próprio Ericourt excelentes exteriorizações de Debussy. Mas seu compositor é, sem dúvida alguma, Ravel e Ravel precisamente naquilo em que ele se opõe a Debussy. Debussy era um romântico. A sua obra, além da graça leve, do encanto do gênio francês, é um arabesco frágil, uma eterna divagação, mais ou menos etérea. Ravel, por outro lado, era um temperamento clássico, no sentido da distinção básica entre clássico e romântico, tomada, aliás, tão somente, para uma definição, pois, ambos, ele e Debussy, grandes mestres, não se conformam com uma delimitação tão estreita. Mas para caracterizá-los, serve-nos a antítese: clássico-romântico. Debussy está cheio de superfluidades encantadoras, de meneios e ziguezagues caprichosos, aéreos, esgarçados: uma névula. Ravel é o oposto. Não se encontra nele um vestígio do supérfluo. Se não podemos dizer que a música de Debussy é gorda, apesar das superfluidades, porque ela é leve e gorda sugere peso, podemos dizer de Ravel que a música dele é magra, desataviada, de linhas simples e sóbrias, masculina, sentindo-se, em cada frase, uma "inevitabilidade" típica da

obra reduzida ao essencial: Debussy faz piruetas, Ravel movimentava-se com presteza, agilidade, sem precipitação, nem lentidão. Calculando o gesto e conseguindo uma intensidade que é, em suma, o que os distingue. Um, trabisca uma fantasia de cores, vaporosa; o outro traça, com linhas simples, um esboço que traz o vigor de sua personalidade: sóbria e intensa.

E' interpretando Ravel que Ericourt, depois de parecer seco em matéria de sonoridade, revela-se um pianista acima da média.

A Cultura Artística, portanto, apesar de todas as dificuldades conseguiu obter, para o início da série de concertos, um artista que se não é completo, está decididamente, entre os autênticos, tanto mais que Ericourt, nos seus defeitos, é o oposto daquilo a que estamos habituados: muita emoção mas atabalhoada, confusa, barulhenta, precisando de disciplina e ordem. Certos pianistas que gozam de prestígio entre nós tem muito que aprender com esse virtuose honesto, consciencioso e sobretudo sincero e sem afetação na sua arte.

PROKOFIEV

Encontrei, num artigo, aliás magnífico, de um crítico brasileiro, uma referência

a dois compositores exilados da Rússia: Stravinski e Prokofiev. O autor está, evidentemente, mal informado, tanto assim que o fato da volta de Prokofiev à União Soviética, na opinião de Brochman, teve influência decisiva sobre a obra desse compositor. Stravinski, sim, não voltou. Valeria apenas citar, aqui, as palavras dos dois americanos, no seu livro, *Men of Music*, Nova Iorque, 1939, pag. 569:

"Os russos tem que voltar. Mesmo Turgueniev, que amava Paris, voltou, e, recentemente, vimos o ex-internacionalista Prokofiev regressar à Rússia, com ótimos resultados."

Os autores tiram, pouco antes, esboçado uma teoria a respeito, apontando o que, na opinião deles, Stravinski perdeu com o seu exílio. Aliás, é extremamente discutível — eu, pelo menos, não estou de acordo — a opinião deles, mas o que considero importante é a notícia da volta de Prokofiev à Rússia que, parece, nem todos no Brasil conhecem, e que ficou confirmada em livro posterior dos mesmos escritores, quando eles indicam como chefes da música soviética a Prokofiev e a Chostakovitch, bem mais moço. *The Opera*, Nova Iorque 1941, Pg. 477.

ROBERTO LYRA FILHO

GRATIS

Peça GRATIS pelo Correio o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestão, magnetismo, força de vontade, hipnotismo, etc. Inscreva-se no Curso por Correspondência. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,60 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

VALIOSA ARMA DE DEFESA

Em qualquer caso de inflamação buco-faríngea aguda ou crônica deve-se usar, além das medicações habituais, as pastilhas de Panflavina, sobretudo à noite, ao deitar-se. A dissolução das pastilhas de Panflavina na saliva embrocará, ao deglutir, toda a cavidade buco-faríngea, mantendo-a em bom estado de defesa contra os germes infecciosos.

Os germes serão destruídos, afastando-se o perigo de uma traiçoeira virulência.

Crianças de mucosas muito sensíveis, sujeitas a frequentes anginas, a defluxos, e a febres de diversas naturezas, são muito beneficiadas com o uso da Panflavina à noite (uma pastilha) ao deitar-se. Tem-se observado casos até de retração do tecido linfóide em crianças com hipertrofia das amígdalas, apenas com o uso continuado desta inofensiva medicação profilática.

P. Ferraz

Beijador

VALE QUANTO PESA RIO

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

O sabonete das famílias!

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

A diversidade das linguas e a concordia internacional

A realização, nesta capital, de um Congresso Brasileiro de Esperanto, convocado pela Liga Esperantista, e patrocinado por prestigiosas instituições doutras, solicita a atenção do público para o problema da língua internacional, problema cujos elementos, sob certos aspectos, ainda não foram devidamente apreciados.

Não se trata de fazer aqui a apologia do Esperanto, tarefa que de alguns anos a esta parte tem sido satisfatoriamente executada pelos dedicados propugnadores do idioma criado pelo gênio de Zamenhof. Entre estes, convém recordar, têm figurado homens de alto mérito, expoentes nas letras e ciências, como Artur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Afonso Celso e Silvio Romero, para só citar os mortos.

Nosso propósito consiste em fazer sentir que a necessidade de uma língua internacional é muito maior do que parece a quem confie na divulgação dos idiomas falados pelos povos de certa influência no mundo moderno.

A tal respeito nada mais oportuno do que a leitura do capítulo consagrado à "diversidade das linguas", no livro "Post War Europe", de Hampden Jackson.

Relembra esse autor que a maior dificuldade de quantas perturbaram as negociações preliminares do Tratado de Versaillles provinha de que os Big Four nunca se entendiam diretamente. Com efeito, Wilson e Lloyd George não falavam o francês nem o italiano; Clemenceau e Orlando não falavam nem entendiam o inglês; afóra Orlando, os três outros membros do grupo nada percebiam do italiano. Daí a necessidade de intérpretes, que intervinham nos debates e que nem sempre traduziam de modo satisfatório as declarações, ocorrendo, não raro, retificações, protestos e outros pequenos incidentes, ora jocosos, ora desagradáveis.

Do mesmo mal têm sofrido tôdas as conferências internacionais do século corrente, como as do anterior. Já na Conferência da Paz, em Haya, os episódios desse gênero foram numerosos. E mais delicada é a situação quando um delegado se mete a falar ou apenas citar passagens num idioma que conhece mal, motivando risos e complicações imprevistas. E' conhecido o caso do representante

inglês em Haya, que aludia frequentemente a um "késas bilái" em seus discursos. Ninguém atinava o que fosse o tal "késas bilái". Convidado a explicar-se melhor, o ilustre diplomata usou de novo torneio de frase, verificando-se, então, que ele pronunciava por aquela forma a conhecida expressão latina "casus belli".

Para defender seus direitos na Liga das Nações a Abissínia enviou a Genebra um embaixador, o sr. Hawariate. Este, porém, falava um francês que ninguém conseguia entender; de inglês nada absolutamente. Foi preciso que o professor Jéze, da Sorbonne, adivinhando mais do que interpretando o pensamento do embaixador, falasse em nome do periclitante império africano.

Numa conferência de representantes oficiais, reunida em Londres, em 1938, para decidir sobre assuntos concernentes às rotas aéreas internacionais, surgiu uma crise desagradabilíssima. A ata do que fôra resolvido estava redigida em francês e em inglês. O delegado da Alemanha protestou, exigindo uma cópia autêntica no seu idioma. Imediatamente o mesmo gesto tiveram os da Itália, dos Soviéticos e da Polónia. Ao cabo de demorado debate ficou resolvido que se autenticaria apenas a ata redigida em francês, idioma que todos conheciam, ou presumiam conhecer mais ou menos...

Segundo informa "The Times", de 2 de março de 1939, a Conferência da Palestina esteve a ponto de malograr-se, tais e tantas foram as dificuldades linguísticas. Os delegados europeus não sabiam o árabe; os maometanos muito mal compreendiam o inglês.

Todos estão lembrados da importância que assumiram as conversações entre Chamberlain e Daladier, e entre o ministro inglês e Hitler, conversações que antecederam de perto a irrupção de hostilidades da guerra atual. O que muitos ignoram é que Chamberlain e Daladier só se entendiam por meio de um intérprete, o sr. Eric Phipps, embaixador britânico em Paris. Nas entrevistas entre o chefe do governo inglês e o prepotente ditador nazista, essa delicada função foi confiada ao professor A. Schmidt, tido como o melhor intérprete da Europa.

Tratando-se de rápidos encontros de eminentes figuras, ainda o intérprete pode prestar algum serviço, embora sujeito a falhas e senões. Há casos, porém, nos quais não é possível a atuação desses intermediários. E' do mesmo autor a seguinte informação, colhida no "Times" em 1941, já em plena guerra, portanto: "Nas operações conjuntas da aviação aliada, quando as esquadrilhas se preparavam para erguer o vôo, a maior dificuldade com que lutavam chefes e instrutores consistia em fazerem-se compreender pelos aviadores holandeses, poloneses, tchecos, belgas e noruegueses, nenhum dos quais conhecia o idioma inglês.

Com o habitual senso de "humour", comentou a imprensa inglesa o chamado caso "Vyskasataya". Ao regressar de Moscou, o primeiro ministro Churchill quis enviar uma mensagem amistosa a Stalin, salientando o prazer que sentira por ter ido ele próprio exprimir seu pensamento e visitar o povo aliado. O vocábulo *vyskasataya*, mal empregado pelo intérprete ao redigir o texto em russo, comporta um sentido rude e descortez, que se afasta, portanto, da intenção do chefe do governo britânico. Molotov remediou o mal, pedindo por telegrama o texto da mensagem em inglês, e dando-lhe, no idioma russo, a forma verdadeira e condigna.

De tudo isso se conclui que as linguas vivas, quando

usadas como meio de intercomunicação por homens que falam idiomas diferentes, deixam muito a desejar. Com o Esperanto, facilimo, compreensível, maleável, sonoro, acessível a toda gente, e capaz de traduzir literalmente qualquer língua, acompanhando-lhe todos os matizes e peculiaridades idiomáticas, nada disso aconteceria. Infelizmente, os governantes, por ignorância ou displicência, ou porque pretendam impor ao mundo seus idiomas nacionais com tôdas as suas extravagâncias gramaticais e fonéticas, não quiseram ainda encarar seriamente um problema que tanto interessa à humanidade.

Há exceções, felizmente; e o Brasil é uma delas; outra, a União Soviética.

"O Brasil e a Rússia — diz o americano Durrant em seu livro "The International Language" — são os únicos países que têm emitido selos postais com dizeres em Esperanto. A razão, aliás, facilmente se compreende: é que ambos são países de imensas possibilidades futuras, e ambos falam linguas pouco conhecidas fora de seus limites geográficos."

Hão de se convencer, porém, os teimosos e os rotineiros. O Esperanto já não é um simples passatempo, um esporte intelectual, uma inofensiva mania votada ao ridículo; é uma coisa séria, destinada a prestar grandes serviços à civilização.

Neurastenia? Insônia? Angústia?

BENAL

SEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésilo.

Os conselhos da BÔA MÃE



O REGULADOR SIAN é o melhor remédio, que eu conheço, para todas as doenças, próprias da mulher, como sejam as regras dolorosas, escassas ou excessivas

REGULADOR SIAN

É um produto do Laboratório Sian

ANEL "ZODIAICO"
A Oitava Maravilha

Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio, pelo sistema de Reembolso Postal. Peçam catálogos gratis desta joia maravilhosa. Fáb. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.

STANDARD cat. 104

AMERICA cat. 135

PIERRE cat. 162

CAPITAL cat. 260

INCA cat. 260

BRASIL cat. 260

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Berchtesgaden -- o último refugio de Hitler

(Continuação da pág. 18)

de que os curiosos não pudessem ver pelo telescópio o que ele estava fazendo. Ninguém podia subir as 2 últimas milhas para Berghof sem um passe, e mesmo os que tinham passes eram submetidos a rigorosas revistas pelos homens da S. S., postados em ambos os lados da estrada. No primeiro andar da residência de Hitler há uma enorme garagem e um porão à prova de bombas, ambos situados num terraço de onde os visitantes importantes podiam admirar o panorama de Salzburgo. Nesse andar estavam também os salões de palestras e um hall central, onde Hitler costumava falar no seu estilo de monólogo até altas horas da madrugada. A decoração é em estilo próprio e combina os efeitos dos arcos romanos com o estilo medieval germânico; ao lado do hall existe um salão com o dístico muito apreciado "Salão de Fumar". Hitler não suporta o fumo, e quando um fumante conversava com ele era preciso pedir: "Meu Fuehrer, dá-me licença para fumar?". A sala

de jantar ocupa todo um lado do castelo e tem a mesma decoração do salão de palestras. E tem também a maior janela do Reich, através da qual se absorve todo o panorama da montanha.

No segundo andar estão os quartos dos hóspedes e o estúdio de Hitler, onde o Fuehrer desenhou o futuro Reich, arquitetonicamente, ao lado do jovem arquiteto Todt, "o perfeito nazista". O quarto de Hitler dá para o lado da Áustria, e ele queria que essa vigília tivesse um efeito psicológico. Os quartos dos hóspedes são confortáveis, mas sem luxo. A principal característica de Berghof me pareceu ser a precisão e a rapidez. Tudo acontecia num ritmo acelerado. Uma sineta tocou e os hóspedes foram levados a um aeródromo perto de Berchtesgaden. Não sei se o hotel de luxo em Obersalzberg, defronte, ficou completo. Devia receber os hóspedes importantes e seria um anexo da chancelaria alemã, de modo que deverá estar em nossa lista de objetivos.

E chegamos agora ao refúgio final, um pequeno edifício construído por trás de Berghof, a 6.000 pés de altura.

Raras as pessoas que conseguiram licença para ir até lá. Os visitantes entravam por um longo corredor de mármore. Uma porta de bronze maciço dava acesso à sala de Hitler, onde se encontrava uma enorme janela. Era ali que o Fuehrer ficava em êxtase nas suas meditações políticas e entrava em contacto com a Providência Nazista.

Poderá esse alto refúgio ser assaltado pelos paraquedistas aliados. Berghof será bombardeada?

Sim, Berchtesgaden pode ser e será atacada muitas vezes ainda, pois ali se encontram agora numerosos serviços administrativos e de defesa; é um importante centro de comunicações; e poderá transformar-se no reduto da resistência final nazista nas montanhas. Devemos finalmente recordar que a duas milhas de distância de Berchtesgaden se encontram imensas minas de sal, agora aquecidas e iluminadas pela eletricidade. E a mina Kaiser, atualmente inativa. Nessas minas os nazistas talvez tenham armazenado grandes quantidades de equipamento, combustível e munições, se há alguma realidade nas versões sobre a resistência final nazista nas montanhas da Baviera — como sem dúvida alguma deve haver.

Roosevelt e o futuro

Por Violeta de Alcantara Carreira

CONFESSO que não gostaria nada de estar entre os que não sofreram com a notícia da morte de Roosevelt, porque essa ausência de emoção triste só pode ter sido uma falta grave, no sentido moral, político ou sentimental.

Roosevelt foi um grande homem da nossa época e a sua luta — essa sim! — representou imensos benefícios para o seu povo e para o mundo. Depois de vencer, quando moço, a deusa Facilidade, pois não lhe custaria tornar-se, apenas, uma figura de destaque social — o que precisa ser consequência de outras vitórias, e nunca um fim em si — teve que lutar, longamente, na idade em que muitos já só pensam em receber os prêmios, contra o mais imprevisível dos obstáculos. O difícil obstáculo de uma doença que o deveria imobilizar, politicamente, ainda mais do que a tentadora possibilidade de uma vida unicamente confortável e brilhante. Vencedor nas suas batalhas contra o perigo da inatividade mental e física, estava destinado a triunfar, até adquirir o valor universal, tão justamente comentado nos últimos dias entre nós. Desse elevado trampolim que era o seu país, de uma altura de arranha-céus, atirou-se ao mar da guerra, com a mesma energia que o fez dominar a doença. Vaeu as limitações impostas por uma vasta ameaça de paralisia nacional — o isolacionismo — e não quis que ninguém, talvez ainda capaz de nossos fúteis, deixasse de receber o inectivo necessário para isso.

O primeiro sabonete do bebê

deve ser o primeiro em Pureza e Qualidade

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



Sabonete de Reuter

I-A

SR-1

No toucador...



Após o banho Dê à sua cutis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antisséptica e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... A venda em todas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA

ção que é uma extraordinária homenagem, e uma grande injustiça, ao mesmo tempo. Frágil seria, então, o edifício nacional que sob a sua orientação se construiu, se o reflexo rooseveltiano agora já o não encontrasse a prumo, reunindo os novos arquitetos que deverá guiar.

Creio, pelo contrário, que ao morrer, dias antes da Conferência de São Francisco — na boa e merecida vizinhança da vitória, enquanto repousava para melhor trabalhar — Franklin Roosevelt ainda assim prestou serviço aos seus ideais. Reforçou até sua influência, porque os milhões de criaturas que o admiravam sem analisar mais o seu esforço voltarão a ler a sua história, política e pessoal, voltarão a meditar sobre o seu exemplo. Recordarão palavras suas, dignas de serem muito recordadas. Gostarão de contribuir para elevar-lhe estatuas, em que o veremos de pé. De pé! seria uma divisa para esse homem combativo — um homem, simplesmente julgaria Kipling. E nada teria de paradoxal essa divisa. Inspirados pela sua atitude, animados pela sua coragem invencível, os homens e as altas casas do seu país desejaram, também, ficar de pé. Guiados pelos seus olhos que viam

longe e não paravam de estudar o futuro lá se foram os norte-americanos lutar na Europa, de onde vieram aqueles que formaram o seu povo até a idade da independência, e que têm o dever de compreendê-lo hoje, quanto razão de ser compreendido.

Faltando num momento importantíssimo, Roosevelt não falhou na sua missão. E a onda de simpatia, levantada no mundo pela notícia da sua morte, não irá desfazer-se em espuma. Outras e outras, dela nascidas, encontrarão o seu nome gravado nos rochedos — esses que hão de abrigar o desembarque dos sinceros soldados da Paz, cuja vitória é indispensável.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILLERME ELOTZ
SAO PAULO - 471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS QUÍMICOS DA CUTIS
Poco enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDEREÇO _____

Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Água de Colônia
Brilhantina
Extrato
Lectu
Elixir Parfumado
Pó de Toilete

O sonho côr de rosa dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



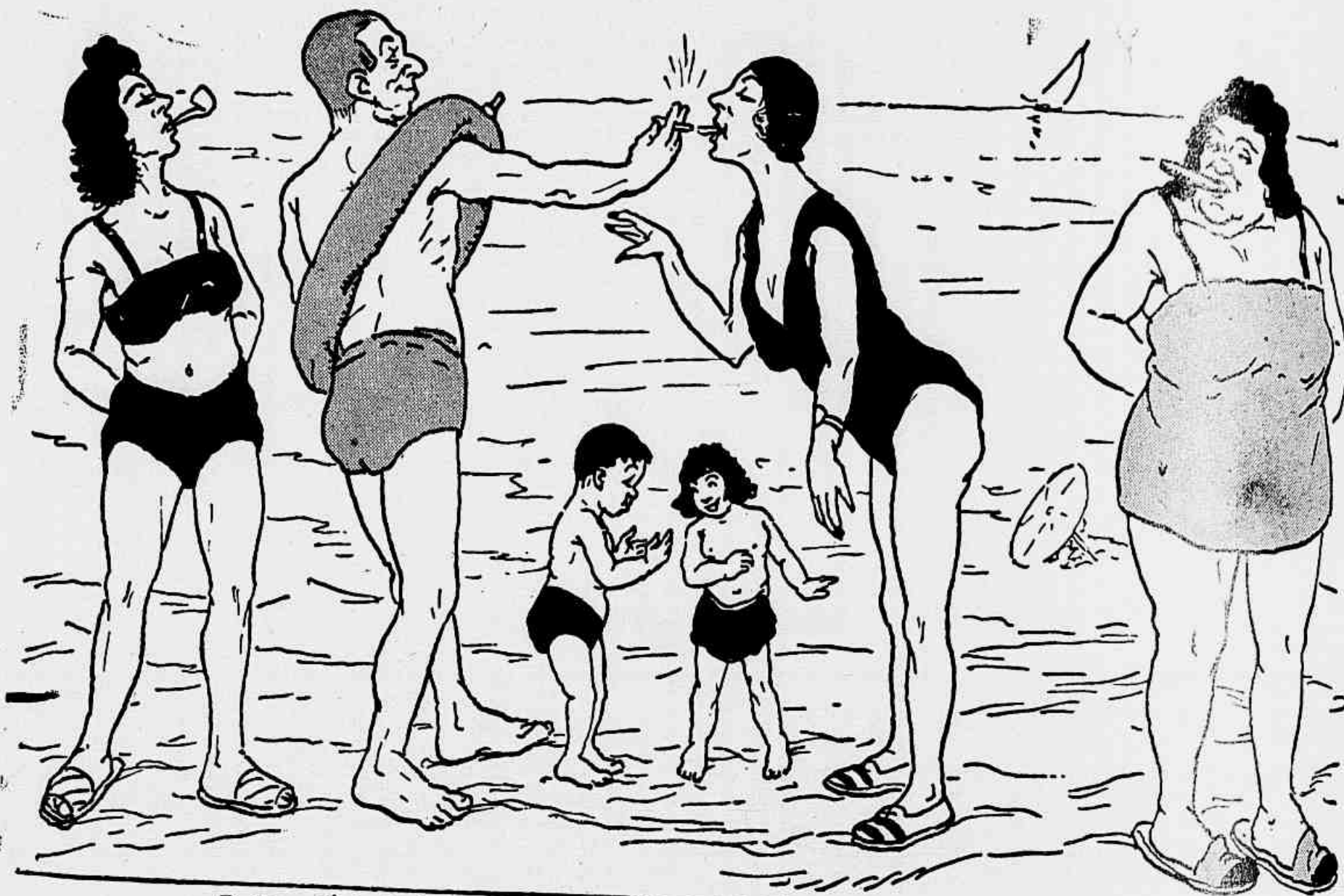
O orador

Quem não está habituado a falar em publico e é obrigado a fazê-lo, facilmente se perturba e perde a calma e a naturalidade precisas para que a sua oração seja ouvida com prazer. É aconselhavel, em oportunidades tais, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, que agem suavemente sobre o sistema nervoso, restabelecendo-lhe a normalidade. ADALINA é um produto Bayer.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

Bôa Vida



Matutina...



TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE



Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

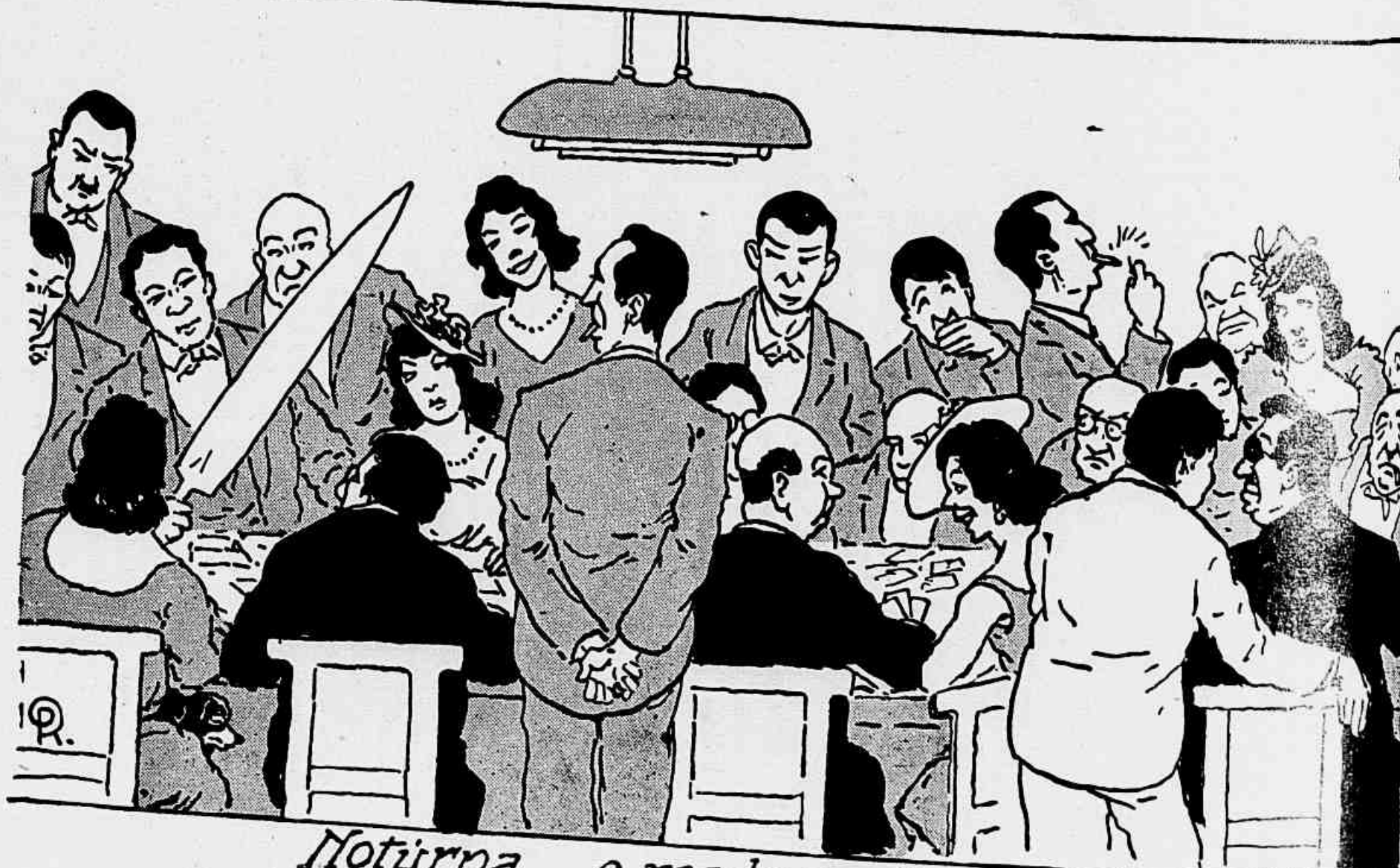
Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura p. stica se de prenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentes e posticas mais firmes e torna-as mais côm. das na boca. Este pó de sabor agree. não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É at. alino (não ácido). Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farm. cia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
OD. NTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
R. de Janeiro

9º-B



Vespertina...



Noturna... e madrugada...

no jogo o dinheiro apurado e agora alugou a chácara e foi morar numa casinha lá no subúrbio.

LUIZ — Ah, bem me falaram que ela tinha feito um leilão lá na chácara. Com certeza foi com permissão do Geraldo.

MANUEL — O senhor já não sabe o dr. Geraldo como é? Ele acaba sempre consentindo.

LUIZ — O Geraldo é um bom. No fundo ele tem compaixão do Celasto. E ela é bem digna de piedade — a pobre mulher.

MANUEL — Quando é que vem o dr. Geraldo?

LUIZ — Parece-me que dentro de dois meses ele deve estar aqui. Oxalá não se demore muito. O Rogério também vai viajar e eu vou me sentir muito só.

MANUEL — Também, o dr. Geraldo está demorando muito lá faz quase um ano que ele partiu.

LUIZ — E há mais de um ano que a Regina nos deixou, hein, Manuel? Mas eu não perco a esperança. Todos os dias me parece que é o dia do seu regresso. Eu tenho certeza de que a Regina há de voltar.

MANUEL — E' hoje o embarque do dr. Rogério, não é, dr. Luiz?

LUIZ — E' sim, Manuel. E' mais um que se vai. Minha vida agora está como os pombais quando ficam desertos. Um a um, os meus entes queridos vão batendo as asas. E eu vou ficando só.

MANUEL — E o senhor não vai ao embarque do dr. Rogério?

LUIZ — Vou sim. Pode mandar tirar o carro, que eu já vou.

(Música)

(Ambiente: no cais; partida de um navio)

ROGÉRIO — Então, Luiz? Por que não se anima também a viajar? Afinal, você bem podia ter vindo comigo.

LUIZ — E'. O Geraldo quando embarcou também me disse a mesma coisa. Mas eu tenho a impressão de que estando aqui estou no meu posto. Você sabe, Rogério, eu vivo à espera de Regina. E' a minha obsessão... a cada instante me parece que a vejo chegar.

ROGÉRIO — E no entanto você precisava justamente era de uma viagem. Uma viagem lhe faria bem.

LUIZ — Talvez me anime, talvez me resolva de repente. Até agora, porém, me faltou a coragem. Tenho a impressão de que não devo sair do Rio porque, de um momento para outro, a Regina pode chegar. E' uma fraqueza, não é, Rogério? Mas que hei de fazer?

ROGÉRIO — As fraquezas, meu amigo, talvez ainda sejam o que nos resta de melhor. Quanto mais humana, quanto mais fraca é a criatura...

LUIZ — No entanto você há dias me assegurava a sua força de vontade, o seu auto domínio, e eu o acho bem humano!

ROGÉRIO — Bem... de fato eu sou bastante humano.

LUIZ — Mas, que vejo? Olhe ali, Rogério. Aquela mulher lá em cima, lá no navio... mas, aquela mulher não é a...?

(Intervalo)

ROGÉRIO — Não se scandalize, meu amigo. Aquela é a Beatriz. Ela vai comigo. Eu ia fugir dela e, afinal, vou com ela...

LUIZ — Então a rocha não resistiu, hein?

ROGÉRIO — Eu não lhe disse há pouco que as fraquezas ainda são o que temos de melhor?

LUIZ — Sim, Rogério. Bendita fraqueza.

ROGÉRIO — E' isso mesmo, Luiz. Bendito seja o amor.

(Navio apita)

LUIZ — Pois eu lhe desejo uma boa viagem, meu amigo.

ROGÉRIO — Obrigado, Luiz. E quando voltar quero encontrá-lo com outro ânimo, hein?

LUIZ — Até à volta, Rogério. Seja feliz e recomendo-me a Beatriz, que lá está ansiosa. Vá, vá como espia.

ROGÉRIO — Ela está com medo que eu me arrependa e me resolva a ficar. Até à volta, Luiz. Até à volta.

(Música)

REGINA — Veja que gracinha, Josefa. Olhe como ela vem caminhando.

JOSEFA — Anda, Luízinha; vem aqui, vem (ri). Olhe só como ela se aquece.

REGINA — Ai, minha filha! Puxe pelas perninhas, meu bom! Ande. Seja valente como a sua mãe.

JOSEFA (rindo) — Tadinha. Pronto. Calá.

REGINA — Mas veja com que seriedade ela enfrenta a situação, hein? Assim, minha filha; levante-se, venha, venha. Pronto. Agora, como prêmio, ela vai ganhar o colinho da mamãe. Não é, minha filhinha? Assim. Toda encolhidinha no colinho da mamãe.

ZÉ PEDRO (entra) — Boa tarde.

JOSEFA — Olhe, Zé Pedro. A Luízinha já está andando. Ela andou um bom pedaço agora mesmo.

ZÉ PEDRO — Ora, que novidade! Outro dia lá na praia eu já tinha feito ela caminhar na areia.

JOSEFA — Daqui a pouco ele vai dizer que ensinou a Luízinha a andar.

ZÉ PEDRO — Ensinar não ensinei, que isso é coisa que ninguém ensina; mas que os primeiros passinhos dela foram comigo, lá isso foi, não foi dona Heloisa?

REGINA — Foi sim, Josefa. O Zé Pedro me contou. E eu gostei bem que minha filha ensinasse os seus primeiros passos em plena Natureza, perto do mar que é o seu padrinho. Eu faço questão que a minha filha seja bem amiga desta praia que tão generosamente nos acolheu.

ZÉ PEDRO — Dona Heloisa, eu falei com o doutor.

REGINA — Sim? E que disse ele?

ZÉ PEDRO — Ele marcou sua visita para amanhã às dez da manhã. Ele disse que amanhã é pra' examinar e, conforme o resultado do exame, talvez a operação possa ser feita ainda este mês.

REGINA — Está bem, José. Então amanhã você sai mais tarde um pouco e me leva, não é?

(Música)

CELESTE — Anda depressa, Maria. Como você está ficando imprestável. Não pense que eu vou deixar de lhe pagar no fim do mês. Você com certeza acha que como eu não moro mais em palácios, também não vou lhe pagar.

MARIA — Mas eu não estou dizendo nada, dona Celeste. Puxa! A senhora está ficando impertinente!

CELESTE — Você é que está muito atrevida, sabe? Veja se quando eu tinha dinheiro você me tratava assim.

MARIA — Assim como, dona Celeste? Eu não tenho culpa. O fogão está quebrado; o jantar não pode sair depressa como a senhora quer.

CELESTE — Mas eu tenho que chegar cedo ao casino, criatura, e não posso estar fazendo despesas de restaurante. Nem posso também andar tomando taxi, como antigamente.

MARIA — E' engraçado. A senhora não tem dinheiro pra' jantar fora, não tem dinheiro pra' tomar um carro, mas não falta dinheiro pra' pagar.

CELESTE — Mas é sempre de lá que eu trago o meu ordenado. E cale a boca, hein. Eu não digo que você está ficando atrevida?

MARIA — É. Eu sou atrevida. Mas é com o meu atrevimento que a senhora despede os seus "cadáveres".

CELESTE — Que eu despeço o que?

MARIA — Os "cadáveres". A senhora não sabe o que é? Os credores... o calceiro, o padreiro, o açougueiro. Todo esse pessoal que não sai daqui da porta e que a senhora me manda despachar. Ainda ontem o padreiro disse que qualquer dia a senhora não recebe mais pão. O açougueiro também falou hoje que o patrão dele vai botar a senhora na lista negra.

JULITA — Pois eu sei, sua tonta. Ele me trouxe um mais ou menos igual. O meu foi avaliado em dois mil cruzados. E a pedra da sua anela é melhor. E a capta, sua doida? Não custou o seu próprio dinheiro aquela capta? Você não deu lá mil cruzados por ela há dois meses apenas?

CELESTE — Dei. E'... somando bem...

JULITA — Somando bem você chega afinal a compreender que o tal Jacob não passa de um ladrão.

CELESTE — E' isso mesmo, Julita.

JULITA — Você está com esse dinheiro aí?

CELESTE — Estou.

JULITA — Corra à casa daquele bandido o veja se ainda lhe é possível desfazer esse negócio com ele.

CELESTE — Hoje não é mais possível. Já são sete horas. A casa já fechou.

JULITA — Mas você não sabe onde é o antro desse bandido?

CELESTE — O que, Julita?

JULITA — Você não sabe onde mora esse homem?

CELESTE — Não. Não sei. Vai ser preciso esperar até amanhã.

(Música)

(Ambiente de casino e sala de jogo)

CROUPIER — Jogo... (pausa) Follo... (pausa) Vermelho 12.

HOMEM 1 — Mas como joga aquela criatura!

HOMEM 2 — Aquela de azul?

HOMEM 1 — Sim. Aquela ruiva. Por sinal que é uma bela mulher.

HOMEM 2 — Você não a conhece?

VOZ 1 — Não. Quem é?

VOZ 2 — Aquela é a Celeste, a célebre Celeste.

VOZ 1 — Hum... mas o seu aspecto não tem nada de celestial...

VOZ 2 — E realmente o seu nome é um verdadeiro contraste.

VOZ 1 — Sim? E por que?

VOZ 2 — Aquela mulher é simplesmente diabólica.

VOZ 1 — E... ela é casada? Parece-me que traz uma aliança.

VOZ 2 — Casada e com um homem ilustre. Você o deve conhecer. Foi nosso colega de turma.

VOZ 1 — Quem é?

VOZ 2 — Geraldo, o oculista.

VOZ 1 — Ah, sim. E por sinal que ele agora está viajando...

VOZ 2 — Ela anda sempre em liberdade. Esteja ou não esteja o marido. Aquilo é uma mulher terrível...

CROUPIER — Jogo... (pausa) Follo... preto 17.

VOZ 1 — Veja... ela está nervosa. Você já reparou?

VOZ 2 — Pudera não. Você não observou as jogadas que tem feito? Ela já atirou naquela roleta uns dez mil cruzados. E há uma hora, pouco mais ou menos, eu a vi perder mais de vinte mil ao bacarat. E eu já a conheço, hein. Ela só sai quando o jogo termina.

VOZ 1 — Então ainda tem muito que poder.

CROUPIER — Jogo... façam o jogo, senhoras...

(Rumor de fichas)

(Acorde musical)

(Criança chorando ao longe)

(Porta abre)

JOSEFA — O que é isso? Que é isso? (ouso o choro).

(Passos)

JOSEFA — Está aí a mocinha do cabelo cacheado. Tão novinha e já fez permanente no cabelaleiro.

REGINA — Coitadinha da minha morena. Deixe de ser faladeira, Josefa. Você tem a inveja do cabelinho dela.

JOSEFA — Bem. Lá isso tenho. Também, pudera, com esta minha carapinha eu não havia de invejar estes cachinhos?

inhos? Tão bonito o cabelinho dela. Tão macio, não é Regina?

REGINA — Como é, Josefa?

JOSEFA — Ah, sim, Heloisa. Hum... eu me esqueço de falar.

REGINA — Você já reparou nos olhinhos dela? São verdes como os do pai.

JOSEFA — Esta menina vai ser uma beleza. Com essas olhas verdes e cabelos negros...

REGINA — E essa pelo morena... (Outro tom) Você sabe de uma coisa, Josefa? Eu estou com vontade de me operar. O Zé Pedro não disse, assim que chegou, que está em São Paulo um médico que faz maravilhas?

JOSEFA — Disse. Ele não trouxe jornal com as notícias porque você proibiu que entrasse qualquer jornal aqui.

REGINA — Mas esse médico veio morar em S. Paulo?

JOSEFA — O José disse que ele veio da Europa e que vai morar em S. Paulo. Ele tinha ido à Europa só para estudar essa especialidade.

REGINA — Pois então estou mesmo resolvida. Antes que minha filha comece a racheclar, eu vou fazer uma operação. Eu não quero que ela ache a sua meezinha assim tão feia. Eu vou fazer isso unicamente por ela.

JOSEFA — E quem sabe se depois dessa operação, conforme o resultado, você talvez não se animasse a voltar para o Luiz?

REGINA — Nunca. Não. Voltar para o Luiz? Nunca.

JOSEFA — Bem, desculpe. Eu não sabia que você estava com raiva dele.

REGINA — Não é propriamente raiva dele. Mas eu sei, infelizmente eu sei, o quanto é frágil o seu amor.

LUIZ (volado) — "Ora, Regina. Não há amor que resista a certas coisas. O amor precisa de enlôvo, precisa de harmonia. Tu me amaste como eu sou, e me deixarias de amar se eu deixasse de ser o que sou."

JOSEFA — Olhe como a garatinha está sorrindo. Não fique pensativa. Que tem você, Regina?

REGINA — Pensava em tanta coisa... (Outro tom) Como é, Josefa? Zé Pedro ainda está muito esquisito?

JOSEFA — Escute, Heloisa, eu não lhe disse que Zé Pedro andava esquisito? Eu conheço bem aquele homem... eu sabia que ele tinha alguma coisa, eu sabia...

REGINA — E que tem ele? Está doente?

JOSEFA — Ah, Regina... é uma coisa triste. Ele tem sofrido muito esses dias...

REGINA — Diga, então, Josefa. Diga. Quem sabe se eu não posso dar remédio? Vocês perderam a confiança em mim?

JOSEFA — Não, não é isso. Ele está querendo lhe falar há muitos dias. Mas não tem tido coragem.

REGINA — Que tolice do Zé Pedro. Diga-lhe que venha falar comigo.

JOSEFA — Eu disse. Eu estou cansada de dizer: vá de uma vez conversar com ela, homem. Afinal, ela precisa saber. Eu acho mesmo que ele já devia ter dito tudo a você.

REGINA — Mas de que se trata, Josefa?

JOSEFA — E' uma coisa muito séria. Mas ele não quer que eu lhe diga nada. Ele resolveu vir falar a você. Ele mesmo é que lhe quer falar.

REGINA — Que fale então de uma voz. Onde está ele?

(Passos)

JOSEFA — Olhe, ele já vem aí.

REGINA — Então, o que há, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Dona Regi... dona Heloisa... eu, eu sinto muito, mas eu não posso deixar de falar à senhora, eu não posso deixar de lhe dizer. Eu preciso lhe contar.

REGINA — Mas diga de uma vez, Zé Pedro.

JOSEFA — Deixe do mistério; fale de uma vez, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — Sorria tão bom se eu pudesse poupar à senhora este assunto. Mas não é possível. A senhora tem mesmo que saber.

REGINA — Oh, meu Deus! De que se trata?

ZÉ PEDRO E' o seguinte: eu... não... eu não tenho coragem de lhe dizer.

REGINA — Fale, Zé Pedro... Pelo amor de Deus...
ZÉ PEDRO — Pois bem. Eu vou contar.

(Encerramento)

CAPÍTULO XX (Característica)

LOCUTOR — No capítulo passado, Celeste começou a perder toda a sua fortuna e apela então para as suas joias que vende por um preço insignificante. Luiz está intrigado com o homem que lhe salvou a vida. Não consegue identificar a caligrafia do bilhete que lhe pregaram na gola do paletó. Zé Pedro voltou para casa e não disse absolutamente nada que pudesse explicar o motivo da sua fisionomia apreensiva. Entretanto conta à Regina que em S. Paulo está um grande cirurgião de plástico que faz maravilhas. Regina resolve se submeter a uma operação plástica, para que sua filhinha quando já possa raciocinar não tenha uma péssima impressão de sua mãe. Josefa, nessa resolução de Regina, vê até a possibilidade de sua patroa voltar para o seu marido Luiz. Regina porém diz que é impossível que isso aconteça, porque ela bem conhece os sentimentos de Luiz. Mais alguns dias se passaram, quando Josefa dizia a Regina:

JOSEFA — E' uma coisa muito séria, mas o Zé Pedro não quer que eu lhe diga nada. Ele resolveu vir falar a você.

REGINA — Que fale de uma vez. Onde está ele?

(Porta abre e passos)

JOSEFA — Olhe, ele já vem aí.

REGINA — Então, o que há, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Dona Regi... dona Heloisa... eu, eu sinto muito, mas eu não posso deixar de falar à senhora, eu não posso deixar de lhe dizer. Eu preciso lhe contar.

REGINA — Mas diga de uma vez, Zé Pedro.

JOSEFA — Deixe de mistérios; fale de uma vez, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — Seria tão bom se eu pudesse poupar à senhora este assunto. Mas não é possível. A senhora tem mesmo que saber.

REGINA — Oh, meu Deus! De que se trata?

ZÉ PEDRO — E' o seguinte: eu... não... eu não tenho coragem de lhe dizer.

REGINA — Fale, Zé Pedro... Pelo amor de Deus...

ZÉ PEDRO — Pois bem. Eu vou contar. E' que eu encontrei... oh, meu Deus. Eu nem sei como hei de começar... é o seguinte: quando eu vinha pela estrada Rio-S. Paulo, avistei, junto a uma fogueira, dois homens abaixados sobre qualquer coisa. Não sei por que, eu desconfiei daqueles homens. Para disfarçar continuei até mais adiante. E quando já estava a uma boa distância, apanhei o meu revólver, desci do carro e vim, a pé, por dentro do mato.

REGINA — E afinal, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Imagine a senhora qual não foi o meu espanto quando vi que eles já vinham andando também pelo meio do mato. Escondi-me atrás de uma árvore. E eles passaram sem me ver. E sabe o que é que eles carregavam? O corpo de um homem, todo amarrado. Então eu não pensei em mais nada. Saí feito uma bala do meu esconderijo e avancei para eles. Quando eles me viram aparecer, de revólver empunho, puseram o corpo do homem no chão. Um deles saiu correndo e sumiu pela estrada, mas o outro resolveu me enfrentar. E o resultado foi que ele tirou um punhal do bolso, e então eu fui obrigado... a lhe dar um tiro. E... eu matei o homem.

REGINA — Você matou um homem, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Matei, dona Heloisa. Matei. Mas salvei o outro, o que estava sendo levado por eles, sabe Deus para onde e com que fim.

REGINA — Que horror, Zé Pedro! Mas por que você não se apresentou à polícia? Eu acho que você devia ter feito isso, Zé Pedro. Você devia ter se apresentado à polícia.

ZÉ PEDRO — Não era possível. A senhora esquece

do que me fez prometer quando eu saí daqui para ir ao Rio? A senhora não me pediu que, absolutamente, custasse o que custasse, eu não me deixasse descobrir por ninguém?

REGINA — Sim. E' verdade. Você tem razão, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — E muito mais se a senhora pensasse quem

era o homem que ali se encontrava escondido.

REGINA — Quem era?

ZÉ PEDRO — Era o dr. Luiz.

REGINA — Luiz? E... ele estava morto?

ZÉ PEDRO — Não. Aqui estão os jornais com a notícia. Eu o deixei na beira da estrada, com um bilhete pregado no paletó dizendo quem ele era. Foi o dr. Rogério quem o encontrou.

REGINA — Obrigada, Zé Pedro. Deus lhe pague, meu amigo.

ZÉ PEDRO — Leia, dona Heloisa. Olhe, aqui estão os jornais.

(Música)

(Ambiente: leilão numa residência luxuosa)

LEILOEIRO — Vejam, senhores. Contemplem esta obra de arte. Quanto dão por este bronze? Vejam que bonito trabalho. Quanto dão? Trezentos cruzeiros? Trezentos cruzeiros? Trezentos cruzeiros... Ninguém dá mais? Vejam bem, senhores. Isto é um trabalho esplêndido. Quinhentos cruzeiros? Quinhentos cruzeiros. Quinhentos cruzeiros. Ninguém dá mais? Oitocentos cruzeiros? Oitocentos cruzeiros.

VOZ 1 — Que maravilha de casa. E por que este leilão? (voz feminina).

VOZ 2 — Diz ela que vai viajar. Mas é mentira. Eu sei que ela comprou uma casinha em Ramos. Minha cozinha mora lá e ontem se encontrou com a criada dela, que lhe contou essa novidade.

VOZ 1 — Mas então ela está na miséria?

VOZ 2 — Propriamente na miséria, ainda não. Mas a caminho da miséria, bem se vê que ela está.

VOZ 1 — E o marido? Como é que ele consentiu nesse leilão?

VOZ 2 — Naturalmente achou que era um meio de lhe facilitar o pagamento das dívidas. Sim, porque ele deve estar cansado de lhe mandar dinheiro. Então era brincado o que ela atirava todas as noites na roleta?

VOZ 1 — E ele é um homem tão correto, tão distinto. Esperou tanto para casar com a Celeste!

LEILOEIRO — Quando dão por esta jarra, senhores? Vejam que beleza. E' um legítimo "faience". Quanto dão? Quanto dão? Trezentos cruzeiros? Trezentos cruzeiros. Ninguém dá mais? Ninguém dá mais?

VOZ 2 — Imagine você que a irmã dela contou a uma amiga minha que ela vendeu a um agiota todas as suas joias pela metade do valor. E, no mesmo dia, perdeu todo esse dinheiro no jogo.

VOZ 1 — Que mulher doida! Tinha tudo nas mãos para ser feliz e está se tornando uma desgraçada!

(Música)

ROGÉRIO — Então, Luiz? Parece-me que voltou seu entusiasmo pelo trabalho? Há dois dias que venho aqui logo cedo e já você está metido no laboratório.

LUIZ — Olhe, Rogério; desde o dia em que aqueles bandidos tentaram me sequestrar, eu resolvi me dedicar de novo a meus estudos. Eu quero ver se recorro o meu invento. Quero ver se arranço do meu subconsciente aquela fórmula tão desgraciadamente esquecida. E não consigo. Infelizmente não consigo.

ROGÉRIO — Que coisa esquisita! Quer dizer então que você vem tentando lembrar o seu invento e não consegue, hein?

LUIZ — Ah, Rogério. Se eu pudesse pegar aqueles infames que roubaram a minha fórmula. Se eu soubesse ao menos quem são eles. Mas não tenho uma pista, não tenho um esclarecimento. E já se vão seis meses, hein? Agora mesmo é que não será possível encontrá-los.

ROGÉRIO — E a única coisa que restou desse mistério foi um homem morto...

LUIZ — Mas eu tenho esperanças, Rogério. O meu invento ainda há de ser meu. Não é possível que tanto esforço se perca assim tão inutilmente.

ROGÉRIO — E nem mesmo quem o roubou o pode aproveitar.

LUIZ — E que é a condição que me resta. E' que eles, os bandidos, não o poderão utilizar.

ROGÉRIO — Em todo o caso deve ser bem grande a sua angústia. Eu a compreendo muito bem.

LUIZ — Você é um amigo precioso, Rogério. Eu não lhe devo apenas a minha vida. Devo-lhe também a compreensão, o auxílio moral, a camaradagem.

ROGÉRIO — Não exagere, Luiz. Você, absolutamente, não me deve a vida. Não seja ingrato para com o desconhecido que o socorreu. A ele, sim, é que você deve a sua vida. Agora, quanto à camaradagem e à compreensão, eu estou de acordo. São de fato coisas muito raras, e é natural que você lhes dê o seu justo valor.

LUIZ — Você tem sido um ótimo amigo, Rogério. Por isso mesmo, quando li hoje nos jornais da manhã a sua transferência, apesar de saber o quanto você a desejava, eu lhe confesso que a minha primeira sensação foi uma sensação de egoísmo. Entristei-me à idéia da sua partida. Vai ser completo o meu isolamento depois de sua ida. Eu vou ficar ainda mais só, meu amigo!

ROGÉRIO — Você vai ficar só porque quer. Companhias não lhe faltam. Mas você as escondaça.

LUIZ — Cada dia que passa eu me sinto mais refratário a esses amores de artifício. Perdi, por completo, a capacidade de enganar e de me iludir. Eu queria voltar à vida de outros tempos. Aquela felicidade profunda de há um ano passado.

ROGÉRIO — Um ano. Já vai fazer um ano, hein, Luiz? E quantas coisas se passaram neste espaço de tempo...

LUIZ — E por onde andaré a Regina? Tão sozinha com aqueles dois pretos.

ROGÉRIO — Dois amigos. Não fale assim, Luiz.

LUIZ — Eu me desespero, eu nem sei mais o que digo quando penso na minha vida truncada. Quando penso que perdi aquela mulher tão querida por minha culpa, só por minha culpa...

ROGÉRIO — Por sua culpa? Como assim?

LUIZ — Eu nunca lhe dei pra ler a carta que ela me escreveu antes de fugir?

ROGÉRIO — Não.

LUIZ — Antes de você chegar, eu tinha justamente acabado de ler essa carta. De vez em quando eu a leio. E' uma espécie de penitência que me impus. Aqui está. Leia e veja se não fui o culpado.

ROGÉRIO — Tão pequenina, hein?

LUIZ — Pequenina e castigadora como a pílula de um veneno mortal!... Leia, Rogério, Leia só.

ROGÉRIO (lendo) — "Luiz, meu inesquecível amor"...

VOZ DE REGINA — "Inesquecível é uma expressão muito usada nas legendas fúnebres, nas coroas e nas sepulturas. E por isso eu a quero colocar aqui. Como um adeus definitivo e como uma profecia. Porque eu sei que nunca te hei de esquecer. Oh, meu inesquecível amor! Mas fujo. Fujo de teus olhos que não gostam de contemplar senão a beleza; do teu coração, que só sabe amar a perfeição da carne; do teu requinte de esteta, que estremeceria de horror diante da minha ruína! Fujo para esconder a vergonha das minhas cicatrizes. Fujo para não te dar o espetáculo do meu aleijão. Tu só compreendes o amor que se inspira nos encantos da carne, e eu só te poderia oferecer agora os encantos de meu coração. Dêsse coração que te adora e que jamais te esquecerá. Oh, meu inesquecível amor! Deixo-te pois o meu adeus, eterno como o adeus da própria morte!"

LUIZ — Vê, Rogério? Ela fugiu porque sabia o escravo que eu era dos seus encantos físicos e o quanto eu seria incapaz de amá-la depois daquele desastre que a deformou.

ROGÉRIO — Desculpe-me, Luiz. Mas ela teve toda a razão.

LUIZ — Teve sim, Rogério. E por isso mesmo eu lhe digo que o culpado, o único culpado fui eu. E o que eu

não daria hoje para sentir junto de mim o calor da sua ternura, a sua graça, a sua presença. Como eu a desejei! Como eu a queria junto de mim, assim mesmo feita, assim mesmo cheia de cicatrizes. Eu poderia tentar esconder o meu desta existência que, sem ela, é um verdadeiro inferno!

ROGÉRIO — Como eu me espanto quando o ouço falar desta maneira!

LUIZ — E por que, Rogério?

ROGÉRIO — E' que eu vejo o grande poder do sofrimento. O sofrimento é como um cinzel — vai aprimorando as criaturas. E você, Luiz, depois que passou por estes golpes, como se transformou!

LUIZ — Então você acha que eu era mau?

ROGÉRIO — Não. Você nunca foi um mau. Mas era vida. E foi preciso que seu coração sangrasse para que estupidamente materialista. Você era rebelde às coisas do coração, você não queria ver o sentido espiritual da vida. E foi preciso que o seu coração sangrasse para que você enfim compreendesse que a vida não é apenas aquele materialismo a que você a queria reduzir.

LUIZ — E você também está passando por um mau pedaço, não está, Rogério?

ROGÉRIO — Como assim?

LUIZ — Então eu não sei que essa transferência tão esperada você a pediu para fugir da Beatriz.

ROGÉRIO — Sim, Luiz. Eu quero me libertar daquela criatura. Se continuar a seu lado acabarei me escravizando. Ficando aqui, vendo-a todos os dias, eu não terei forças para abandoná-la. E eu não quero, absolutamente, não quero me prender.

LUIZ — Pois eu cheguei a pensar que você casaria com ela.

ROGÉRIO — Cheguei a pensar nisso. Imagine você. E que escândalo não seria, hein? Sim, porque o passado de Beatriz não é dos mais honrosos para um marido.

LUIZ — Mas quem sabe se o presente a redime? Ela o ama tanto, Rogério e lhe tem sido tão fiel...

ROGÉRIO — Pois é, mas mesmo assim eu quero evitar essa loucura. E por isso mesmo eu quero fugir. Ficando aqui eu não resisto ao bem que me quero.

LUIZ — Então você acaba ficando aqui...

ROGÉRIO — Não, Luiz. Você não conhece a minha força de vontade. Eu quando tomo uma resolução sou inabalável como uma rocha, meu amigo. Você vai ver, você vai ver...

(Música)

LUIZ — Então, Manuel? Já foi ver a correspondência?

MANUEL — Já, dr. Luiz. Aqui estão os jornais. Vem um retrato do dr. Geraldo aqui nesta folha. Está parecido, não está?

LUIZ — Naturalmente que está parecido. Não é o retrato dele?

MANUEL — Isto não quer dizer nada, doutor. O que a gente vê nos jornais é até o contrário. Se eles não pusessem o nome das pessoas em baixo, só mesmo por adivinhação é que a gente sabia quem é.

LUIZ — Hum... mas que sucesso tem feito o Geraldo! Conferências sobre conferências. Recepções em todos os Estados. Bravos! Que brilhareco está fazendo o senhor meu cunhado.

MANUEL — Ele já está no Brasil, não é dr. Luiz?

LUIZ — Já. Há muito tempo que ele vem vindo por aí. Ele tem passado pelas capitais do País, fazendo conferências sobre os estudos que fez na Europa. Ele está fazendo um bonito, Manuel!

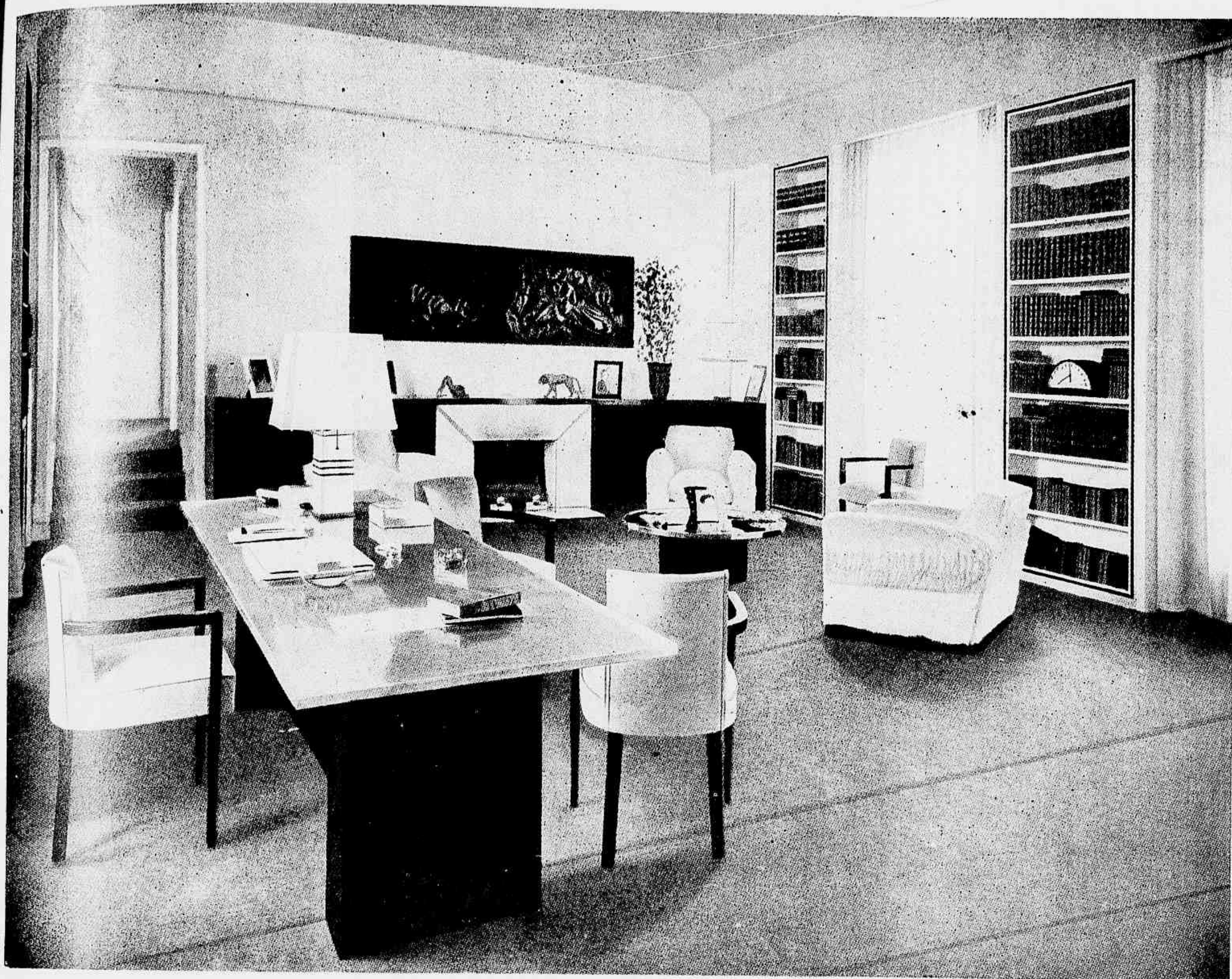
MANUEL — Enquanto isso a dona Celeste vai fazendo as maluquices dela por aqui.

LUIZ — E' uma doida aquela mulher.

MANUEL — Um dia dêsse eu encontrei a Maria no mercado, e ela me disse que a dona Celeste está morando num cochicholo lá em Ramos.

LUIZ — Que me diz, Manuel?

MANUEL — Isto mesmo, doutor. Disse que ela acabou perdendo tudo o que tinha. Vendeu todas as joias, botou



Escritório Moderno

Apresentamos hoje aos nossos leitores um modelo de escritório americano, mobilado no mais puro estilo moderno, com móveis de traçado retilíneo e simples.

Afora a cadeira posta junto à escrivaninha, compõe-se este moderno e luxuoso escritório de um grupo de poltronas estofadas em couro, uma estante baixa e fechada, que se vê ao fundo, e mais dois destes móveis postos ao lado da porta de entrada.

A escrivaninha, feita de acôrdo com os novos métodos empregados nos Estados Unidos na arte mobiliária, é toda trabalhada em madeira clara e forrada por uma ampla lâmina de vidro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



MENSAGEM AOS CIDADÃOS DAS AMÉRICAS

Devotando as suas instalações mundiais e 18 anos de experiência nas rotas aéreas internacionais ao problema do transporte de carga vital e de passageiros que precisam viajar pelas Américas em tempo de guerra, a Pan American estabeleceu, em 1944, novos records em cada uma de suas atividades. Por exemplo: nos primeiros 9 meses de 1944 percorreu um número de quilômetros-passageiro superior em 22% ao de igual período de 1943. Prova da utilização mais eficiente do material disponível é o fato de ter sido esse tráfego alcançado com um aumento de apenas 5% de quilômetros-avião.

Embora fosse quasi impossível obter equipamento novo, a Pan American conseguiu, nos 3 trimestres de 1944, transportar 190.366 passageiros entre as principais cidades das Américas, contra 157.472 no ano anterior. Assim, 300 capitais e centros comerciais se viram mais intimamente unidos, por um sistema de aproximação continental. Todos os carregamentos bélicos possíveis e o máximo de mercadorias internacionais seguiram pela mesma via. Até setembro de 1944, 16.183.000 kg voaram pelos céus americanos, contra 13.173.000 em 1943: mais 23% de carga, levada aos pontos onde urgentemente a necessitavam.

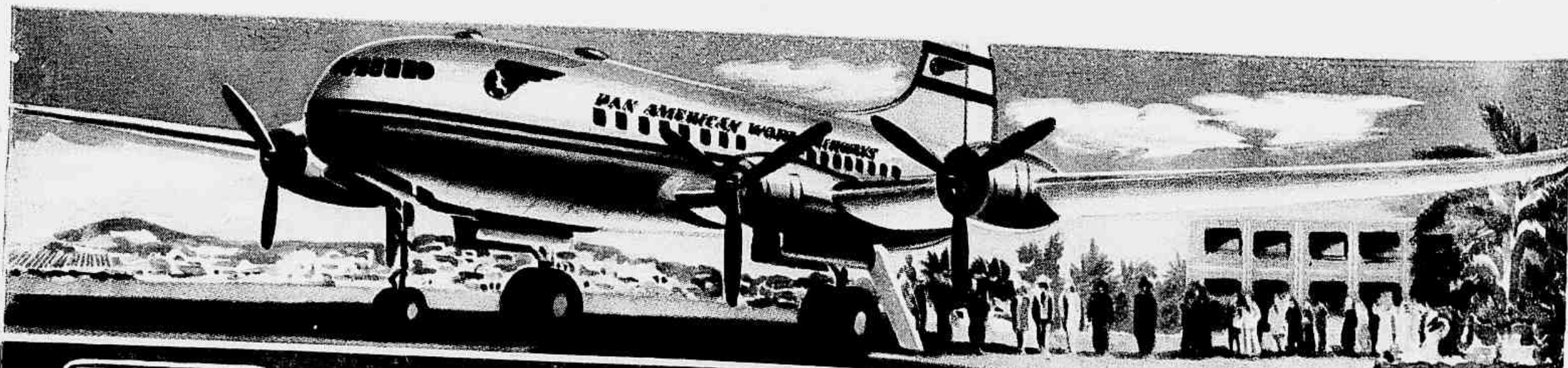
Os "Planos de Paz" da Pan American incluem novos e gigantescos "Clippers", que trilharão as rotas aéreas universais, para que amanhã "o mundo inteiro seja seu vizinho."



Ouçã AQUARELAS DO BRASIL

Todas as 6as-feiras das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Evocação sonora da tradição musical e do folclore nacionais. Um magnífico programa com grandes orquestras e coros mixtos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.

GRANT



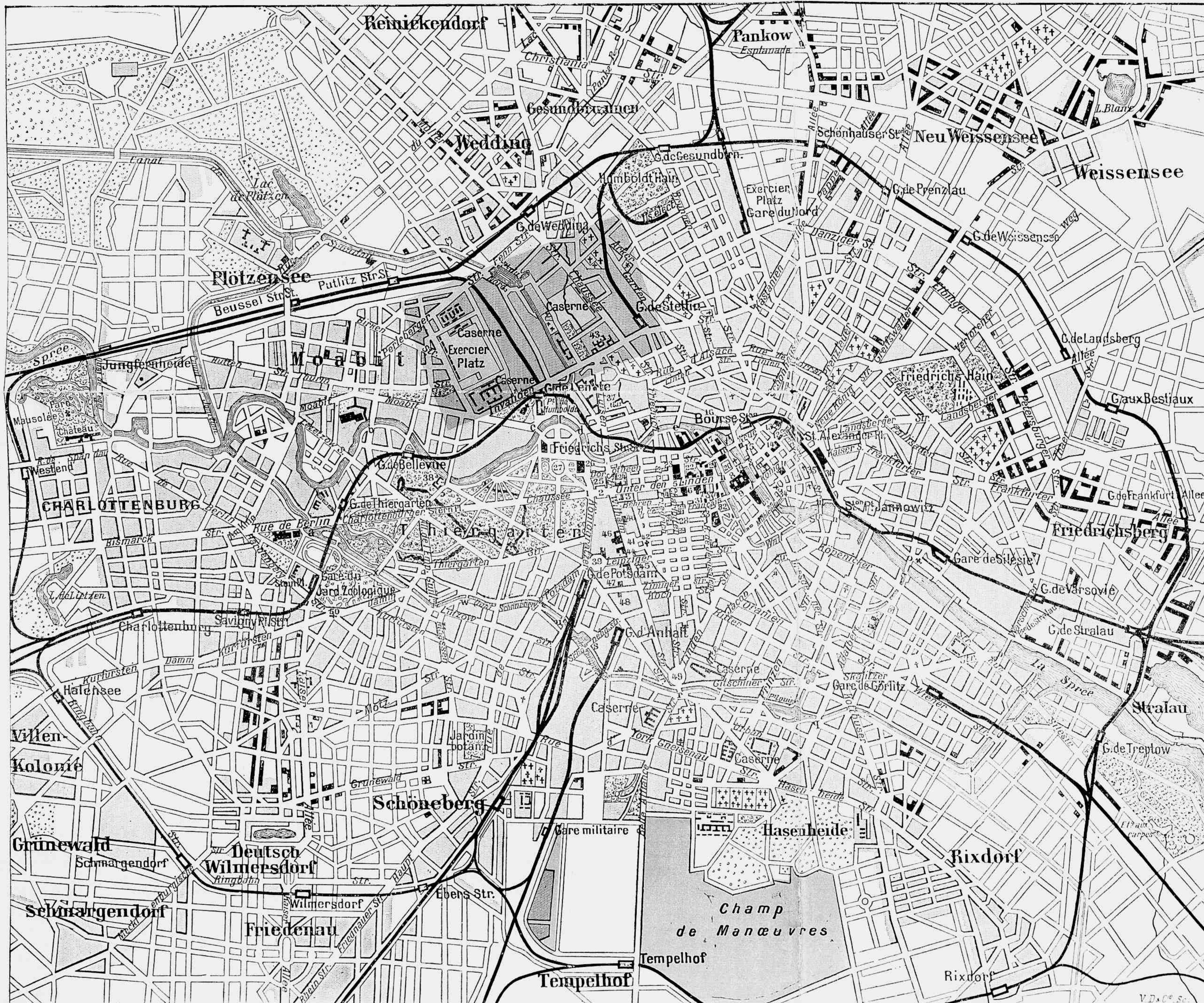
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Réde dos Clippers

REVISTA DA SEMANA

SUPLEMENTO DE GUERRA

Berlim, objetivo imediato dos aliados



Berlim, o ponto "chão" sobre o qual se exercem estudos em conexão das fronteiras alemãs, após uma grande cidade onde se encontram muitos e fortes fortificações. E, antes de mais nada, um centro militar importante, o ponto estratégico de capital alemã, por a defesa de toda a Prússia e uma cidade significativamente política.

Assim a necessidade de uma estrutura não só como uma base estratégica, mas também como uma base de operações militares, como também uma base de operações militares, como também uma base de operações militares.

Esta por que os Aliados estão esperando o tempo e a oportunidade para a captura de Berlim, o ponto "chão" sobre o qual se exercem estudos em conexão das fronteiras alemãs, após uma grande cidade onde se encontram muitos e fortes fortificações.

Assim a necessidade de uma estrutura não só como uma base estratégica, mas também como uma base de operações militares, como também uma base de operações militares, como também uma base de operações militares.

Esta por que os Aliados estão esperando o tempo e a oportunidade para a captura de Berlim, o ponto "chão" sobre o qual se exercem estudos em conexão das fronteiras alemãs, após uma grande cidade onde se encontram muitos e fortes fortificações.

Assim a necessidade de uma estrutura não só como uma base estratégica, mas também como uma base de operações militares, como também uma base de operações militares, como também uma base de operações militares.

Esta por que os Aliados estão esperando o tempo e a oportunidade para a captura de Berlim, o ponto "chão" sobre o qual se exercem estudos em conexão das fronteiras alemãs, após uma grande cidade onde se encontram muitos e fortes fortificações.

Assim a necessidade de uma estrutura não só como uma base estratégica, mas também como uma base de operações militares, como também uma base de operações militares, como também uma base de operações militares.

Esta por que os Aliados estão esperando o tempo e a oportunidade para a captura de Berlim, o ponto "chão" sobre o qual se exercem estudos em conexão das fronteiras alemãs, após uma grande cidade onde se encontram muitos e fortes fortificações.

Assim a necessidade de uma estrutura não só como uma base estratégica, mas também como uma base de operações militares, como também uma base de operações militares, como também uma base de operações militares.

Esta por que os Aliados estão esperando o tempo e a oportunidade para a captura de Berlim, o ponto "chão" sobre o qual se exercem estudos em conexão das fronteiras alemãs, após uma grande cidade onde se encontram muitos e fortes fortificações.

Assim a necessidade de uma estrutura não só como uma base estratégica, mas também como uma base de operações militares, como também uma base de operações militares, como também uma base de operações militares.

Esta por que os Aliados estão esperando o tempo e a oportunidade para a captura de Berlim, o ponto "chão" sobre o qual se exercem estudos em conexão das fronteiras alemãs, após uma grande cidade onde se encontram muitos e fortes fortificações.

O Pacífico em Guerra

A guerra no Pacífico entra agora em sua fase culminante.

O mundo inteiro julgava a princípio que a parte mais demorada da campanha de extinção do militarismo seria justamente a luta contra o Japão, a quem a traição de Pearl Harbor e a surpresa dos ataques levados a efeito logo ao se declarar a guerra deram alguns sucessos iniciais, dos quais se aproveitaram os nipões para firmarem-se em algumas posições insulares do Grande Oceano.

Vem depois o ataque a Manila, cidade aberta apanhada de surpresa pelos bombardeiros nipônicos, que em sua fúria assassina fizeram voar pelos ares hospitais e escolas, num dos mais devastadores bombardeios aéreos de todos os tempos. Vinda do oriente, sob a proteção das colunas de aviões, a marinha japonesa acabou de pulverizar as defesas da ilha mártir, terminando por lançar no seu litoral uma grande força de desembarque, que se apossou de Manila e terminou em alguns dias a ocupação total de Luzon.

Ficaram entretanto na ilha, entregues a atividades de sabotagem, heróicas guerrilhas compostas de nativos filipinos e residentes americanos, que durante os dois anos de ocupação prejudicaram em grande escala os trabalhos militares das tropas de ocupação.

A ofensiva de Mac Arthur, na qual as autoridades nipônicas — inteiramente entregues ao delírio da invencibilidade de sua máquina de guerra — não acreditavam até há pouco, levou as tropas americanas a libertarem Manila, aproximando-se assim sensivelmente do território nipon.

Os aviões das bases insulares passaram a bombardear Tóquio e Osaka, além de outras posições estratégicas da ilha Formosa, destruindo outro sonho dos chefes militares japoneses, que jamais contavam com a possibilidade de um ataque aéreo ao território metropolitano do Mikado.

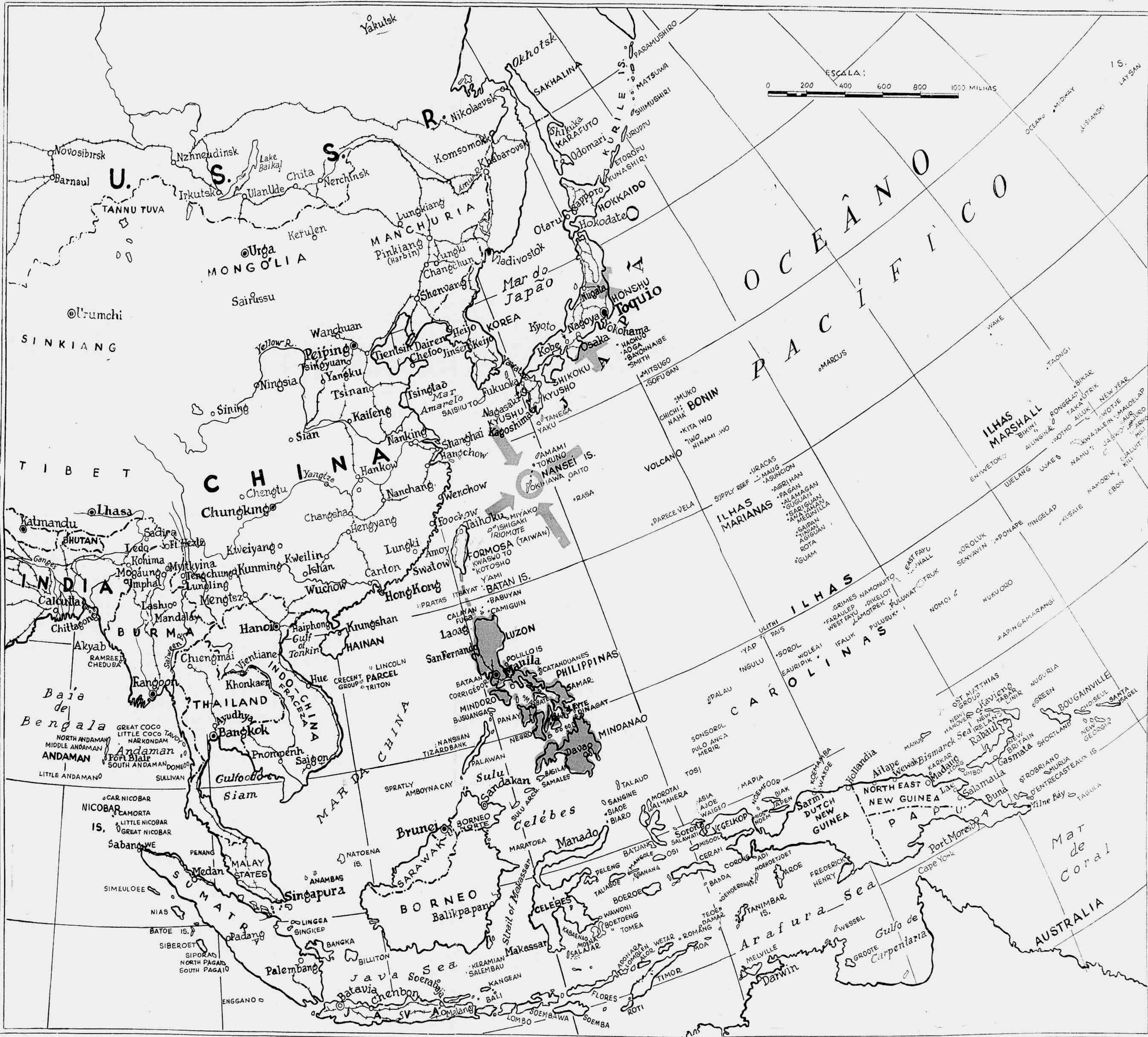
Agora informam as últimas notícias do desembarque levado a efeito pelos fuzileiros navais dos Estados Unidos na ilha Okinawa, a primeira do grupo Ryukyu, o que põe os soldados de Tio Sam, pela primeira vez, dentro de uma colônia nipônica.

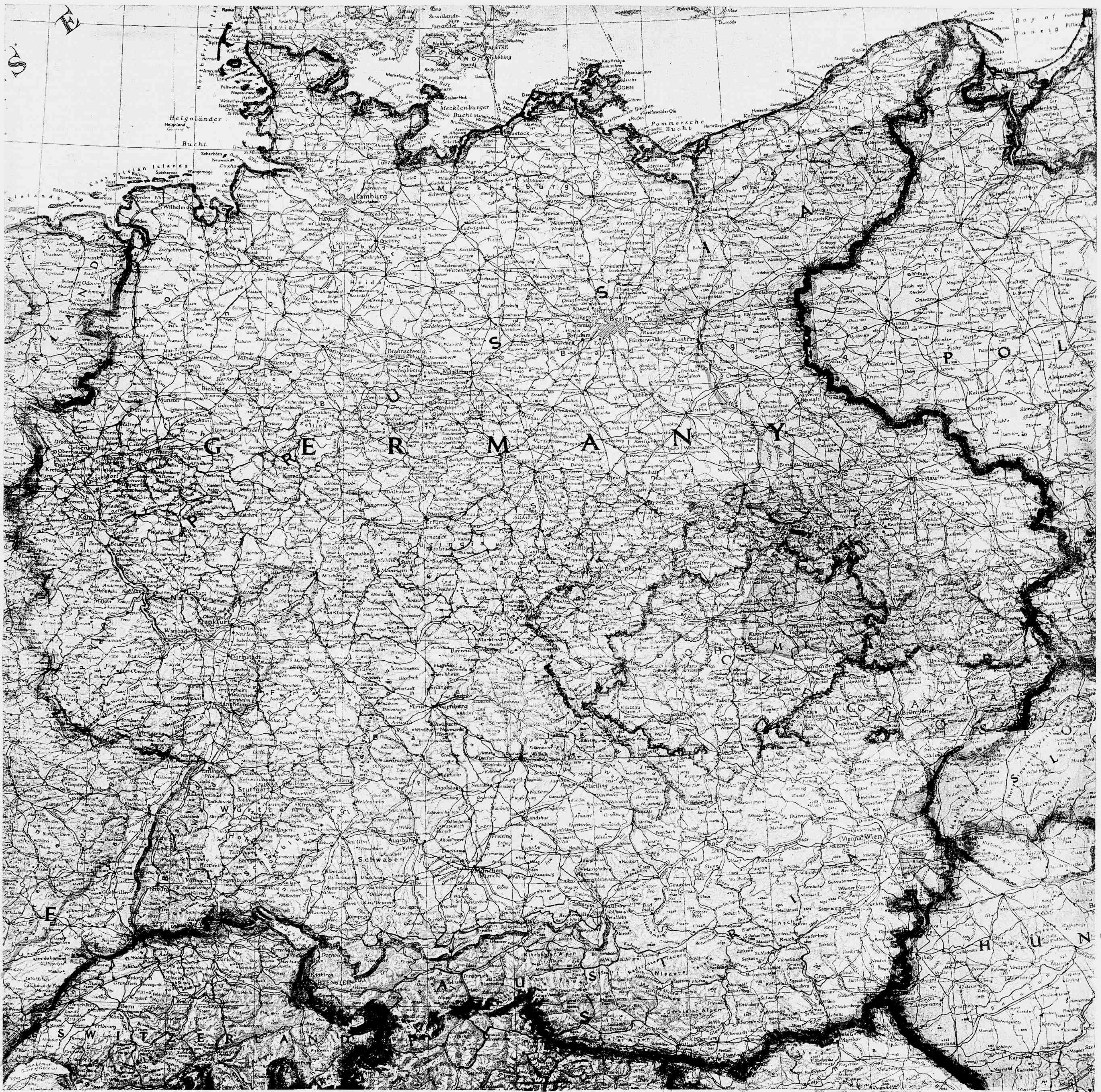
Esse desembarque representa a maior operação anfíbia jamais verificada, e constitui, de início, a maior e mais expressiva vitória conseguida até agora pelos soldados americanos no Pacífico.

Foram empregados para a grande invasão nada menos de 1.500 navios de várias toneladas, além de 2.700 aviões do exército e da marinha estadunidenses, que cobriram as operações de desembarque com um bombardeio arrasador. Tomaram parte nessa operação anfíbia contranavios de 45.000 toneladas e do bombardeio participaram super-fortalezas voadoras.

Do momento em que era encerrado este suplemento de guerra as tropas americanas já se haviam firmado no litoral, e avançavam para o interior de Okinawa com grande ímpeto.

(Estes mapas se referem à situação verificada até o dia 2 de abril.)





A situação da Alemanha

O III Reich está agora ameaçado em seu centro vital pelas forças das Nações Unidas, que invadem de todos os lados para o coração da Alemanha, na arremetida que parece ser a decisiva derradeira contra os baluartes nazifascistas da Europa.

Dessa grande ofensiva geral esperase a vitória decisiva contra a Alemanha. E ela, por certo, tem como objetivo imediato o fim da guerra na Europa. O avanço geral toma um aspecto cada dia mais intenso. Da frente invadem os russos contra Berlim, seguindo os alemães de Odesa, e as unidades aliadas destruídas um a um a passagem dos campos de batalha das várias frentes.

Na frente ocidental a atividade da infantaria motorizada tem sido intensa. O Reno foi atravessado em vários pontos, e já se encontram em suas margens orientais grandes massas de homens e máquinas, que combatem agora dentro

de território da Renânia e da Ruhr. Isso aconteceu para a Wehrmacht a perda de uma de suas maiores fontes de abastecimento, pois era ali que se abasteciam os tanques, os "jacks" e os aviões do exército de Hitler.

Por outro lado, a armada Luftwaffe de Hermann Goering está agora inativa e não impede mais com as bombas alemãs as forças aliadas e americanas, pela a falta de aviões de combate alemães se empenha em operações de varredura de linhas, para retardar o mais possível a entrada dos russos em Berlim.

E mais uma vez se afirma a verdade daquela frase de Hitler: "A Alemanha não poderá nunca lutar simultaneamente em duas frentes".

Hoje, mais que nunca, se vê o Reich envolver num círculo de ferro e fogo, que se aperta aos poucos em redor de sua capital. As setas do mapa apontam a direção tomada pelos avanços aliados.

As últimas notícias da frente da captura de Munique, capital de Westphalia, pelos exércitos de Montgomery. Enquanto isso, 20 divisões aliadas avançam pela Holanda, ameaçando a Itália fronteiriça. Bem como, após um intenso preparativo de artilharia e aviação. Agora, que as tropas de este se aproximam de Osnabrück, outro importante centro da defesa alemã, a Wehrmacht parece ameaçada de um colapso próximo, que se caracteriza pelo aumento progressivo na velocidade de avanço dos exércitos de libertação.

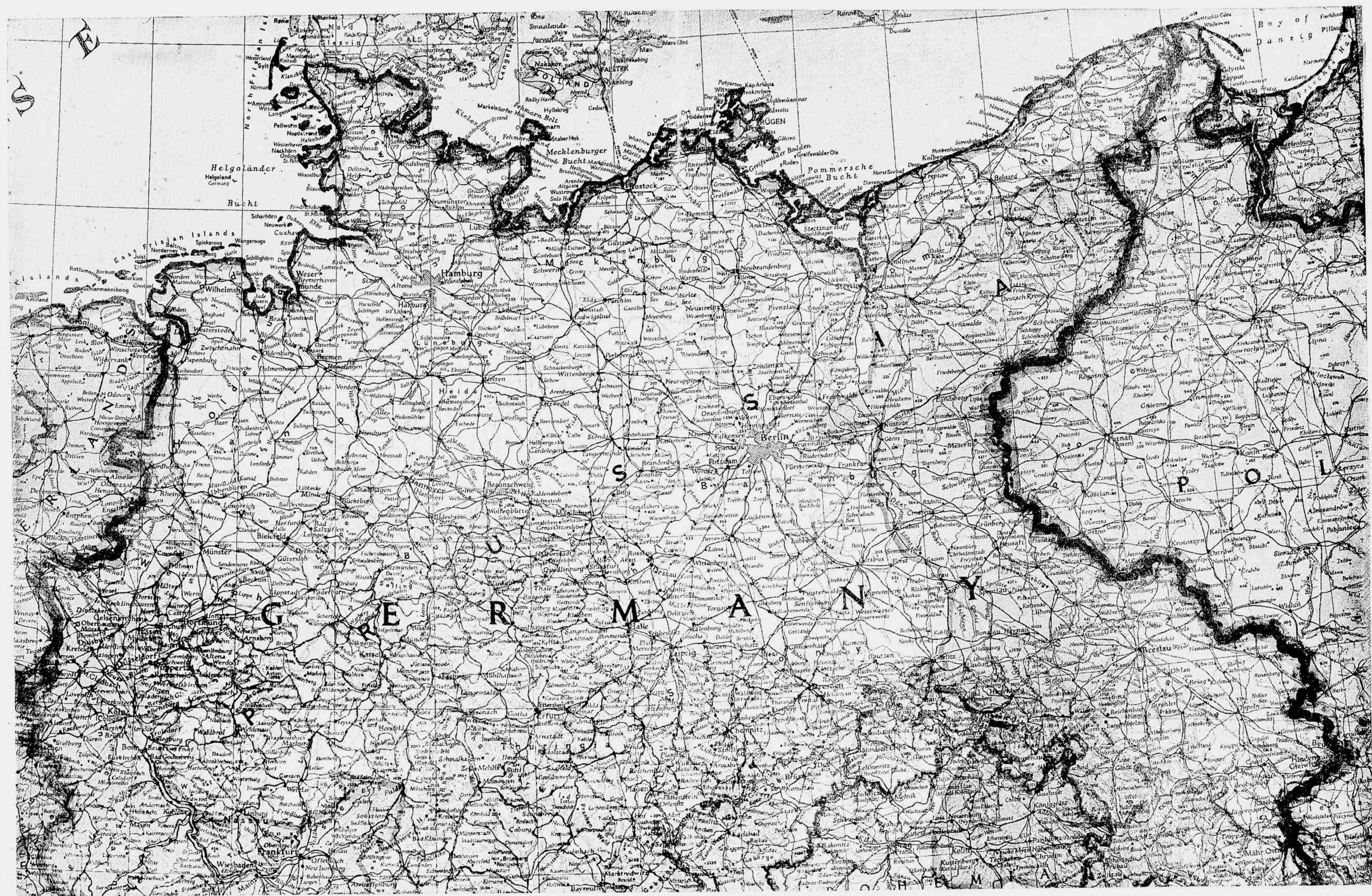
A ofensiva russa se divide em três ramos diversos, facilitando o emprego da velha tática dos exércitos vermelhos, que consiste em atacar sempre onde o inimigo não espera. Esses três caminhos, diretos todos a Berlim, estão sendo seguidos pelos russos na direção de Stettin, ao norte, visando o isolamento completo do Jülich-Böcker, outra ofensiva se lança, partindo da Oder, em linha

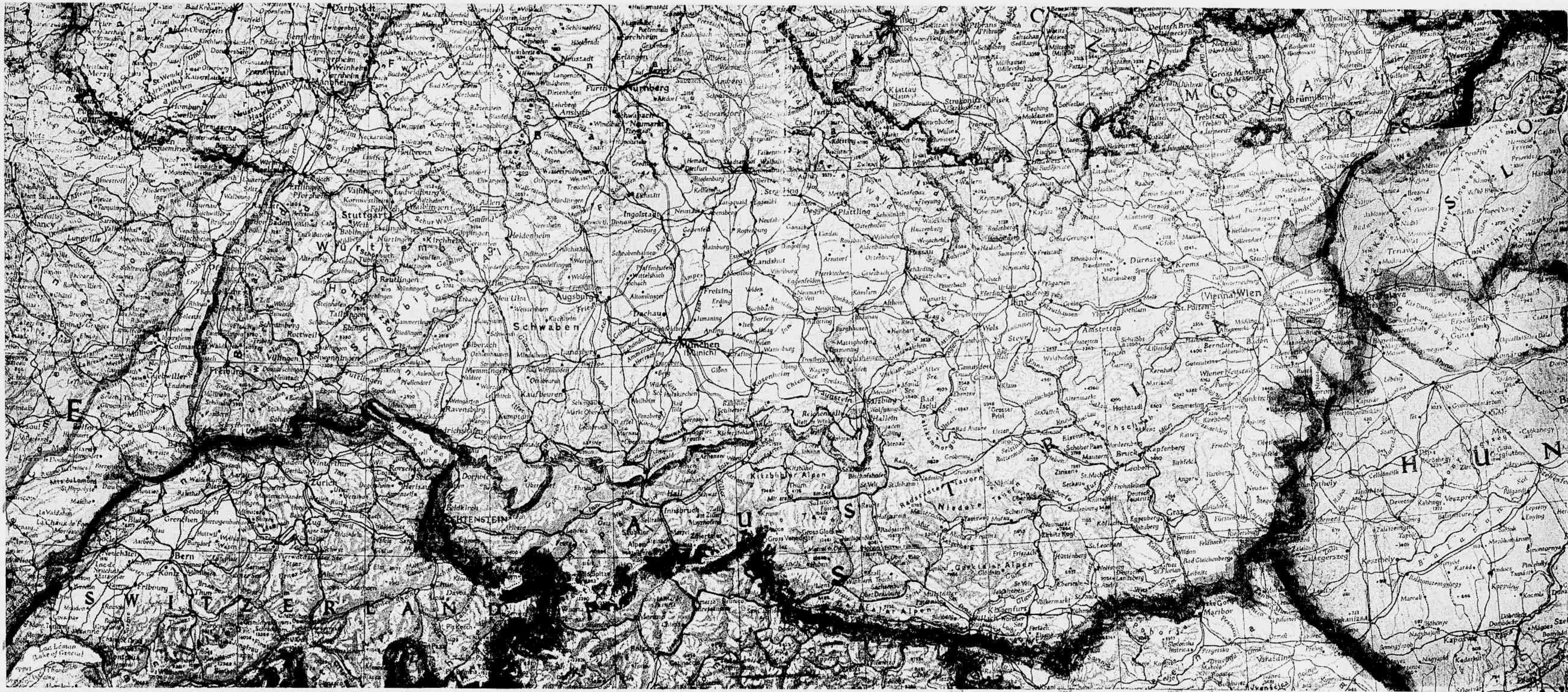
reto contra a capital alemã, e finalmente, a terceira e mais poderosa ofensiva, que se avança para Viena, feita em movimento de tenaz.

De todas essas ofensivas coordenadas resulta uma situação crítica para os nazistas, que se vêem agora encerrados em um território quase totalmente cercado, e ocupado por suas próprias forças em abril de ano passado, e onde se movimentam a custo as colunas de abastecimento.

Com as indústrias ameaçadas de paralisação total, com o seu exército reduzido ao mínimo, com tropas pouco treinadas com o sistema de comunicações e transportes abalado a Império Alemão se encontra cada dia mais a procura construir em torno a Berlim uma muralha defensiva que retarde o avanço aliado e a queda inevitável da cidade.

Mas também essa muralha há de cair, como caíram as outras defesas nazistas.





A situação da Alemanha

O III Reich está agora amesquado em seu centro vital pelas forças das Nações Unidas, que investem de todos os lados para o cerceio da Alemanha, na arremetida que parece ser a ofensiva derradeira contra os belzardes nazi-fascistas da Europa.

Dessa grande ofensiva geral espera-se a vitória decisiva contra a Alemanha. E ela, por certo, tem como objetivo imediato o fim da guerra na Europa.

O avanço geral tem um aspecto cada dia mais intenso. Do leste invadem os russos contra Berlim, sobrepando as defesas da Oder, cujas posições vão sendo destruídas um a um à passagem das vanguardas blindadas dos exércitos soviéticos.

Na frente ocidental a atividade da infantaria motorizada tem sido intensa. O Reno foi atravessado em vários pontos, e lá se encontram em suas margens orientais grandes massas de homens e máquinas, que combatem agora dentro

da corrente da Renânia e do Ruhr. Isso obrigou para o Wehrmacht a perda de uma de suas maiores fontes de abastecimento, pois era ali que se alimentavam os tanques, os "lunks" e os aviões do exército de Hitler.

Por outro lado, a amada Luftwaffe de Herr Goering está agora inativa e vê-se impotente para zangar os bombardeiros em massa dos ingleses e americanos, pois a frota de aviões de combate alemã se empenha em operações de varredura de libélulas, para retardar a mais possível a entrada dos russos em Berlim.

E mais uma vez se afirma a verdade daquela frase de Hitler: "A Alemanha não poderá nunca lutar simultaneamente em duas frentes".

Hoje, mais que nunca, se vê o Reich envolto num círculo de ferro e fogo, que se aperta aos poucos em redor de sua capital. As setas da morte assinalam a direção tomada pelos avanços aliados.

As últimas notícias dão conta da captura de Münster, capital de Westphalia, pelos exércitos de Montgomery. Enquanto isso, 29 divisões aliadas avançam pela Holanda, ameaçando a linha fronteiriça. Bonn caiu, após um intenso preparativo de artilharia e aviação. Agora, que as tropas de oeste se aproximam de Osnabrück, outro importante centro da defesa alemã, o Wehrmacht parece ameaçado de um colapso próximo, que se caracteriza pelo aumento progressivo na velocidade do avanço dos exércitos da libertação.

A ofensiva russa se divide em três ramos diversos, facilitando o empêgo da velha tática dos exércitos vermelhos, que consiste em atacar sempre onde o inimigo não espera. Esses três caminhos, diretos todos a Berlim, estão sendo seguidos pelos russos na direção de Stettin, ao norte, visando o isolamento completo do front báltico; outra ofensiva se lança, partindo da Oder, em linha

reta contra a capital alemã; e, finalmente, a terceira junta da grande manobra é o avanço para Viena, feito em movimento de tenar.

De todas essas ofensivas coordenadas resultou uma situação crítica para os nazistas, que se vêem agora encurralados em um território quase três vezes menor que o ocupado por suas forças em abril de ano passado, e onde se maximizam a custo as colunas de abastecimento.

Com as indústrias ameaçadas de paralisação total, com o seu exército reduzido ao mínimo, com tropas pouco treinadas, com o sistema de comunicações e transportes abalado, o Império Alemão se encolhe cada dia mais, e procura construir, em torno a Berlim, uma muralha defensiva que retarde de alguns dias a queda inevitável da cidade.

Mas também essa muralha há de cair, como caíram as outras cidadelas nazistas.



A LUTA
NOS
APENINOS

De todos os pontos de vista, uma das mais importantes e mais interessantes das lutas que se travaram no decorrer da campanha italiana, foi a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país. Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país.

Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país. Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país.

Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país. Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país.

Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país. Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país.

Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país. Esta luta foi travada em diversas frentes, sendo a mais importante a luta pelo controle da linha de comunicação entre o norte e o sul do país.

MEDITERRANEO

ITALIA





De todas as guerras talvez uma das mais cruéis seja a que hoje se desenvolve na Itália neste rude fim de inverno, que tão rigoroso se tem mostrado para as regiões alpinas das montanhas e dos cumes das Apénnias, onde avançam pouco a pouco as forças da libertação, conquistando, à custa de um heroísmo indomito e de um sangue bravo, cada metro quadrado de terreno coberto de neve.

Esta guerra pode ser mesmo considerada, a rigor, uma guerra de posição, após os combates que se desenvolveram nos setores de Verdun e Champagne de 1915 a 1917. Os homens, transados dentro de suas covas de rocha, esperam dias e dias pela ordem de avançar, enquanto a artilharia prepara pacientemente o ataque, e os combates de guerra mudam pouco a pouco, num duelo infernal.

Allí não se nota o avanço rápido das tropas motorizadas, nem se sucedem os combates decisivos em campo aberto como nas planícies da Pomerânia ou no vale do Reno. O terreno escarpado se estende, infindo e impraticável, diante dos soldados que sobem as encostas, inclinando-se sob o fogo dos metralhadores e das balas pesadas das artilharias inimigas. Por isso mesmo cada vitória tem um valor mais amplo, cada conquista, por menor que seja, representa maior heroísmo.

Durante muito tempo os alemães mantiveram posições elevadas em Monte Castelo e Castelnuovo, de onde os desalojaram os nossos bravos patriotas da F. E. B.

E, não satisfeitos com esse exemplo de bravura e valor militar, os soldados do Brasil continuam a avançar com os exércitos americanos, lançando-se ao ataque quando se faz necessário, aquecidos, com um espírito de sacrifício a toda prova, as privações e a angústia da guerra de posição.

É um erro pensar que, pelas raras e espaçadas modificações na linha de combate, a guerra na Itália tem um valor secundário. Não fora o papel decisivo que a frente italiana representa como bastião da liberdade na Península, a sua influência na vitória final seria assimada ainda pela permanência nas Apénnias do grande número de divisões alemãs, que assim aliviam as forças russas e anglo-americanas das 1.ª e 2.ª frentes. Além disso, das bases aéreas peninsulares decolam aparelhos de bombardeio que pulverizam as indústrias do norte da Itália, de onde saíam muitas granadas e muitos "tanques" para a luta contra russos e ingleses.

Nossos bombardeiros têm tido papel importante os aviadores da F. A. B., cujos aparelhos vêm agindo com precisão contra as indústrias e as quartéis dos arredores de Milão, um dos maiores centros industriais de que dispunha Mussolini. Essa ação dos nossos brasileiros tem sido elogiada pelo comando aliado na Itália, que reconhece nas nossas tropas um dos fatores preponderantes do bom êxito das operações na frente de Itália.

Agora, embora ainda em ritmo moderado, continuam os avanços aliados contra o norte da Península em três direções: contra Bologna, mais ao leste, e, na parte ocidental, em dois sentidos, partindo de Monte Castelo e Castelnuovo, as duas posições estratégicas conquistadas pelo heroísmo dos soldados da F. E. B.